

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

AMANDA DINIZ VALLADA

**INVENTANDO A DIFERENÇA:
IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS E HISTÓRIA NATURAL DOS DISCURSOS DO
NOVO BIOLOGISMO**

GOIÂNIA

2021



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva da autora. Ao encaminhar o produto final, a autora e a orientadora firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Amanda Diniz Vallada

3. Título do trabalho

Inventando a diferença: Ideologias linguísticas e história natural dos discursos do novo biologismo

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pela orientadora)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Joana Plaza Pinto, Professor do Magistério Superior**, em 24/03/2021, às 18:05, conforme horário oficial de



Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **AMANDA DINIZ VALLADA, Discente**, em 24/03/2021, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1959134** e o código CRC **A054E0EF**.

Referência: Processo nº 23070.003242/2021-60

SEI nº 1959134



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Amanda Diniz Vallada

3. Título do trabalho

Inventando a diferença: Ideologias linguísticas e história natural dos discursos do novo biologismo

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Amanda Diniz Vallada, Discente**, em 29/03/2023, às 08:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Plaza Pinto, Professor do Magistério Superior**, em 03/04/2023, às 09:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3630235** e o código CRC **5ED57EAD**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

AMANDA DINIZ VALLADA

**INVENTANDO A DIFERENÇA:
IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS E HISTÓRIA NATURAL DOS DISCURSOS DO
NOVO BIOLOGISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientadora: Profa. Dra. Joana Plaza Pinto

GOIÂNIA

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Vallada, Amanda Diniz

Inventando a diferença [manuscrito] : ideologias linguísticas e história natural dos discursos do novo biologismo / Amanda Diniz Vallada. - 2021.

97 f.

Orientador: Profa. Dra. Joana Plaza Pinto.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2021.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Novo biologismo. 2. Mobilidade textual. 3. Ideologias linguísticas. 4. Diferença sexual. I. Pinto, Joana Plaza, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **07** da sessão de Defesa de Dissertação de Amanda Diniz Vallada, que confere o título de Mestra em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um, a partir das 9h30m, via Plataforma RNP realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "Inventando a diferença: Ideologias linguísticas e história natural dos discursos do novo biologismo" Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Joana Plaza Pinto (FL-UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Branca Falabella Fabrício (UFRJ), membro titular interno; Professora Doutora Dilys Karen Rees (FL-UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Joana Plaza Pinto, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Joana Plaza Pinto, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2021, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dilys Karen Rees, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2021, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Branca Falabella Fabrício, Usuário Externo**, em 17/03/2021, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1949082** e o código CRC **5B8CE55E**.

AGRADECIMENTOS

Às pessoas da família Machado Diniz, pelas afinidades e contrastes.

À Joana, por eu sempre ter saído das reuniões de orientação mais motivada do que quando entrava, pela direção continuamente interessada e gentil, e pelo grupo de orientação coletiva, que desmancha o engano de pós-graduação solitária e individual, mesmo quando separadas pela pandemia.

A todas as amigas do grupo de orientação, especialmente à Ana Luiza, à Camila e à Thaís, as “garotas do programa”, que dividem comigo informações valiosas (altas fofocas) e as mais engraçadas figurinhas, e à Carol (a Fernanda), que vê meus planos imprecisos tomarem forma.

Às minhas amigas da Literatura, Duda, Isabella, Sammea e Victória. As conversas com vocês sempre melhoram o meu dia!

À Carol (a Aires), por há anos contribuir na minha vida com análises sobre gênero e sobre Masterchef.

À Profa. Dilys Karen Rees e à Profa. Eliane Gonçalves, pelas avaliações e sugestões na qualificação que impulsionaram minhas tentativas de refinar esta pesquisa.

Ao Prof. André Marques do Nascimento, pela suplência na qualificação e na defesa e pela generosa disciplina Tópicos em Língua e Cultura.

À Profa. Branca Falabella Fabrício e, novamente, à Profa. Dilys Karen Rees, por aceitarem fazer parte do momento que encerra esta etapa.

À Alexandra Elbakyan, pelo Sci-Hub, que promove acesso a milhões de artigos publicados em periódicos de acesso restrito. Uma extraordinária popularizadora da ciência!

*Single vision produces worse illusions than double
vision or many-headed monsters.*

Donna Haraway

RESUMO

Meu objetivo neste trabalho é investigar as relações entre a mobilidade dos textos do novo biologismo e as ideologias linguísticas. Sendo o novo biologismo o discurso popular e acadêmico que diferencia neurocientificamente mulheres e homens, conforme Deborah Cameron (2009, 2010, 2014), sendo a mobilidade textual os movimentos adaptáveis dos discursos em diferentes textos e contextos, segundo Richard Bauman e Charles Briggs (1990), Jan Blommaert (2008) e Michael Silverstein e Greg Urban (1996), sendo as ideologias linguísticas nossas conceitualizações sobre língua, sobre práticas linguísticas e sobre as pessoas que se engajam nas práticas linguísticas, como indicam as interpretações de Judith Irvine (1989, 2001), Judith Irvine e Susan Gal (2000) e Paul Kroskrity (2004), e, ainda, sendo as ideologias linguísticas agentes limitadores das possibilidades de como o discurso pode se mover, como observa Mary Bucholtz (2003), coloco-me a seguinte pergunta: como o novo biologismo é recontextualizado em eventos cristãos e em materiais de popularização da ciência, e de que forma atuam as ideologias linguísticas nas recontextualizações? Etnograficamente fabricado com o apoio das leituras que danah boyd e Kate Crawford (2012), Christine Hine (2000, 2015), Piia Varis (2014) e Piia Varis e Mingyi Hou (2020) fazem da etnografia digital e dos dados digitais, meu material empírico é formado por eventos cristãos (católicos e evangélicos) e textos que visam popularizar as pesquisas da neurociência sobre a diferença entre mulheres e homens. A partir da base empírica, discuto as atualizações das relações de gênero e da diferença sexual feitas pelo novo biologismo. Abordo a manipulação de repertórios e recursos que constituem o discurso recontextualizado e como as ideologias linguísticas operam no sentido de sedimentar valores tradicionalmente femininos e masculinos e de garantir a coerência entre os discursos, conectando explicações metafóricas ilustrativas e repertórios de cientificidade variada. Ao final, concluo que o novo biologismo é uma atualização contemporânea da diferença sexual, um discurso que se configura como um emblema cultural.

Palavras-chave: Novo biologismo. Mobilidade textual. Ideologias linguísticas. Diferença sexual.

ABSTRACT

My goal in this work is to investigate the relations between the mobility of new biologism texts and language ideologies. Since new biologism is the popular and academic discourse that neuroscientifically differentiates women and men, according to Deborah Cameron (2009, 2010, 2014), since textual mobility is the adaptive movements of discourses across different texts and contexts, according to Richard Bauman and Charles Briggs (1990), Jan Blommaert (2008) and Michael Silverstein and Greg Urban (1996), since language ideologies are our conceptualizations about language, about linguistic practices and about people engaging in linguistic practices, as indicated by the interpretations of Judith Irvine (1989, 2001), Judith Irvine and Susan Gal (2000) and Paul Kroskrity (2004), and, still, since language ideologies are limiting agents of the possibilities of how a discourse can move, as Mary Bucholtz (2003) observes, I set myself the following question: how is the new biologism recontextualized in Christian events and in science popularizing materials, and how do language ideologies act in such recontextualizations? Ethnographically manufactured with the support of danah boyd and Kate Crawford's (2012), Christine Hine's (2000, 2015), Piia Varis' (2014) and Piia Varis and Mingyi Hou's (2020) readings of digital ethnography and digital data, my material is formed by Christian events (catholic and protestant) and by texts that aim to popularize neuroscience research on the difference between women and men. With the empirical basis, I discuss the updates of gender relations and sexual difference made up by new biologism. I address the manipulation of repertoires and resources that constitute recontextualized discourse and how language ideologies operate settling traditionally feminine and masculine values and ensuring coherence between discourses, insofar as they connect illustrative metaphorical explanations and varied scientific repertoires. In the end, I conclude that new biologism is a contemporary update of sexual difference, a discourse that is a cultural emblem.

Keywords: New biologism. Textual mobility. Language ideologies. Sexual difference.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Postagem no perfil de Ana Paula Valadão no Instagram	46
Figura 2 – Entrevista de Schwartzman (trecho 1)	70
Figura 3 – Entrevista de Schwartzman (trecho 2)	71
Figura 4 – Entrevista de Schwartzman (trecho 3)	72
Figura 5 – Entrevista de Schwartzman (trecho 4)	73
Figura 6 – Entrevista de Schwartzman (trecho 5)	74
Figura 8 – Texto de Rennó Jr. (trecho 1)	76
Figura 9 – Texto de Rennó Jr. (trecho 2)	77
Figura 10 – Texto de Criado (trecho 1)	83
Figura 11 – Texto de Criado (trecho 2)	84
Figura 12 – Texto de Teixeira (trecho 1)	85
Figura 13 – Texto no site <i>A mente é maravilhosa</i> (trecho 1)	86
Figura 14 – Texto no site <i>A mente é maravilhosa</i> (trecho 2)	86
Figura 15 – Texto de Gomes (trecho 1)	87

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Material empírico selecionado	49
Quadro 2 – Convenções de transcrição	51

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1 – Elementos teóricos para compreender o novo biologismo	18
1.1 – Sobre dualismos e diferenças	18
1.2 – Sobre ideologias linguísticas	30
Capítulo 2 – Elementos metodológicos para compreender o novo biologismo	35
2.1 – Sobre mobilidade textual	35
2.2 – Sobre etnografia digital	39
2.3 – Sobre a construção do material empírico da pesquisa	43
Capítulo 3 – Novo biologismo e relacionamento conjugal (ou por que as mulheres falam demais e os homens não fervem leite)	52
Capítulo 4 – Novo biologismo e habilidades cerebrais (ou por que as meninas não pilotam avião)	70
Conclusões	89
Referências	92

Introdução

Recuperar os caminhos que me fizeram traçar o tema desta pesquisa, minhas perguntas e objetivos, é um esforço complicado, porque não posso precisar com exatidão quando e como pensei em estudar as ideologias linguísticas e a mobilidade dos textos do novo biologismo, o discurso popular e acadêmico que localiza na biologia cerebral as diferenças entre mulheres e homens com base em sedutoras explicações e recursos neurocientíficos (CAMERON, 2010; 2014).

Na verdade, cheguei até aqui através do acúmulo de inúmeros textos e experiências, dentre as quais eu posso destacar quatro peças, em ordem tendenciosa e não cronológica.

A primeira peça é a leitura das produções da linguista britânica Deborah Cameron. Li Cameron pela primeira vez em 2017, quando fiz a disciplina de Pragmática, ministrada pela professora Joana Plaza Pinto. Desde então, Cameron é peça recorrente das minhas leituras, tanto sua obra acadêmica formal quanto as análises despreziosas e inspiradoras publicadas em seu blog [language: a feminist guide](#), o qual indico fortemente para toda pessoa que deseja conhecer as sobreposições entre gênero, sexismo e linguagem.

A segunda peça é a disciplina Tópicos em Língua e Cultura, ministrada pelo professor André Marques do Nascimento em 2017. O tópico da disciplina eram as ideologias linguísticas e com as leituras programadas pude expandir minha compreensão sobre a ação das ideologias linguísticas em diferentes contextos.

Em terceiro, está a leitura do texto *Contexto é/como crítica*, de Jan Bloammaert (2008), também feita em razão da disciplina de Pragmática. Com esse texto, conheci o enquadre teórico que estuda “o movimento do discurso através dos contextos” (BLOMMAERT, 2008, p. 107), e fui direcionada ao célebre *Poetics and performance as critical perspectives on language and social life*, de Richard Bauman e Charles Briggs (1990), e ao livro organizado por Michael Silverstein e Greg Urban (1996).

A quarta peça foi a releitura, em meados de 2019, do capítulo de Mary Bucholtz (2003) na primeira edição de *The handbook of language and gender*, lido no começo de 2018, quando escrevia minha monografia de bacharelado. Nas últimas páginas desse capítulo, Bucholtz explica porque é profícuo unir os estudos de história natural dos discursos aos estudos de ideologias linguísticas.

Talvez eu pudesse acrescentar uma quinta peça, meu próprio contato com situações em que surgiam comentários nos moldes do novo biologismo, pois o discurso da diferença sexual neurocientífica não vem apenas de pessoas ou cenários conservadores. Antes fosse. O novo

biologismo acontece também com intenção (ilusoriamente) lisonjeira às mulheres. Dos estereótipos degradantes aos elogiosos, ouve-se coisas como: mulheres falam demais; mulheres se descontrolam facilmente; mulheres não se sobressaem em matemática; mulheres não são boas com máquinas; mulheres não são focadas; mas elas têm uma fortuita qualidade, têm uma mente brilhante que é capaz de fazer várias coisas ao mesmo tempo. E os homens? Eles não têm essa capacidade das mulheres, mas em compensação são melhores em muitos outros aspectos. São diretos e falam apenas o essencial. Eles conseguem dominar as emoções. São melhores com números. Lidam com máquinas como ninguém. Os homens têm muito mais foco.

Já há algumas décadas, feministas têm procurado desconstruir essas concepções tradicionais e tradicionalmente sexistas sobre o que homens e mulheres podem fazer. No entanto, com o novo biologismo, esses mitos vêm ganhando espaço no território dito “neutro” da ciência. Além de espaço, estão ganhando também validação científica. Muitos homens e algumas mulheres dizem ter criado coragem para desafiar a influência política feminista na ciência, e “ênfaticam que não têm uma agenda política: estão simplesmente seguindo a evidência aonde ela leva, e tentando colocar fatos científicos no lugar do dogma do politicamente correto”¹ (CAMERON, 2007, p. 2).

Ao lado de sexismos mais chamativos, como estupro, violência doméstica e feminicídio, o sexismo do novo biologismo parece muito banal. O sexismo chamativo aparece nas manchetes, ganha cobertura midiática, faz as nossas cabeças balançarem em negativa. As situações de sexismo banal passam despercebidas. Eventualmente, “quando notadas e reclamadas, são desdenhadas como uma preocupação trivial, imaginária, e ilegítima por parte de pessoas que estão ‘bancando a vítima’”² (CAMERON, 2020, p. 20).

O novo biologismo não é um sexismo banal apenas da ciência, ele também se infiltra em discursos populares sobre a linguagem, como veremos mais adiante. Na realidade, muitas das afirmações que o novo biologismo faz sobre aspectos da linguagem são opostas ao que pesquisas de Linguística e Linguística Aplicada têm concluído, como trata Deborah Cameron em artigo de 2009. O novo biologismo também está em discussões atuais sobre separar as crianças em turmas de meninas e turmas de meninos, com metodologias diferentes para cada sexo, e sobre mudanças curriculares, criando um currículo em que as habilidades linguísticas

¹ “[They] stress that they have no political axe to grind: they are simply following the evidence where it leads, and trying to put scientific facts in place of politically correct dogma”.

² “when they are noticed and complained about, they can easily be dismissed as the trivial, imaginary, or illegitimate concerns of individuals who are ‘playing the victim’”.

sejam menos importantes, e outras habilidades, como as matemáticas, ganhem mais ênfase (CAMERON, 2009).

Essas declarações sobre como homens e mulheres, meninos e meninas, falam de maneiras distintas compreendem as ideologias linguísticas. Ideologias linguísticas são nossas conceitualizações sobre língua e sobre as práticas linguísticas (IRVINE, 1989, 2001; IRVINE; GAL, 2000; KROSKRITY, 2004), mas também são as racionalizações sobre as pessoas que usam a língua desta ou daquela maneira, as pessoas que se engajam em determinadas práticas de linguagem.

Bucholtz (2003, p. 60) atesta que as relações entre gênero e ideologias linguísticas funcionam de maneiras complexas, “sendo as crenças sobre gênero também crenças sobre linguagem, e vice-versa”³. De acordo com Bucholtz, uma estratégia potente para explorar as complexidades entre gênero e ideologias linguísticas é unir essas duas categorias na pesquisa sobre as trajetórias do discurso, o estudo das recontextualizações (BAUMAN; BRIGGS, 1990) ou da história natural dos discursos (SILVERSTEIN; URBAN, 1996).

Nessa perspectiva, o discurso é entextualizado, ou seja, torna-se um texto, e esse texto é descontextualizado, descentrado de um contexto de uso, e depois recontextualizado, recentrado em um novo contexto. A cada novo movimento de separação e ancoragem, transformações são necessárias para adequar os textos aos novos contextos.

Para esta pesquisa, assumo a estratégia sugerida por Bucholtz (2003) e me esforço no sentido de investigar as relações entre a mobilidade dos textos do novo biologismo e as ideologias linguísticas. Dessa forma, intenciono aprender por quais transformações o novo biologismo passa em suas recontextualizações e como as ideologias linguísticas funcionam nessas recontextualizações. Para me orientar, para ter para onde voltar quando me perder nas possibilidades de pesquisa, faço-me a seguinte pergunta: como o novo biologismo é recontextualizado em eventos cristãos e em materiais de popularização da ciência, e de que forma atuam as ideologias linguísticas nas recontextualizações?

A delimitação do material empírico surge da minha exploração do campo em meio digital, ainda nos primeiros meses da pesquisa, que sobressaltou o novo biologismo do contexto dos eventos cristãos e dos materiais popularizadores do discurso neurocientífico. A exploração do campo e a construção do material empírico de pesquisa se dão junto a discussões sobre etnografia digital (HINE, 2000, 2015; VARIS, 2014; VARIS; HOU, 2020) e dados digitais (boyd; CRAWFORD, 2012).

³ “beliefs about gender are also beliefs about language, and conversely”.

Se temos um *novo* biologismo, é porque já tivemos um outro biologismo. O *velho* biologismo é o assunto do primeiro capítulo, onde faço uma exposição dos dois modelos usados pelas sociedades ocidentais para explicar o corpo, no que diz respeito à relação entre feminilidade e masculinidade: o modelo de um sexo e o modelo de dois sexos. Nesse mesmo capítulo, discuto mais detalhadamente o novo biologismo, com um enfoque no que ele nos conta sobre as questões de linguagem. Ainda, abordo as ideologias linguísticas, expondo um pouco de alguns de seus mecanismos de funcionamento.

No segundo capítulo, há uma apresentação da literatura sobre processos de textualização de discursos e da literatura sobre digitalização e etnografia digital. Com base nessas duas literaturas, trato sobre a metodologia adotada neste trabalho, apresentando o campo de pesquisa, as formas de construção do material empírico e os materiais analisados.

A análise dos materiais construídos se inicia no terceiro capítulo, em que discorro sobre como o novo biologismo atualiza as relações de gênero ao focalizar os relacionamentos conjugais. Abordo os repertórios e recursos que constituem os materiais e como as ideologias linguísticas operam no sentido de sedimentar valores tradicionalmente femininos e masculinos.

No quarto capítulo, outra etapa de análise, volto-me a como o novo biologismo atualiza as relações de gênero nos argumentos sobre habilidades cerebrais sexo-dependentes. Ainda, observo que as ideologias linguísticas são manuseadas nas recontextualizações do novo biologismo como elemento que garante a coerência entre os discursos, conectando explicações metafóricas ilustrativas e repertórios de cientificidade variada.

Nas conclusões, considero que o novo biologismo é um contexto de reintegração atualizada do discurso da diferença sexual entre mulheres e homens. A diferença sexual é um emblema das culturas ocidentais judaico-cristãs, e o discurso emblemático deve passar por reintegrações recorrentes em contextos que são semelhantes aos contextos prévios de circulação e suficientemente diferentes para que os ajustes necessários o mantenham vivo na cultura.

Capítulo 1 – Elementos teóricos para compreender o novo biologismo

1.1 – Sobre dualismos e diferenças

A oposição igualdade versus diferença, além de ser tema recorrente em discussões feministas, também fomenta as estratégias de ação das vertentes feministas (SCOTT, 1994). Feministas que defendem a ideia de que interesses, necessidades e características supostamente comuns às mulheres sejam consideradas estratégica e politicamente relevantes são enquadradas na categoria diferença. O feminismo da diferença atua pelo reconhecimento e legitimação de características vistas como femininas, a fim de avançar na conquista pelos direitos das mulheres e na valorização do sujeito mulher.

Do outro lado, na categoria igualdade, estão colocadas as feministas que argumentam que diferenças sexuais entre mulheres e homens não se fazem relevantes, isto é, não se espalham para além da anatomia e fisiologia do sexo. Para o feminismo da igualdade, a desigualdade de gênero é superada através da equiparação entre homens e mulheres nas mais diversas instâncias – educação, trabalho, política, legislação etc. (SCOTT, 1994).

Conforme sugere Joan Scott (1994, p. 289), colocar a igualdade e a diferença em lados opostos não contempla a atuação da dicotomia e, ainda, impede uma análise crítica de ambos os conceitos. “Ao invés de enquadrar análises e estratégias como se esses pares binários fossem desde sempre verdade, nós devemos questionar como funciona o próprio par dicotômico igualdade e diferença”⁴.

Se falamos sobre igualdade como equiparação política de direitos e oportunidades, seu oposto não é a diferença, mas a desigualdade. Na realidade, a diferença opera como uma base que legitima e, ao mesmo tempo, explica a desigualdade (SCOTT, 1994). Por isso, a noção de igualdade depende do reconhecimento de uma certa diferença, ou, melhor dizendo, do reconhecimento dos efeitos de uma diferença presumidamente real.

Para o pensamento feminista ocidental dos anos 1960 em diante, a diferença, que já fazia parte dos debates do movimento – mesmo “[n]os círculos feministas mais intelectualizados e de esquerda” (PIERUTTI, 1990, p. 18) –, concentrou-se na questão da opressão da mulher, central para o debate, ainda que diferentes correntes tivessem divergências quanto às origens e características da opressão e às possibilidades de superá-la (PISCITELLI, 2002).

⁴ “Instead of framing analyses and strategies as if such binary pairs were timeless and true, we need to ask how the dichotomous pairing of equality and difference itself works”.

O feminismo que convencionou-se chamar de radical, por exemplo, considera que o processo de reprodução humana suscita a subordinação feminina. Desse modo, as próprias características da gestação, da amamentação e do desenvolvimento dos bebês, os quais por um longo período dependem do corpo que os gera e nutre, possibilitam a dominação masculina e a criação e manutenção dos mecanismos de controle e subordinação das mulheres. Para superar a opressão, de acordo com o projeto de sociedade do feminismo radical, é necessário ir à raiz do problema e modificar os modos de reprodução da espécie humana, eliminando os privilégios do homem e a própria distinção sexual e suas significações culturais (PISCITELLI, 2002). A atuação da diferença no feminismo radical culmina na busca pela autonomia das mulheres sobre o próprio corpo e sexualidade, e na luta pelo acesso a direitos reprodutivos.

Até as feministas radicais corajosamente declararem que “o pessoal é político”, dando abertura para as análises políticas dos aspectos mais íntimos das relações homem/mulher, a sexualidade feminina não havia sido vista sob a ótica de sua dimensão política enquanto um aspecto das relações de poder entre os sexos⁵. (SHULMAN, 1980, p. 590)

A categoria de patriarcado também era empregada de modo universalista nas muitas análises e discussões do feminismo radical, de forma que componentes dinâmicos, locais e históricos de um sistema de poder masculino permaneciam ignorados. Segundo Piscitelli (2002, p. 7), “esse conceito é essencializante, na medida em que ancora a análise da dominação na diferença física entre homens e mulheres, considerada como aspecto universal e invariável”.

Apesar das justas críticas feitas quanto à perspectiva universalista e hegemonicamente branca, heterossexual e de classe média e alta das categorias “mulher” e “patriarcado” no pensamento feminista radical⁶, bem como às suas tendências essencialistas, o desenvolvimento e a ênfase no conceito de opressão sobre a mulher tiveram papéis importantes na construção do próprio conceito de feminismo, diferenciando-o de um pensamento de esquerda que julga a opressão de gênero apenas como uma consequência da luta de classes. Para este, a condição de opressão é definida conforme critérios “objetivos” e “racionais”. As feministas radicais consideraram

que esse tipo de definição resultava pouco apropriada para o feminismo, na medida em que as mulheres estão presentes em grupos que, nesses termos,

⁵ “Until the radical feminists boldly declared that ‘the personal is political’, opening for political analysis the most intimate aspects of male-female relations, women’s sexuality had not for decades been viewed squarely in its political dimension as an aspect of the power relations between the sexes”.

⁶ Embora o feminismo radical seja comumente associado a uma hegemonia estadunidense branca e heterossexual, a radicalidade feminista também é característica de teóricas francesas – como Nicole Claude-Mathieu e Monique Wittig -, e de feministas estadunidenses negras e lésbicas – como as autoras do Manifesto do Coletivo Combahee River. Tão plural quanto essas mulheres radicalmente feministas é o termo *radical*. Muitas vezes, o adjetivo é usado para fazer menção a uma oposição severa, extrema e não-tradicional. Entretanto, quando acompanha e modifica *feminismo*, radical faz menção à necessidade de sanar pela *raiz* o problema da opressão das mulheres.

poderiam ser definidos como “oprimidos” e “opressores” – seguindo esses critérios objetivos, mulheres tais como as brancas de classe média não seriam consideradas “oprimidas”. (PISCITELLI, 2002, p. 5)

No feminismo radical, a noção de opressão é ampliada para abranger as desigualdades construídas em condições mais subjetivas, “acrescentando à análise da chamada esfera pública elementos da esfera privada” (PINTO, 2008, p. 2–3). Nesse sentido, entende-se que as mulheres brancas e de classe média também podem ser oprimidas no contexto mais privado de casa e família, e que mesmo em contextos mais públicos, como os ambientes de trabalho, essas mulheres também podem sofrer opressão.

Uma vez entendido que a dominação masculina excluía a voz das mulheres, tanto na vida pública quanto na privada, teóricas feministas tomaram a iniciativa de confrontar disciplinas – como História, Antropologia, Sociologia, Ciência Política, Literatura e Linguística – para considerar a opressão patriarcal e a realidade das mulheres. Essas discussões intra e interdisciplinar motivaram reformulações teóricas (PISCITELLI, 2002), e é nesse contexto de inovação que o conceito de sistema sexo/gênero toma forma a partir do trabalho da antropóloga Gayle Rubin.

Na esteira dos modos dualistas europeus e estadunidenses de compreender o mundo (FAUSTO-STERLING, 2001), o dualismo sexo/gênero parte de outro dualismo, natureza/cultura, de forma que gênero seja visto como a expressão social (cultura) de aspectos biológicos determinados pelo sexo (natureza). Para Anne Fausto-Sterling (2001, p. 16, grifos da autora): “*sexo* passou a denominar a anatomia e funcionamento fisiológico do corpo e *gênero* passou a representar as forças sociais que moldam o comportamento”.

Na definição de Rubin (1975), o sistema sexo/gênero transforma a matéria-prima biológica em produtos da interação humana, e é na transição entre natureza e cultura que a fêmea se torna uma mulher domesticada. Para a antropóloga, a natureza fornece dados para a distinção cultural entre homens e mulheres, mas esta tem primazia sobre aquela: “longe de ser uma expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero exclusiva é a supressão de similaridades naturais”⁷ (RUBIN, 1975, p. 180).

As empreitadas feministas de diversas disciplinas em encontrar as diferenças se voltaram às buscas pelas características “masculinas” e pelas características “femininas”, produtos da interação social e significação cultural de fatores biológicos, bem como aos efeitos dessas diferenças, como a opressão de homens sobre mulheres (VALLADA, 2020b). Esses

⁷ “Far from being an expression of natural differences, exclusive gender identity is the suppression of natural similarities”.

pontos foram importantes nas discussões feministas desde os anos 1960 até o final da década de 1980 (PINTO, 2014; PISCITELLI, 2002). A diferença foi extraída da natureza e acomodada na cultura, e “foi quando se passou a falar de ‘diferença cultural’, ‘cultura feminina’, ‘cultura das mulheres’, ‘experiência feminina’, ‘reconhecimento da diversidade cultural de gêneros’ e assim por diante” (PIERUTTI, 1990, p. 18).

Nesse período, algumas pesquisas desenvolvidas em Linguística passaram a considerar as questões de gênero imbricadas na linguagem. Esses trabalhos pioneiros, como o de Robin Lakoff (1975) e de Don Zimmerman e Cadence West (1975), são marcos iniciais do campo de estudos plural que é a Linguística Feminista e têm filiação com a Sociolinguística. Um dos mitos basilares da Sociolinguística é que língua e sociedade estão numa relação especular, isto é, a língua apenas reflete a realidade social de quem fala, um mero espelho que designa as coisas existentes no mundo (BORBA; LOPES, 2018; CAMERON, 1997, 2012; PINTO, 2014).

Embora os estudos precursores da Linguística Feminista estivessem alicerçados por pressupostos essencialistas, e ainda que as primeiras linguistas feministas tenham sido criticadas por feministas antiessencialistas, é importante lembrar que as vanguardistas da Linguística Feminista “levantaram questões cruciais em torno do papel da atividade linguística na construção das identidades e hierarquias sociais”. Mas não apenas isso: “[...] o desejo de transformação marc[a] os trabalhos dessas primeiras linguistas feministas e as estimulam a rever seus pontos de vista e a buscar rearticular as noções que fundamentam suas análises” (PINTO, 2014, p. 211).

As críticas ao essencialismo e reducionismo presentes na visão de gênero motivaram as feministas do patriarcado a articular mudanças no pensamento e ativismo. Entrando na década de 1990, o conceito de gênero em voga começou a ser repensado, a fim de estabelecer uma categoria que abrangesse as diferenças (de raça, classe e sexualidade) entre as mulheres e que desnaturalizasse a distinção e dualidade sexual (PISCITELLI, 2002).

Neste momento de reformulações, Judith Butler (2019 [1990]) confronta o dualismo sexo/gênero, e afirma que gênero “também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura” (BUTLER, 2019, p. 27, grifo da autora). Assim, a categoria gênero deve impedir as armadilhas essencialistas da naturalização, isto é, a “associação simétrica e constante entre determinadas características chamadas femininas [e] as mulheres, e as chamadas masculinas e os homens”, nas palavras de Joana Plaza Pinto (2007, p. 4).

Ademais, Butler encontra uma contradição na lógica que considera gênero como o produto cultural de sexo:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a condição de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 2019, p. 26)

A crítica de Butler (2019, p. 69) ao dualismo sexo/gênero deságua em sua própria definição: gênero é “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Os corpos não são naturalmente sexuados, eles se tornam sexuados através da contínua repetição de atos disponíveis na estrutura reguladora, com certos recursos cristalizados como apenas masculinos ou como apenas femininos (VALLADA, 2020b).

Da forma apresentada pela filósofa estadunidense, gênero é um efeito de atos de fala. Na tradição austiniana (AUSTIN, 1962; RAJAGOPALAN, 2010) dos estudos dos atos de fala, a linguagem não descreve ações, mas as realiza, uma vez que a linguagem tem um caráter performativo. Consoante à visão performativa da linguagem proposta por Austin (1962), Butler argumenta que gênero é um efeito de ações cotidianas repetidas, o que forja uma naturalidade específica de certos tempos e culturas, já que o efeito de naturalidade “é produzido, mantido, recusado e eventualmente modificado nos atos de fala disponíveis em nossa sociedade” (PINTO, 2007, p. 4).

Nessa visão performativa, linguagem e mundo estão aglutinados, assim como na visão da Sociolinguística clássica. Contudo, a relação entre linguagem e sociedade de uma visão performativa é diferente da perspectiva da Sociolinguística clássica sobre isso. Para os estudos sociolinguísticos, a linguagem é o espelho do mundo, e o que houver de relevante nas relações sociais será marcado linguisticamente (CAMERON, 1997, 2012). “A afirmação ‘a linguagem reflete a sociedade’ sugere que de alguma forma as estruturas sociais existem antes da linguagem, a qual simplesmente ‘reflete’ ou ‘expressa’ as categorias mais fundamentais do social”⁸ (CAMERON, 1997, p. 57). Nos estudos pragmáticos e em outras perspectivas críticas, as normas reguladoras da performance linguística não meramente refletem uma determinada estrutura, mas criam e recriam tal estrutura (CAMERON, 2012).

⁸ “The ‘language reflects society’ account implies that social structures somehow exist before language, which simply ‘reflects’ or ‘expresses’ the more fundamental categories of the social”.

O impacto das reelaborações feitas por Butler em 1990 reverberou na Linguística Feminista – até mesmo os artigos mais recentes do campo são afetados pelas teorizações da autora (VALLADA; PINTO, 2021). Os estudos linguísticos feministas passaram por uma virada performativa, e, desde 1990, vêm procurando desafiar as relações essencialistas entre linguagem e gênero propostas anteriormente, considerando “a linguagem não como uma estrutura que restringe a priori as escolhas de falantes, e sim como um recurso a que se pode recorrer para performar ações que dão vida ao gênero”⁹ (HALL; BORBA; HIRAMOTO, no prelo).

Como lembra Fausto-Sterling (2001), o dualismo natureza/cultura é um dos organizadores da nossa forma de enxergar o mundo. Por isso, a conceitualização de sexo feita por Butler (2019) como um produto forjado cultural e discursivamente, tal como o gênero, rompe com uma forma secularmente tradicional de enxergar a diferença sexual: a estrutura sexual e reprodutiva das mulheres diferiria fortemente da estrutura sexual e reprodutiva dos homens. Mas as sociedades ocidentais nem sempre viram a diferença sexual sob essa lente. Afinal, “não há nada de evidente ou transcendente na diferença, mesmo que o fator de diferença – sexual, por exemplo – possa, aparentemente, ser visto a olho nu”¹⁰ (SCOTT, 1994, p. 294).

Para nós, habitantes de um planeta onde um livro chamado *Os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus* (GRAY, 1992) vendeu mais de 15 milhões de cópias desde sua publicação, pode parecer muito estranho pensar que em algum momento do pensamento ocidental a anatomia sexual humana já foi compreendida como unitária, que mulheres e homens compartilhavam um mesmo sexo. Esse é a tese do historiador Thomas Laqueur. Em *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud* (1990), Laqueur aborda a ideia de que, nas ciências biológicas, usou-se dois modelos para tratar da biologia sexual do corpo humano: o modelo de sexo único e o modelo de sexo duplo.

No modelo de sexo único, cujo período de vigor é traçado por Laqueur desde a Antiguidade Clássica até o início do século XVIII, há apenas um sexo, o masculino, e o aparelho sexual feminino é sua versão interna (LAQUEUR, 1990). Assim, as mulheres teriam os mesmos genitais que os homens, mas voltados para dentro: “a vagina é vista como um pênis interior, os lábios como prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como testículos”¹¹ (LAQUEUR,

⁹ “[This new collaboration of scholars approached] language not as a structure that constrains speakers’ choices aprioristically, but as a resource that can be drawn upon to take stances and perform actions that bring gender into being”.

¹⁰ “There is nothing self-evident or transcendent about difference, even if the fact of difference – sexual difference, for example – seems apparent to the naked eye”.

¹¹ “the vagina is imagined as an interior penis, the labia as foreskin, the uterus as scrotum, and the ovaries as testicles”.

1990, p. 4). Na realidade, muitas vezes os órgãos femininos não tinham nem seu próprio nome. Conforme Laqueur (1990), o médico romano Galeno refere-se aos ovários como *orcheis*, a palavra usada para designar os testículos masculinos. Da mesma forma fazia Herófilo, que usava *didymoi* para falar de ovários e de testículos. Já Aristóteles usava a palavra *kaulos* para referir-se tanto a pênis quanto a vagina.

Então, nesse modelo, homens e mulheres têm exatamente a mesma anatomia sexual. E como o modelo explica a diferença óbvia de num corpo os genitais serem externos e no outro, internos? Pelo grau de aperfeiçoamento dos genitais. Nas palavras de Galeno: “assim como a espécie humana é a mais perfeita dentre os animais, do mesmo modo dentre a espécie humana o homem é mais perfeito que a mulher, e a razão para sua perfeição é seu excesso de calor, pois o calor é o instrumento primário da Natureza”¹² (GALENO, 1968, p. 2628 apud LAQUEUR, p. 28, 1990). A diferença entre a anatomia feminina e masculina era, portanto, de grau, e não de tipo; hierárquica, e não opositiva.

Essa visão da estrutura sexual não se limita a si, espalhando-se também para a sexualidade e a reprodução. Para Aristóteles, a concepção acontece quando o esperma do homem era depositado na mulher, fornecedora apenas do local de desenvolvimento do feto (LAQUEUR, 1990). Aqui, somente o homem possui calor vital suficiente para produzir a semente que serve de matéria-prima para gerar uma nova vida. A teoria de uma semente de Aristóteles diverge da teoria de duas sementes, apoiada por Hipócrates e Galeno. Na teoria de duas sementes, a concepção ocorre quando a semente do homem e a semente da mulher se encontram no útero. Contudo, Galeno e Hipócrates diferem quanto à qualidade da semente. Hipócrates defende que tanto o homem quanto a mulher podem produzir sementes fracas, quando nasce uma menina, e sementes fortes, quando nasce um menino. Já Galeno acredita que a hierarquia das sementes segue a hierarquia dos corpos, e por essa razão homens produzem sementes mais fortes e as mulheres, sementes mais fracas (LAQUEUR, 1990).

Da Antiguidade ao século XVIII, predominava no modelo de sexo único a ideia de que o orgasmo feminino era necessário para que acontecesse a concepção. O raciocínio era que durante o orgasmo, o útero se abria para receber o esperma e logo depois se fecharia. Por isso, a relação sexual exemplar era aquela em que homem e mulher atingissem o orgasmo ao mesmo tempo. “O fato de as mulheres terem gônadas como os homens, de elas terem desejos sexuais, de elas geralmente produzirem fluido durante a relação, e mostrarem provavelmente sinais de

¹² “Now just as mankind is the most perfect of all animals, so within mankind the man is more perfect than the woman, and the reason for his perfection is his excess of heat, for heat is Nature's primary instrument”.

‘prazer e comoção’, tudo confirmava a ligação orgasmo/concepção”¹³ (LAQUEUR, 1990, p. 99).

Apesar de o modelo de sexo único ter dominado a literatura ocidental médica e filosófica até o início dos anos de 1700, certas diferenças de pontos de vista perpassaram o modelo ao longo dessas centenas de anos. Além de não apoiar a teoria das duas sementes, Aristóteles também pensava que o orgasmo feminino não tinha papel na concepção, como nos conta Laqueur (1990). Com o crescimento do cristianismo, e as reflexões de Santo Agostinho acerca do corpo, o sexo e as relações sexuais passaram a ser vistos como o resultado da queda do paraíso. Noções pagãs e cristãs sobre sexo e corpo eram usadas para interpretar e manipular o corpo de sexo único conforme a necessidade, afinal de contas “é um sinal da modernidade pedir uma biologia única e consistente como fonte e fundação de masculinidade e feminilidade”¹⁴ (LAQUEUR, 1990, p. 61).

Para Laqueur, a ocasião da “descoberta” do clitóris é evidência da resiliência do modelo de sexo único. Renaldo Colombo alega, em 1559, ter descoberto uma parte do corpo feminino bastante semelhante ao pênis. Se, de acordo com a literatura médica vigente à época, o equivalente ao pênis na mulher era a vagina, o conhecimento de mais um órgão feminino correspondente ao pênis deveria ter ao menos ameaçado o modelo (LAQUEUR, 1990). No entanto, o clitóris foi facilmente absorvido pelo modelo de sexo único, e a ideia de a vagina ser o pênis feminino coexistia com a ideia de o clitóris também se comportar como um pênis.

Mesmo com divergências em relação aos mecanismos da concepção e inconsistências na descrição anatômica, o modelo de sexo único manteve-se resiliente. Laqueur atribui a longevidade desse modelo a dois pontos: a relação entre corpo/biologia e cultura, e a relação entre sexo e poder. A noção de diferentes corpos compartilhando de uma mesma estrutura sexual perdurou por centenas de anos porque a biologia não era a base para a construção da cultura.

Ordem e hierarquia eram impostas ao corpo pelo lado de fora. O corpo de sexo único, por ter sido construído mais como ilustrativo que como determinante, poderia, portanto, registrar e absorver qualquer número de mudanças nos eixos e avaliações da diferença. Historicamente, diferenciações de gênero precediam diferenciações de sexo¹⁵. (LAQUEUR, 1990, p. 62)

¹³ “the fact that women had gonads like men, that they had sexual desires, that they generally produced fluid during intercourse, and presumably showed signs of ‘delight and concussion’; all confirmed the orgasm/conception link”.

¹⁴ “It is a sign of modernity to ask for a single, consistent biology as the source and foundation of masculinity and femininity”.

¹⁵ “Order and hierarchy were imposed upon it from the outside. The one-sex body, because it was construed as illustrative rather than determinant, could therefore register and absorb any number of shifts in the axes and valuations of difference. Historically, differentiations of gender preceded differentiations of sex”.

O corpo de sexo único também representava, segundo Laqueur (1990, p. 62, grifo do autor), a relação entre homens, mulheres e poder. Ou seja, o modelo de sexo único também era uma representação dos lugares ocupados por homens e mulheres no mundo público: “*o homem é a medida de todas as coisas, e a mulher não existe enquanto uma categoria ontologicamente distinta. [...] o padrão do corpo humano e de suas representações é o corpo do macho*”¹⁶. As relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres não eram o produto da estrutura corpo, mas sim o corpo era o produto de como enxergava-se homens e mulheres.

Mesmo com toda sua longevidade, o modelo de sexo único foi eventualmente suplantado por uma nova interpretação do corpo das mulheres e do corpo dos homens, construindo a anatomia sexual como a conhecemos até hoje. Laqueur (1990) não atribui a mudança de modelo a conclusões feitas a partir de observações empíricas, uma vez que as condições tecnológicas que permitiram a criação dos “*atos comprovadores*” das diferenças entre os sexos ainda não estavam presentes no início do século XVIII.

O fato de que em certa época o discurso dominante construiu os corpos do homem e da mulher como versões hierárquicas, verticais, de um sexo, e em outra época o discurso construiu os corpos como opostos horizontalmente organizados, incomensuráveis, deve depender de outra coisa além de uma grande constelação de descobertas reais ou supostas¹⁷. (LAQUEUR, 1990, p. 10)

Na visão de Laqueur, o algo a mais que motivou a reinterpretação da anatomia sexual é a junção de duas mudanças, uma epistêmica e outra política. Desde o século XVIII, o corpo deixou de ser visto como uma arena em que a ordem social maior era reproduzida em pequena escala; a biologia do corpo deixou de ser ilustrativa e passou a ser determinante. Dessa forma, a estrutura do corpo começou a ser usada como justificativa para a estratificação de papéis de gênero e de relações sociais. No século XIX, juntamente com a expansão do movimento sufragista e com as destabilizações causadas pelas revoluções do século anterior, cientistas se empenharam em detalhar aspectos de diferença sexual antes ignorados, baseando-se na biologia para fornecer explicações sobre as relações sociais, políticas e econômicas entre mulheres e homens. “Qualquer que fosse a questão, o corpo se tornou decisivo”¹⁸ (LAQUEUR, 1990, p. 152).

¹⁶ “*man* is the measure of all things, and woman does not exist as an ontologically distinct category. [...] the standard of the human body and its representations is the male body”.

¹⁷ “The fact that at one time the dominant discourse construed the male and female bodies as hierarchically, vertically, ordered versions of one sex and at another time as horizontally ordered opposites, as incommensurable, must depend on something other than even a great constellation of real or supposed discoveries”.

¹⁸ “Whatever the issue, the body became decisive”.

Se no modelo antigo os orgasmos feminino e masculino eram igualmente necessários na concepção, o modelo de sexo duplo precisou fazer uma reformulação. A partir dos anos finais do século XVIII, e durante grande parte do século XIX, a questão foi grandemente debatida. Por fim, depois de examinar casos de mulheres que haviam sido estupradas e ficaram grávidas, e de testar processos de inseminação em outras fêmeas mamíferas, passou a ser senso comum a compreensão de que o orgasmo da mulher não tinha papel algum na concepção. De acordo com Laqueur (1990), nasce nesse momento a imagem, ainda em voga, de que homens querem sexo e mulheres querem relacionamento – o exato oposto da construção de relacionamento que perpassava o modelo anterior, em que as mulheres estavam associadas à volatilidade da carne e os homens à amizade.

No modelo de sexo duplo, “não apenas os sexos são diferentes, mas eles são diferentes em todo aspecto concebível do corpo e da alma, em todo aspecto físico e moral. Para o médico ou o naturalista, a relação entre a mulher e o homem é ‘uma série de oposições e contrastes’ (MOREAU, 1803, p. 15)”¹⁹ (LAQUEUR, 1990, p. 5).

Estando o modelo opositivo da diferença sexual bem estabelecido, o lugar que o corpo da mulher podia ocupar no mundo foi amplamente discutido por biólogos, médicos e antropólogos (FAUSTO-STERLING, 1992). As mulheres querem independência financeira? Então elas vão entrar numa “luta contra a Natureza”. Querem votar? Não pode! Seria um “retrocesso evolutivo”. Querem acesso à educação? Vão “danificar seus sistemas reprodutores”. Hoje, tudo isso pode parecer absurdo para muitas pessoas, não apenas para mulheres e não apenas para feministas. Mas afirmações bastante parecidas como “meninas são melhores em ciências humanas e meninos são melhores em exatas” e “mulheres são mais emotivas e homens são mais racionais” têm mais aceitação e são versões contemporâneas desse oposicionismo do modelo de sexo duplo.

Declarações como essas não andam sozinhas, estão muito bem acompanhadas de “verdades científicas”, que atribuem apenas ao sexo comportamentos que podem vir, segundo Anne Fausto-Sterling (1992, p. 10), da combinação de outras variáveis. Conforme a autora, “mesmo nos campos mais ‘objetivos’, cientistas podem falhar em ver algo que está bem embaixo de seu nariz porque a teoria aceita no momento não dá conta da observação”²⁰. Assim

¹⁹ “Not only the sexes are different, but they are different in every conceivable aspect of the body and soul, in every physical or moral aspect. To the physician or the naturalist, the relation of woman to man is “a series of oppositions and contrasts”.

²⁰ “even in the most ‘objective’ of fields, a scientist may fail to see something that is right under his or her nose because currently accepted theory cannot account for the observation”.

foi com a “descoberta” do clitóris no modelo de sexo único, e assim acontece no modelo vigente.

Apesar de superado, o modelo de sexo único ainda ecoa em pesquisas bem mais recentes sobre a biologia do sexo, em especial as que tratam sobre menstruação e menopausa. Para essas pesquisas, os efeitos dos hormônios que atuam no ciclo menstrual e na menopausa, principalmente a instabilidade emocional, a sensação de calor, as cólicas e a diminuição da lubrificação vaginal, são como doenças. “Ao passo que elege o sistema reprodutor masculino como normal, esse ponto de vista designa como anormal qualquer aspecto do ciclo reprodutivo feminino que desvia do ciclo masculino”²¹ (FAUSTO-STERLING, 1992, p. 121).

Por falar em hormônios, quando os hormônios sexuais foram inventados, por volta do período entre guerras, e amplamente estudados, cientistas lidaram com eles no modelo de sexo duplo em seu melhor estilo – os hormônios sexuais seriam fundamentais no desenvolvimento das diferenças entre mulheres e homens, e haveria um hormônio sexual feminino e um masculino (FAUSTO-STERLING, 2000).

Imagine o choque quando os relatórios começaram a dizer que os homens tinham os hormônios femininos e vice-versa. [...] Eventualmente, o modelo de sexo duplo entorno do qual os cientistas organizavam a biologia hormonal, cedeu espaço para um modelo quantitativo que permanece conosco ainda hoje. Nessa nova narrativa, homens e mulheres não são opostos incomensuráveis; em vez disso, diferentes quantidades de hormônios definem suas realidades. Biologistas atuais levam em consideração efeitos hormonais vastos. Os hormônios não mais definem apenas as gônadas (e as gônadas, o homem – ou a mulher). Agora eles podem até mesmo definir o cérebro, e o cérebro então consegue definir o homem ou a mulher²². (FAUSTO-STERLING, 1992, p. 224)

Enfim, parece que superamos as discussões sobre sexo e mecanismos de reprodução. Agora podemos discutir sobre hormônios sexuais e agressividade (DENSON et al., 2018), hormônios sexuais e aprendizagem (SAX, 2006), hormônios sexuais e habilidades motoras, hormônios sexuais e inteligência espacial (MOORE; JOHNSON, 2008), hormônios sexuais e práticas linguísticas (HYDE, 2005), e, a base de todas essas pesquisas, hormônios sexuais e morfologia cerebral (BRIZENDINE, 2007).

²¹ “While appointing the male reproductive system as normal, this viewpoint calls abnormal any aspect of the female reproductive life cycle that deviates from the male’s”.

²² “Imagine the shock when reports began to filter out that males had female hormones and vice versa. [...] Eventually the two-sex model around which scientists organized hormone biology gave way to a quantitative one that remains with us to this day. In this new account, males and females are not incommensurate opposites; instead, different amounts of the same hormones define their realities. Present-day biologists attend to far-flung hormonal effects. No longer do hormones simply define the gonad (and the gonad the man - or woman). Now they can even define the brain, and the brain then gets to define the man or woman”.

Tendo em consideração a atual centralidade do cérebro, uma tendência que Rogério Azize (2010) chama de cerebralismo, não é surpreendente que a diferenciação entre homens e mulheres tenha sido relocada para o cérebro (NUCCI, 2018), deixando de lado outras materializações tradicionais da diferença, como força física, pelos no corpo, altura da voz etc.

No cerebralismo descrito por Azize, o cérebro é considerado superior a todos os demais órgãos do corpo, e é determinante no comportamento individual e social, a ponto de o cerebralismo se fazer presente até mesmo nas conversas cotidianas, em campanhas publicitárias e peças jornalísticas, numa certa “filosofia de rede na varanda”. Tudo o que fazemos – nossas atitudes, sentimentos e comportamentos – é determinado pela fisiologia do nosso cérebro. E se o cérebro faz tudo, a ciência que estuda o cérebro, a neurociência, também está autorizada a falar sobre tudo. “A neurociência pode falar sobre ‘a vida, o universo e tudo o mais’ porque o cérebro seria responsável por tudo aquilo que o ser humano faz e sente” (AZIZE, 2010, p. 257). Ela pode, até mesmo, explicar neurocientificamente a diferença salarial e o monopólio dos homens em muitas profissões e cargos, entre muitos outros aspectos da desigualdade de gênero. Para Marina Nucci (2019, p. 50), “o que está implícito é que a ciência possuiria um papel de autoridade, capaz de confirmar ou derrubar ‘mitos’ ou ‘crenças’ populares”.

Algumas pesquisas da neurociência, por exemplo, têm se empenhado, há algumas décadas, a determinar como o cérebro é afetado pela maior quantidade de testosterona no corpo... dos ratos, e concluem que mais testosterona significa mais agressividade, que significa mais aptidão dos homens para liderar, o que significa mais cargos de chefia ocupados por homens (FAUSTO-STERLING, 1992).

Transpor resultados de pesquisas feitas com roedores para a realidade das relações humanas é apenas uma das omissões metodológicas dos estudos da sociobiologia, campo que procura causas biológicas para comportamentos e relações sociais diversas. Quem vê as falhas evidentes pode pensar que os pesquisadores e pesquisadoras que conduzem esses estudos são simplesmente incompetentes. Mas “as falhas no desenho da pesquisa frequentemente aparecem no trabalho de homens e mulheres inteligentes e sérias que foram treinadas nas melhores instituições”²³ (FAUSTO-STERLING, 1992, p. 9). Além dos limites que a teoria aceita impõe às possibilidades de análise e resultado, cientistas também têm agendas sociais, às vezes desconhecidas por si, que se combinam com as agendas de pesquisa.

A combinação entre essas agendas sociais e tecnologias de laboratório recentemente construídas ou aprimoradas, mergulhadas num cenário cerebralista, configura o que a linguista

²³ “flaws in research design often show up in the work of intelligent, serious men and women who have been trained at the best institutions”.

britânica Deborah Cameron tem chamado de novo biologismo. Segundo Cameron (2009, 2010, 2014), o novo biologismo não é novo apenas por conta de tecnologias desenvolvidas somente a partir do final dos anos 1990, mas também por ser menos abertamente sexista. Na verdade, a novidade do dispositivo neurocientífico serve para deixar o sexismo menos aparente. Afinal, se a legitimação da diferença está ancorada em tomografias cerebrais, como isso poderia ser uma tentativa deliberada de subjugar mulheres?

Mesmo com metodologia questionável, afirmações generalistas e resultados inconclusivos (CAMERON, 2009, 2010, 2014; FAUSTO-STERLING, 2012; FINE, 2012), o novo biologismo tem ganhado adeptas e adeptos que se sentem ansiosas com as mudanças sociais procedentes dos movimentos feministas, já que “uma das funções ideológicas do novo biologismo é tranquilizar as muitas pessoas para quem isso [as mudanças sociais] é uma fonte de ansiedades, que as distinções de gênero não foram, e não podem ser, apagadas”²⁴ (CAMERON, 2014, p. 293).

1.2 – Sobre ideologias linguísticas

Dentre as supostas distinções sexuais, as diferenças entre as formas como homens e mulheres usam a linguagem têm sido bastante exploradas no novo biologismo, desde materiais de popularização ciência, como *The Essential Difference* (BARON-COHEN, 2003), até livros de autoajuda²⁵, como *Os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus* (GRAY, 1992).

A ideia de que homens e mulheres diferem fundamentalmente na maneira com que eles e elas usam a linguagem para se comunicar é um mito no sentido comum: uma crença difundida, porém falsa. Mas também é um mito no sentido de ser uma história que as pessoas contam para explicar quem são, de onde vêm, e por que vivem da forma que vivem. Quer sejam ou não “verdade” em qualquer sentido histórico ou científico, tais histórias têm consequências no mundo real.²⁶ (CAMERON, 2007, p. 3)

Jo Carr e Anne Pauwels (2006) mostram que alunos australianos que apresentam mau desempenho nas disciplinas de linguagens e textos se justificam com os argumentos do novo biologismo. Para eles, ter sucesso nessas disciplinas é algo naturalmente improvável, já que

²⁴ “one of the ideological functions of the new biologism is to reassure the many people for whom this is a source of anxiety that gender distinctions have not been, and cannot be, erased”.

²⁵ Azize (2010) salienta que os livros de divulgação neurocientífica têm migrado para as prateleiras de autoajuda nas livrarias. Essa mudança de status multiplica o número de leitoras e leitores e impulsiona a produção e publicação desses livros num formato híbrido, introduzindo certa cientificidade ao mesmo tempo que oferece dicas e informações para “salvar” um casamento e melhorar a convivência entre o casal (NUCCI, 2019). O vínculo entre literatura de autoajuda e divulgação científica também foi observado por Cameron (2010).

²⁶ ‘The idea that men and women differ fundamentally in the way they use language to communicate is a myth in the everyday sense: a widespread but false belief. But is also a myth in the sense of being a story people tell in order to explain who they are, where they come from, and why they live as they do. Whether or not they are ‘true’ in any historical sense, such stories have consequences in the real world’.

seus cérebros masculinos não seriam feitos para lidar bem com linguagem. Além disso, suas imagens de masculinidade poderiam ser prejudicadas caso se empenhassem ou demonstrassem interesse em uma disciplina de linguagem.

Premissas do novo biologismo têm exercido cada vez mais influência em julgamentos de casos de estupro e assédio sexual. Para o novo biologismo (BARON-COHEN, 2003; GRAY, 1992), as mulheres não falam com objetividade e autoridade, e os homens têm dificuldade em compreender comandos não-diretos. Assim, a defesa do acusado de estupro ou assédio pode argumentar que as diferenças na comunicação entre mulheres e homens não permitiram que o acusado interpretasse a negação da vítima como uma recusa, e sim como consentimento (CAMERON, 2007; PHILADELPHOFF-PUREN, 2004).

O que novo biologismo nos conta sobre essas diferenças de linguagem se trata de uma nova manifestação de uma ideologia linguística já bastante antiga, em que as fronteiras entre linguagem de homens e linguagem de mulheres são bem delimitadas (CAMERON, 2014). Na definição de Paul Kroskrity (2004, p. 496), as ideologias linguísticas são “concepções, quer explicitamente articuladas ou incorporadas na prática comunicativa, que retratam tentativas incompletas, ou ‘parcialmente bem-sucedidas’, de racionalizar o uso linguístico”²⁷. Sendo assim, as ideologias linguísticas são conceitualizações sobre a estrutura e uso das línguas, segregando as diferentes formas de usar a linguagem em adequadas e inadequadas, certas e erradas, nacionais e estrangeiras, legítimas e ilegítimas, masculinas e femininas, dentre demais dualismos.

No campo da Antropologia Linguística, entende-se que as ideologias linguísticas não estão associadas apenas às concepções individuais de cada falante sobre a língua, mas também a sistemas culturais (IRVINE, 1989; IRVINE; GAL, 2000; KROSKRITY, 2004). Segundo Judith Irvine (1989, p. 255), as ideologias linguísticas são “o sistema cultural de ideias sobre as relações sociais e linguísticas, juntamente com sua carga de interesses morais e políticos”²⁸. Assim, as ideologias linguísticas que separam a fala das mulheres da fala dos homens são movimentadas em uma coarticulação entre objetivos morais e políticos que sedimentam dicotômica e opostamente as relações entre mulheres e homens.

Judith Irvine e Susan Gal (2000) elencam três processos semióticos de diferenciação entre línguas e variedades pelos quais as ligações entre formas linguísticas e fenômenos sociais

²⁷ “conceptions, whether explicitly articulated or embodied in communicative practice, represent incomplete, or ‘partially successful’, attempts to rationalize language usage”.

²⁸ “the cultural system of ideas about social and linguistic relationships, together with their loading of moral and political”.

são construídas: iconização, apagamento e recursividade fractal. Pelo processo de iconização, traços linguísticos que indiciam um grupo social se tornam sua representação icônica, a essência do grupo. Estreitamente relacionado à iconização, o apagamento torna invisíveis práticas sociolinguísticas que destoam do sistema ideológico, pois “uma vez que a ideologia linguística é uma visão totalizante, elementos que não se encaixam em sua estrutura interpretativa devem ser ignorados ou transformados”²⁹ (IRVINE; GAL, 2000, p. 38).

O processo de recursividade fractal da diferenciação linguística acontece quando uma oposição dentro de um determinado nível reverbera em outros, “criando subcategorias em cada face do contraste ou supercategorias que incluem ambas as oposições, mas as opõem a outra coisa”³⁰ (IRVINE; GAL, 2000, p. 38). Em outras palavras, uma diferenciação já relativamente sedimentada no que diz respeito a certo traço linguístico se espalha a outros traços, reproduzindo e atualizando, repetidamente, oposições em vários pontos de contraste.

Assim como nem sempre tivemos o modelo de sexo duplo, nem sempre a linguagem das mulheres foi considerada sem autoridade e objetividade nas sociedades ocidentais. Na Europa Moderna, as mulheres da aristocracia eram encorajadas a participar de duelos verbais públicos, desafiando tanto homens quanto outras mulheres; o cenário muda drasticamente com a ascensão da burguesia, cujas noções de comportamento verbal feminino apropriado consistiam em falar com poucas pessoas e “orgulhar-se de seu silêncio” (CAMERON, 2012, 2014). Já nas interações dos Gapun, investigados por Don Kulick (1993), as mulheres são associadas à fala direta e à autoridade verbal (pública, inclusive). As ideologias linguísticas são, portanto, particulares a certos tempos e espaços (CAMERON, 2014).

O macrocampo dos estudos linguísticos não está imune às ideologias linguísticas, e nem aos processos de diferenciação. Irvine (2001) mostra que, para muitos linguistas europeus do século XIX que estudavam línguas africanas, as particularidades da estrutura de gênero gramatical das línguas eram um reflexo da mentalidade e das condições sociopolíticas de grupos de falantes, de forma que as línguas que não apresentavam gênero ou que agrupavam seres femininos e masculinos num mesmo morfema foram associadas à poligamia e a uma desorganização social e política. O modo como as línguas gerenciavam gramaticalmente as relações familiares era reproduzido em genealogias linguísticas, e línguas que tinham gênero gramatical eram agrupadas como uma família linguística.

²⁹ “Because a linguistic ideology is a totalizing vision, elements that do not fit its interpretive structure must be either ignored or transformed”.

³⁰ “creating either subcategories on each side of a contrast or supercategories that include both sides but oppose them to something else”.

Nessas análises, os povos africanos e europeus também foram hierarquizados numa alegoria de romance familiar, “em que a raça branca representa o macho, e a raça negra a fêmea, e assim a humanidade reproduz a lei da dualidade dos sexos que todos os seres orgânicos obedecem”³¹ (EICHTHAL; ISMAIL, 1839, p. 14-15 apud IRVINE, 2001, p. 19). Línguas e variedades foram organizadas de forma a reproduzir uma imagem de romances familiares - “construções imaginativas baseadas em ideologias políticas e de gênero – que têm dominado a representação de relações linguísticas”³² (IRVINE, 2001, p. 26) por séculos, desde antigas análises sobre línguas africanas até análises atuais sobre fala feminina e masculina.

Para Cameron (2007, 2010, 2014), a presença de ideologias linguísticas e demais aspectos culturais nos argumentos do novo biologismo é índice da falta de universalidade e objetividade que se diz ter nessas pesquisas. O psicólogo clínico e professor da Universidade de Cambridge Simon Baron-Cohen (2003), por exemplo, afirma separar as profissões ideais para pessoas de cérebro feminino e de cérebro masculino a partir dos resultados encontrados por análises da morfologia cerebral: o cérebro das mulheres é mais voltado à empatia e à comunicação, e o dos homens é voltado à análise de sistemas complexos. Dessa maneira, professoras primárias, enfermeiras, assistentes sociais e secretárias devem ser as pessoas de cérebro feminino, e cientistas, engenheiros, programadores, encanadores, músicos e banqueiros devem ser quem tem cérebro masculino.

A divisão das profissões no novo biologismo deriva da vinculação das mulheres à fala privada e dos homens à fala pública. Conforme Gal (2002), dentre os princípios da esfera privada são enquadrados individualidade, sentimento e amor, e os princípios do público são a comunidade, a racionalidade e o dinheiro. Ainda que alegue não ser influenciado por fatores políticos e culturais, a divisão de Baron-Cohen (2003) é como uma versão atualizada da doutrina de esferas separadas.

Embora o olhar enviesado do novo biologismo seja evidente em muitas críticas, iniciativas feministas (internas e externas à neurociência) de negar a pertinência de argumentos biológicos na construção e manutenção de diferenças e defender que eventuais diferenças são produtos do acúmulo de fatores sócio-históricos e culturais encontram grande resistência na medicina, na biologia e até mesmo nas ciências sociais (FAUSTO-STERLING, 2001).

³¹ “in which the white race represents the male, and the black race the female, and thus humanity reproduces the law of duality of the sexes which all organic beings obey interest”.

³² “imaginative constructions based on ideologies of gender and politics – that have dominated the representation of linguistic relationships”.

Uma dessas iniciativas é a rede interdisciplinar de pesquisadoras NeuroGenderings, grupo formado em 2010 que examina criticamente a produção de conhecimento neurocientífico e, ainda, desenvolve suas próprias pesquisas sobre sexo, gênero e cérebro a partir de uma perspectiva feminista e não determinista³³. Essas cientistas, que se chamam de neurofeministas e atuam em diferentes linhas de pesquisa, têm publicado livros com o intuito de divulgar para o público mais amplo como a neurociência lida com as chamadas diferenças sexuais cerebrais sob uma lente estereotipada e enviesada. Alguns desses livros já contam com tradução para o português, como *Homens não são de Marte, mulheres não são de Vênus*, de Cordelia Fine, publicado no Brasil em 2012, e *Gênero e os nossos cérebros*, de Gina Rippon, lançado em janeiro de 2021.

Para compreender o alcance das ideologias linguísticas que atuam na construção biológica das diferenças entre homens e mulheres, também é preciso entender os processos de textualização pelos quais circulam os discursos do novo biologismo. Por isso, no capítulo a seguir, discuto sobre a história natural dos discursos, apresentando as relações entre mobilidade textual e desigualdade de gênero encontradas nos estudos de linguagem e gênero.

³³ Para conhecer mais sobre o trabalho dessas cientistas, acesse o site do grupo: <https://neurogenderings.wordpress.com/>. Veja também a pesquisa sobre a rede desenvolvida pela cientista social Marina Nucci.

Capítulo 2 – Elementos metodológicos para compreender o novo biologismo

2.1 – Sobre mobilidade textual

Como visto no capítulo anterior, os discursos do novo biologismo vão das páginas de artigos acadêmicos até livros de popularização da ciência. Os argumentos, os dados e as conclusões, ainda que precárias, de pesquisas que examinam as estruturas cerebrais estão nos livros, bem como em outros gêneros de popularização da ciência, que vão associar esses resultados a estruturas sociais, na esteira de explicá-las e justificá-las. Existe, então, um tráfego de informações, de “descobertas científicas” que viajam por diferentes cenários.

Richard Bauman e Charles Briggs (1990) teorizam que os textos transitam entre diferentes contextos, e que são três os processos mobilidade que movimentam os textos: entextualização, descontextualização e recontextualização. A entextualização é o processo contínuo e recorrente de “tornar o discurso extraível, de transformar um trecho da produção linguística em uma unidade – um *texto* – que pode ser retirada de seu ambiente interacional”³⁴ (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 73, grifo dos autores). Entextualizar um discurso permite que ele circule em vários textos, de diferentes épocas e com diversas finalidades.

Com a entextualização, os discursos se tornam textos e fragmentos de textos que ultrapassam os limites de um contexto original da produção linguística, textos que podem ser descontextualizados e recontextualizados. Ou melhor, textos que podem ser descontextualizados para serem recontextualizados, uma vez que retirar um texto de um determinado contexto implica necessariamente colocá-lo em outro, pois o descentramento de um texto não existe para que o texto fique “solto no ar”, mas para que ele seja recentrado novamente, agora em um novo ambiente de interação.

As várias etapas de textualização por que o discurso passa, haja vista que ele não é en/des/recontextualizado somente uma vez, faz com que os textos resultantes incorporem elementos da história de uso do discurso, dos contextos prévios de descentramento e recentramento (BAUMAN; BRIGGS, 1990), de forma que o texto seja outro, ainda que também seja o mesmo. A textualidade é, portanto, um fenômeno iterável (DERRIDA, 1988).

Derrida (1988, p. 9) reconhece que o signo “carrega consigo uma força que rompe com seu contexto”³⁵, uma força de ruptura que permite que o signo, tal como o texto – acrescentam Silverstein e Urban (1996) –, se desprenda de um contexto. Mas isso não significa que o signo

³⁴ “rendering discourse extractable, of making a stretch of linguistic production into a unit-a text-that can be lifted out of its interactional setting”.

³⁵ “carries with it a force that breaks with its context”.

exista apenas em cenas isoladas. Derrida reconhece que a iterabilidade – a qualidade repetível da comunicação, “a propriedade que torna o rito o que ele é, um momento repetido, repetível, e submetido à alteridade” (PINTO, 2009, p. 130) – chama a citacionalidade – a característica de que “todo signo, linguístico ou não linguístico, falado ou escrito, em pequena ou grande unidade, pode ser citado”³⁶ (DERRIDA, 1988, p. 12). Assim, a iterabilidade dá ao signo a possibilidade de se separar de um dado contexto e arquitetar infinitos novos contextos, de forma que o signo, o texto possa ser descentrado de seu contexto dado e ainda manter sua possibilidade de funcionamento (DERRIDA, 1988).

Força de ruptura, iterabilidade e citacionalidade operam no sentido de voltar nossa atenção ao rastro dos textos, à sua mobilidade, baseando-se no rompimento com uma visão de texto fixo e isolado. Sendo o texto repetido e repetível, diferente, mas também semelhante, a cada nova ruptura, alguns elementos que o compõem são modificados, para que o texto esteja adequado ao novo contexto. Levando em consideração as mudanças que os discursos sofrem ao longo de sua história, Michael Silverstein e Greg Urban (1996) chamam as viagens feitas pelos textos entre vários contextos de história natural dos discursos.

Enquanto um movimento de adaptação, de perda e ganho de recursos, a descontextualização e a recontextualização são atos de poder, do qual emergem questões do uso diferencial dos mecanismos de poder: controle, acesso, competência no uso, legitimidade e valor diferenciais em relação aos textos e aos contextos (BAUMAN; BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2008). Esses mecanismos, que regulam os recursos acumulados e os recursos deixados pelo caminho, são negociáveis. “A contextualização envolve um processo de negociação ativo no qual as participantes examinam reflexivamente o discurso enquanto ele está emergindo, incorporando avaliações sobre sua estrutura e significação no próprio discurso”³⁷ (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 69).

Conforme Pinto (2020, p. 59),

a palavra “recurso” tem sido usada em ampla bibliografia de estudos da linguagem para categorizar matéria valorada característica de tipos contrastantes, acionada por ocorrências situacionais e estratégicas, nas interações (recursos linguísticos), nas narrativas (recursos narrativos), nos discursos (recursos discursivos), nas produções de sentido em geral (recursos semióticos) e ainda servindo para caracterizar “bens materiais” em campos de saber/poder (recursos culturais, recursos sociais, recursos teóricos, recursos metodológicos etc.).

³⁶ “Every sign, linguistic or nonlinguistic, spoken or written, in a small or large unit, can be cited”.

³⁷ “Contextualization involves an active process of negotiation in which participants reflexively examine the discourse as it is emerging, embedding assessments of its structure and significance in the speech itself”.

Os recursos, por sua vez, se ajuntam em termos de repertórios linguísticos – agregados de recursos dinamicamente adquiridos e perdidos, trocados e negociados (BLOMMAERT; BACKUS, 2011) – dispostos para serem acionados na interação diferencial entre os fluxos textuais (PINTO, 2020). Portanto, certos recursos constituintes de um repertório podem ser mais ou menos empregados a depender das reordenações que constroem a recontextualização.

De acordo com os interesses envolvidos na produção de significado, as definições do que é legítimo e aceitável, e de quem tem competência ou não para lidar com os textos podem mudar (BAUMAN; BRIGGS, 1990; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018), visto que os elementos de regulação da recontextualização são “culturalmente construídos, socialmente constituídos, e ideologicamente fundamentados”³⁸ (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 76). A cada nova recontextualização, é necessário definir se o texto é aceitável para o contexto, estabelecer os fragmentos que devem ficar de fora, estipular o valor que o texto tem (o que é possível extrair dele) e organizá-lo na hierarquia de textos do novo contexto. Um discurso amplamente recontextualizado demanda incessantes adequações (con)textuais.

As diversas questões envolvidas nos mecanismos regulatórios da contextualizações faz com que a entextualização revele “uma arquitetura de relações sociais”³⁹ (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 14), afinal, “nem todo contexto é/está acessível a todos, e práticas de reentextualização dependem de quem tem acesso a qual espaço contextual” (BLOMMAERT, 2008, p. 107). Silverstein e Urban (1996) lembram que é possível encontrar categorias sociais nos processos de entextualização, mas é igualmente possível perceber que as categorias sociais são efeitos de tais processos. As adequações necessárias a cada des/recentramento textual têm o poder de (re)criar ou ampliar desigualdades (ANDRUS, 2015; BLOMMAERT, 2008), transgredir ou sedimentar identidades (GUIMARÃES; MOITA LOPES, 2017).

Em relação à construção de performances identitárias, as práticas de entextualização e des/recontextualização atuam tanto na construção de performances de raça e gênero quanto na fabricação de performances nacionais e profissionais (GUIMARÃES; MOITA LOPES, 2017; MERTZ, 1996; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018; PINTO, 2014). Certos recursos semiótico-identitários (GUIMARÃES; MOITA LOPES, 2017) – com uma aparência natural de ser – acionados em contextos prévios são novamente reentextualizados e des/recontextualizados em novos usos que projetam a transgressão ou sedimentação de cada uma das performances elencadas, e muitas outras.

³⁸ “culturally constructed, socially constituted, and sustained by ideologies”.

³⁹ “an architecture of social relations”.

Se é fato que os discursos não passam pelas etapas de mobilidade apenas uma vez, visto que a iterabilidade e a citacionalidade são da natureza da textualidade, é fato também que certos discursos e textos têm mais importância cultural do que outros, e são, portanto, mais reentextualizados. Enquanto alguns eventualmente desvanecem, outros “*ocupam posições especiais numa cultura e tornam-se foco de múltiplas reexecuções*, cada uma tirando os textos de formas à primeira vista fixas e descontextualizadas, e transformando-os em fenômenos vivos, contextualmente específicos, e passageiros”⁴⁰ (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 12, grifos meus).

Silverstein e Urban (1996) lembram que um discurso amplamente entextualizado só pode manter seu status de emblema cultural por meio de reintegrações periódicas em contextos que são projetivamente semelhantes aos contextos prévios. É preciso que o discurso emblemático seja periodicamente readaptado em novos contextos, para que ele mantenha seu funcionamento dentro da cultura. No entanto, em alguma medida, os contextos das recontextualizações recentes devem projetar semelhanças com os contextos mais originais ou tradicionais de circulação do discurso em questão.

No Capítulo 1 – Elementos teóricos para compreender o novo biologismo, procurei demonstrar que as ideologias linguísticas, tal como a entextualização e a des/recontextualização, agem sobre as configurações sociais, e vice-versa, sedimentando as relações de gênero. Por essa razão, Mary Bucholtz (2003) considera profícuo associar as pesquisas sobre ideologias linguísticas às análises de entextualização. A autora diz

a pesquisa [sobre história natural dos discursos] está intimamente relacionada aos estudos sobre ideologias linguísticas na medida em que *as possibilidades para a entextualização são frequentemente ideologicamente delimitadas, e as ideologias muitas vezes podem ser rastreadas através dos processos resultantes da recontextualização discursiva*. Em ambas as pesquisas, gênero emerge da interação entre ideologias e práticas discursivas. Ainda, a história natural dos discursos oferece uma perspectiva diferente da considerada pelos estudos de ideologias linguísticas por dar ênfase não à circulação das ideologias, mas à circulação dos discursos entre contextos.⁴¹ (BUCHOLTZ, 2003, p. 61, grifos meus)

⁴⁰ “occupy special positions within a culture and become the focus of multiple realizations, each one taking them from seemingly fixed, decontextualized forms into living, contextually specific, momentary phenomena”.

⁴¹ “This research is closely related to work on language ideologies in that the possibilities for entextualization are often ideologically constrained, and ideologies can often be tracked through ensuing processes of discursive recontextualization. In both bodies of work gender emerges from the interaction of ideologies and discursive practices. Yet natural histories of discourse offer a different vantage point on this process from that taken by language-ideology scholarship by emphasizing the circulation not of ideologies but of discourse across contexts”.

De fato, pesquisas como as de Jennifer Andrus (2015), Susan Ehrlich (2012; 2016) e Diana Eades (2016) têm sido feitas no sentido de compreender como as ideologias linguísticas e as recontextualizações promovem a manutenção de desigualdades e violência de gênero.

Ehrlich (2012; 2016) mostra que a ideologia linguística referencialista tem impactos na interpretação legal, especificamente em julgamentos de estupro. Nessa visão de linguagem (EHRlich, 2016, p. 58), “o conteúdo proposicional de palavras, frases ou orações pode ser ‘destacado’ ou ‘separado’ do ‘enunciado real’ sem que haja alterações no ‘núcleo funcional da verdade’ do sentido proposicional”⁴². Segundo Ehrlich, a ideologia referencialista pode implicar que a recusa da relação sexual por parte de uma vítima de estupro seja reinterpretada como consentimento numa recontextualização que desconsidera as condições, sociais e interacionais, em que a recusa foi feita.

Eades (2016) demonstra que a ideologia linguística referencialista não se restringe aos processos de estupro, mas faz parte de outras instâncias do discurso legal, usada para produzir um consentimento ou recusa. Analisando um caso de sequestro policial contra jovens aborígenes australianos, Eades conclui que essa ideologia linguística foi mobilizada para enquadrar como um pedido a ordem dos policiais para que os jovens entrassem nas viaturas, e enquadrar a própria atitude de entrar nos carros como um consentimento.

Voltando aos julgamentos de crimes de violência contra a mulher, Andrus (2015) demonstra que uma outra ideologia linguística também circula na recontextualização dos testemunhos de vítimas de violência doméstica, a ideologia artefactual da linguagem. Essa ideologia linguística entende que a língua é essencialmente uma forma e estrutura, um artefato que existe para ser compartilhado entre falantes (ANDRUS, 2015; BLOMMAERT, 2014). Nesses termos, aquilo que as mulheres compartilham como experiências de violência se torna um objeto transmitido nos testemunhos e depoimentos do processo legal, e esse objeto é avaliado quanto à sua confiabilidade e verossimilhança (ANDRUS, 2015).

2.2 – Sobre etnografia digital

Nos últimos anos, pesquisas sobre práticas de recontextualização têm voltado sua atenção aos ambientes digitais e virtuais (ver por exemplo FABRÍCIO, 2017; GUIMARÃES; MOITA LOPES, 2017; MELO; MOITA LOPES, 2015; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018), haja vista que os discursos que circulam digitalmente estão sendo recontextualizados de maneira

⁴² “the propositional content of words, phrases or sentences can be ‘detached’ or ‘decoupled’ from their ‘actual saying’ with no alteration to the ‘truth-functional core’ of that propositional meaning”.

acelerada e ampliada. De acordo como Moita Lopes e Fabrício (2018, p. 770), os ambientes digitais “possibilitam descentramentos textuais incessantes, ao recriarem-replicarem textos em velocidade sem precedentes”.

Por isso, os discursos entextualizados do novo biologismo analisados nesta pesquisa são aqueles que circulam em meio digital, e a abordagem para a construção do material empírico e a observação do campo é a etnográfica digital (HINE, 2015; VARIS, 2014; VARIS; HOU, 2020).

Um dos principais marcos introdutórios da pesquisa etnográfica interessada no que se chamava de “comunicação mediada por computador” foi a publicação de *Virtual Ethnography*, por Christine Hine (2000). O objetivo da obra, Hine (2000) conta, era desenvolver um trabalho referencial para as pesquisas que uniam etnografia e virtualidade, apontando as vantagens e desvantagens dessa empreitada.

Dentre as vantagens, estão a densidade da descrição e o abandono de sustentação em hipóteses anteriores à pesquisa. Isso seria promissor para ajudar a responder perguntas como: “de que forma a Internet afeta a organização das relações sociais no tempo e no espaço?”, “existe uma fronteira entre online e offline?”, e ainda “como as identidades são performadas e experienciadas, e como julgar sua autenticidade?”⁴³ (HINE, 2000, p. 8-9).

Em relação as desvantagens, Hine argumenta que elas estão presentes apenas em visões tradicionalistas de etnografias não-críticas, para as quais prezar por realismo e objetividade é necessário como resposta diante das críticas de base positivista feitas por usuárias e usuários de métodos quantitativos. Para as etnografias não-críticas, a centralidade da interação face a face e a presença física da etnógrafa no campo de pesquisa conferem mais autenticidade e confiabilidade aos dados; ao passo que a impossibilidade de estar fisicamente em campo macula uma suposta autoridade etnográfica capaz de determinar o que existe e o que não existe na realidade do campo de pesquisa (HINE, 2000).

Piia Varis e Mingyi Hou (2020) explicam que o termo etnografia virtual se refere a pesquisas que excluem a dimensão offline e que tornam relevante a distinção entre o online e o offline logo de início. Já o termo etnografia digital comporta tanto os dados online quanto os offline, na medida em que se interessa pela “mensagem” online assim como pelas circunstâncias offline onde e quando ela foi emitida, não separando o online do offline. Como esta pesquisa está atenta aos aspectos não estritamente online das ideologias linguísticas e da recontextualização dos discursos do novo biologismo (afinal, antes de o conjunto empírico

⁴³ “How does the internet affect the organization of social relationships in time and space?”; “Is there a boundary between online and offline?”; “How are identities performed and experienced, and how is authenticity judged?”.

formado estar disponível em meio virtual, ele foi uma série de eventos offline), trata-se nomeadamente de uma pesquisa de etnografia digital.

Conforme Varis (2014, p. 9),

ao passo que é o nível [contextual] micro que frequentemente recebe mais atenção dos questionamentos linguísticos e discursivos, a etnografia digital sustenta que o nível micro faz sentido apenas quando visto dentro do nível macro. Tais contextos devem ser interrogados, [...] considerando a maneira em que online e offline são em muitos casos inseparáveis⁴⁴.

Muito embora o livro publicado por Hine no início deste século seja com frequência a única referência de etnografia virtual ou digital citada em pesquisas atuais, a comunicação digital atual em muito difere da comunicação digital da época da publicação do livro. Em texto recente, Jan Blommaert (2020, p. 391) chama atenção para as novas práticas digitais de comunicação:

As infraestruturas digitais se tornaram parte do que convencionalmente se chama de ‘estruturas sociais’ – os condutores profundos, genéricos e frequentemente invisíveis por trás da conduta social – e tais infraestruturas demandam agora muito mais atenção nas pesquisas sobre mensagens e meios. De forma concreta: não apenas o conteúdo deve ser central na pesquisa discurso-analítica, mas os sistemas de comunicação e a maneira com que eles moldam novas condições sociolinguísticas para produção, circulação e uptake de discursos, novos recursos, novos atores e novas relações entre os atores.

Há dois pontos sobre a comunicação digital que impactam diretamente as pesquisas etnográficas digitais, mas que recebem pouca atenção por parte de pesquisadoras: big data e affordance. O big data está fundamentado nos três 3Vs (volume, velocidade e variedade), e consiste em “conteúdos e formatos diversos [...] acumulados em grande quantidade, com rapidez crescente” (SANTOS, 2016, p. 25). Contudo, big data não se refere apenas a uma imensa quantidade de dados. Para danah boyd e Kate Crawford (2012, p. 663), “big data é menos sobre dados em grande quantidade do que é sobre uma capacidade de pesquisar, agregar, e fazer referência cruzada de vários conjuntos de dados”⁴⁵.

As diversas finalidades de uso do big data têm se expandido ao longo dos últimos anos, configurando o fenômeno social da dadificação – a coleta e manipulação de dados digitais referentes à vida cotidiana de cada pessoa (BUZATO, 2018). A utilidade do big data vai do rastreamento de proliferação de doenças (BANSAL *et al.*, 2016) até o policiamento preditivo (MUTSAERS, 2017).

⁴⁴ “while it is the micro-level that often gains most of the attention from linguistic and discursive interrogations, digital ethnography maintains that the micro-level only makes sense when seen within the macro-level. Such contexts should be interrogated [...], considering the way in which online and offline are in many cases inseparable”.

⁴⁵ “Big Data is less about data that is big than it is about a capacity to search, aggregate, and cross-reference large data sets”.

O big data também tem função importante nas estratégias de campanhas eleitorais: em 2012, estrategistas da campanha de reeleição de Barack Obama usaram dados em massa para conquistar votos e apoio financeiro (SANTOS, 2016); em 2016, a empresa de marketing Cambridge Analytica usou o big data para estruturar cerca de sete mil informações sobre cada eleitora estadunidense para fornecer propaganda eleitoral sob medida (micromarketing) na campanha de Donald Trump (FLORES, 2017).

Além da vasta quantidade de dados que circulam digitalmente, o affordance das plataformas de busca também interfere em como esses “dados” se transformam em material empírico de pesquisa. O psicólogo James Gibson usou a palavra do inglês para sugerir que o design de um meio ou objeto influencia as próprias interações entre sujeito e meio, sujeito e objeto (SANTOS, 2016). Mas isso não significa que a noção de affordance seja determinista: “um affordance é apenas uma possibilidade que pode ou não ser aceita”⁴⁶ (KEANE & SILVERSTEIN, 2017, p. 34). O affordance de várias redes sociais, por exemplo, permite a existência de perfis comandados por inteligência artificial, os *bots*, o que não significa que todos os perfis de uma rede sejam gerenciados dessa maneira.

O affordance deve ser levado em consideração na definição do campo de pesquisa digital, uma vez que o design de cada plataforma condiciona o tipo de dado possível de ser selecionado. O affordance de algumas plataformas de redes sociais, como Twitter e Instagram, tem ferramentas de busca e arquivamento menos avançadas, dificultando o acesso a postagens, comentários e interações mais antigas. Isso leva as pesquisas com esse campo a terem como corpus interações online mais recentes ao momento de realização da pesquisa, o que é certamente um fator limitante, mas que não gera, necessariamente, prejuízos à pesquisa etnográfica digital.

Como disse em outra oportunidade, “mais importante do que tentar, em vão, ‘driblar’ o affordance, é abandonar qualquer pretensão de obter um conjunto de dados supostamente completo e imaculado pelas falhas de design e buscar conhecer o próprio campo de pesquisa digital” (VALLADA, 2020a, p. 1162). Portanto, o conhecimento sobre como os dados selecionados são constituídos ajuda etnógrafas digitais a definirem as ferramentas analíticas apropriadas (BROOKER *et al.*, 2016), a fazerem as perguntas que podem ser respondidas a partir do affordance do meio digital escolhido.

Apesar disso, é bastante comum que estudos etnográficos digitais recentes dediquem poucas linhas para tratar da construção do material empírico, muitas vezes nem tocando nos

⁴⁶ “an affordance is only a possibility that may or may not be taken up”.

aspectos informacionais que influenciam toda a pesquisa – “talvez pela aparente distância disciplinar, talvez por considerar que as questões políticas e técnicas do big data são pormenores em relação a problemas sociais considerados ‘mais importantes’ (VALLADA, 2020a, p. 1162). Por isso, é importante lembrar do que Blommaert (2008, p. 111) fala sobre a história dos dados: “certas coisas podem apenas ser ditas em certos momentos, sob certas condições; da mesma forma, certas coisas podem apenas ser pesquisadas em certos momentos, sob certas condições”, e que “na etnografia [...] reconhece-se que a maneira como os dados são obtidos, gravados e tratados pelo analista tem influência naquilo que esses dados nos dizem” (p. 110).

Embora essas palavras tenham sido usadas para discutir sobre a etnografia em geral, podemos aplicá-las à etnografia digital. Quando se diz que “certas coisas podem apenas ser pesquisadas em certos momentos, sob certas condições”, podemos lembrar o affordance; e quando lemos que “a maneira como os dados são obtidos, gravados e tratados pelo analista tem influência naquilo que esses dados nos dizem”, é possível enxergar a ação do big data.

Por isso, é necessário reconhecer e explicitar nos trabalhos etnográficos digitais as condições de obtenção dos dados: “quando pesquisadoras se aproximam de um conjunto de dados, elas precisam compreender – e assumir – não só as limitações do conjunto de dados, mas também quais perguntas elas podem perguntar sobre esse conjunto e quais interpretações são apropriadas”⁴⁷ (boyd; CRAWFORD, 2012, p. 669-670).

2.3 – Sobre a construção do material empírico da pesquisa

Definidos o problema e os objetivos de pesquisa, procedi, a partir de julho de 2019, a uma etapa de exploração de ambientes online, de forma a conhecer melhor as plataformas das redes sociais, o funcionamento das ferramentas de busca e ter uma ideia dos possíveis resultados. No Google, encontrei a entrevista concedida, em 2012, por José Salomão Schwartzman, médico, pesquisador e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, ao médico Drauzio Varella. Por tocar nos principais resultados do novo biologismo a entrevista foi selecionada como o texto de popularização da ciência a ser analisado.

Mas a entrevista não foi, na verdade, o primeiro dado a fazer parte do conjunto de material empírico. Durante a exploração e a leitura da base teórica, especialmente Cameron (2009, 2010, 2014), lembrei-me de um vídeo que havia sido mencionado na ocasião de uma

⁴⁷ “When researchers approach a data set, they need to understand – and publicly account for – not only the limits of the data set, but also the limits of which questions they can ask of a data set and what interpretations are appropriate”.

reunião em família. Trata-se de um vídeo do pastor evangélico Cláudio Duarte, em que ele explica metaforicamente a estrutura cerebral do homem e da mulher. Tendo em mãos o vídeo de Cláudio Duarte, cogitei que ele não fosse o único pastor ou autoridade cristã a tratar de diferenças cerebrais entre os gêneros. A partir daí, concentrei a exploração do campo no YouTube e delimiti que as recontextualizações do novo biologismo na esfera cristã seriam investigadas em pregações disponibilizadas nessa plataforma de vídeos, visto que eventos cristãos, especialmente os evangélicos, postados no YouTube, geram milhares e até mesmo milhões de visualizações, conforme observei na exploração etnográfica digital.

Passadas muitas páginas desde a exposição da pergunta e do objetivo da pesquisa, trago novamente o objetivo: aprender por quais transformações o novo biologismo passa em suas recontextualizações e como as ideologias linguísticas funcionam nessas recontextualizações. Com essa retomada, saliento que a intenção inicial não era fazer essa investigação exclusivamente com o novo biologismo no discurso cristão, muito menos fazer do cristianismo em si um dos meus objetos de estudo. Esse tipo de discurso foi incluído no material empírico analisado a partir das leituras que eu fazia sobre o assunto e a conexão desses textos com textos prévios já conhecidos.

Num primeiro momento, fiz tentativas de encontrar os vídeos através de buscas com a os termos “diferenças entre cérebro masculino e feminino”, mas muitos dos vídeos resultantes não eram pregações religiosas e nem tratavam de diferenças cerebrais entre os gêneros, com exceção de outros vídeos do mesmo pastor explicando novamente sobre os cérebros feminino e masculino. Com esses poucos resultados, determinei que deixaria o próprio affordance do YouTube encontrar e me sugerir as pregações que abordassem o novo biologismo; fomentei o affordance assistindo alguns dos vídeos de Cláudio Duarte gerados pelas buscas.

As sugestões do YouTube são moldadas de acordo com o histórico de vídeos assistidos pelo perfil de usuário (KOUL, 2019). O algoritmo que define os vídeos sugeridos considera o tempo de vídeo assistido (ou seja, a plataforma não vai recomendar um vídeo similar a outro que foi assistido apenas por alguns segundos). Além disso, as sugestões são configuradas também levando em conta as visualizações gerais – ou seja, os vídeos que são habitualmente assistidos após um determinado vídeo.

Em agosto de 2019, dentre os vídeos recomendados para a minha conta YouTube estava um vídeo ao vivo da edição daquele ano do Congresso Mulheres e Moças Diante do Trono. Depois de assistir a alguns momentos do congresso, e observar o cerebralismo presente no evento, com grande foco em neurociência e psicologia nas palestras pregações e bate-papos

com convidadas, selecionei-o como corpus, e passei a assistir retrospectivamente às outras edições do congresso.

O Congresso Mulheres Diante do Trono é um evento anual surgido em 2011, sediado na Igreja Batista da Lagoinha, na cidade de Belo Horizonte – MG. O evento é planejado e comandado por Ana Paula Valadão, cantora e pastora evangélica líder do Ministério de Louvor Diante do Trono, fundado na mesma igreja. De 2011 a 2014, o congresso acontecia como um evento exclusivo para mulheres. De 2015 a 2018, o congresso passou a ser um evento para casais, denominado Congresso Homens e Mulheres Diante do Trono. Em 2019, o evento voltou a ser exclusivamente feminino, com a adição da categoria “moças”, referente a mulheres solteiras ou que nunca se casaram (mulheres viúvas ou divorciadas entrariam na categoria “mulheres”).

É importante mencionar que as primeiras quatro edições – de 2011 a 2014 – não estavam, à época da pesquisa de campo, integralmente disponibilizadas no YouTube, logo, não fazem parte da análise. Assim, o que em um primeiro momento selecionei como corpus desta pesquisa consistia na entrevista de José Salomão Schwartzman, publicada em site especializado em saúde, no primeiro vídeo assistido do pastor Cláudio Duarte, e em cinco Congressos Diante do Trono – totalizando 102 horas de vídeos de eventos evangélicos. Na observação do material selecionado, notei que, apesar de todas essas horas de evento, somente quatro vídeos dos Congressos Diante do Trono apresentam um conteúdo que qualifiquei como novo biologicista, de forma que, inicialmente, apenas esses vídeos constituíam esta pesquisa.

Sendo o affordance uma possibilidade que pode ou não ser aceita, em setembro de 2020, a equipe do Diante do Trono decidiu aceitar a possibilidade de retirar do YouTube todos os congressos disponíveis no canal oficial do grupo. Desse modo, os vídeos ainda disponíveis se encontram em outros canais, muitos deles editados e cortados para exibir apenas a participação de uma ou outra pastora, ou o trecho que contém uma ou outra música.

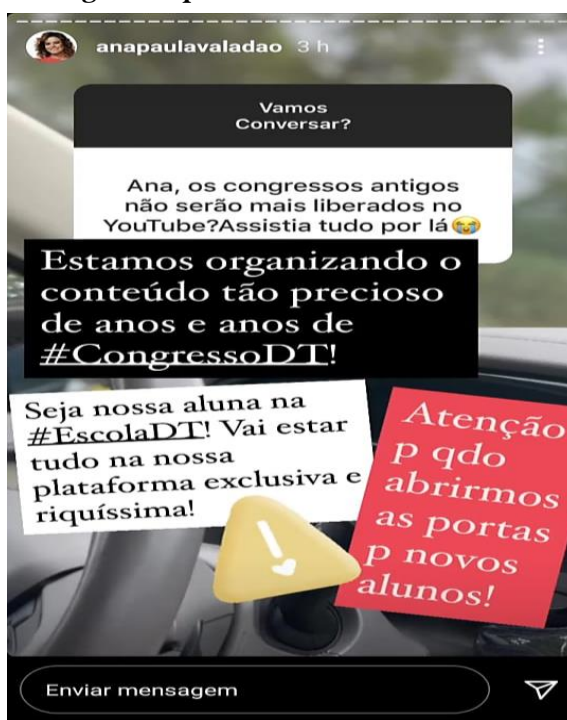
A retirada dos vídeos parece ter origem em dois fatores. O primeiro são as críticas virais dirigidas a Valadão após a divulgação de um vídeo em que ela classifica a Aids como uma consequência natural do relacionamento entre dois homens. Ainda, ela afirma que a homossexualidade é uma distorção daquilo que o deus cristão designou como o relacionamento ideal – que seria entre um homem e uma mulher – e que o único sexo seguro, sem transmissão de doenças, é o sexo dentro da aliança do casamento heterossexual.

O vídeo viralizado se trata de um trecho de mais ou menos dois minutos, editado de uma entrevista que Valadão fazia com um convidado do Congresso Internacional Adoração, Intercessão e Missão Diante do Trono, de 2016. Esse não é um congresso voltado para mulheres

ou para casais, como são os analisados nesta dissertação, mas um congresso sobre temas mais gerais de vida cristã.

O segundo motivo da retirada dos vídeos do YouTube foi o lançamento, em outubro de 2020, da Escola Diante do Trono, um curso online com aulas ministradas por Ana Paula Valadão, seu marido, o pastor Gustavo Bessa, e outras convidadas e convidados. Em novembro, Valadão compartilhou em seu perfil do Instagram (Figura 1) que os congressos organizados pelo Diante do Trono seriam organizados na plataforma da escola, e não estariam mais disponibilizados no YouTube⁴⁸.

Figura 1 – Postagem no perfil de Ana Paula Valadão no Instagram



Fonte: Captura de tela feita pela autora em 07 de novembro de 2020.

Quando o seu campo de pesquisa desaparece, é inevitável se preocupar com o possível ônus para a pesquisa. Felizmente, quando os vídeos dos congressos foram retirados do YouTube, a análise desses materiais estava praticamente finalizada e as transcrições já estavam prontas. A retirada dos vídeos foi profícua para me fazer refletir sobre o corpo que a minha pesquisa estava tomando. Minha impressão, bem como a de outras com quem compartilhava o desenvolvimento do trabalho, era que não parecia que eu estava pesquisando o novo biologismo, e sim que o meu objeto eram os discursos da Ana Paula Valadão. O novo

⁴⁸ Em fevereiro de 2021, algumas edições do evento (2016 e 2017) voltaram integralmente ao canal do grupo Diante do Trono no YouTube.

biologismo da popularização da ciência parecia ficar em segundo plano, e o próprio novo biologismo dos eventos cristãos ficava apagado ante o enfoque na pastora e cantora gospel.

Em vista disso, decidi me engajar num segundo campo, ainda buscando pelo novo biologismo na popularização científica e em eventos cristãos, mas com o propósito de constituir mais material empírico do primeiro grupo e diversificar os materiais do segundo. Prossegui, então, em dezembro de 2020, a encontrar esses materiais no Google e no YouTube. Novamente, fiz a busca logada no meu perfil dessas redes, com o intuito de obter resultados influenciados pelo algoritmo.

A busca no Google, feita com a frase *diferenças entre o cérebro masculino e feminino*, encontrou aproximadamente 21.300.000 resultados, dos quais selecionei para a análise os oito dos dez que apareciam na primeira página de resultados, considerados pelo algoritmo os mais relevantes para mim. A exclusão de dois dos resultados se dá em razão de um ser artigo da página do Scielo – portanto, material de divulgação científica, e não de *popularização* científica –, e o outro ser uma postagem de blog de medicina com acesso limitado a visitantes cadastradas.

A nova busca que fiz no YouTube para diversificar meu conjunto empírico do novo biologismo cristão aconteceu usando termos muito semelhantes aos que utilizei nas buscas de julho de 2019 – os mesmos da busca no Google –, e por isso eu imaginava encontrar resultados análogos aos de antes, quando muitos dos vídeos resultantes eram múltiplos recortes da mesma pregação de Cláudio Duarte e alguns vídeos do pastor estadunidense Mark Gungor fazendo a mesma diferenciação de Duarte, numa metáfora extremamente similar (o que será mais bem explorado no próximo capítulo). No entanto, mais de um ano havia se passado desde as primeiras buscas, e o algoritmo⁴⁹ já podia direcionar e delimitar minhas ações em relação a esses vídeos.

Saíram os vários resultados de vídeos do pastor Cláudio Duarte e entraram algumas novidades, e uma delas foi designada para integrar o corpus da pesquisa. Trata-se de uma pregação do pastor evangélico Lamartine Posella. Ao acessar o vídeo de Posella, uma das sugestões do YouTube foi uma pregação católica sobre diferenças entre os sexos ministrada pelo padre Chrystian Shankar. Uma vez que um dos propósitos da pesquisa é estudar o novo biologismo cristão, não somente o evangélico, esse vídeo também foi selecionado. No Quadro

⁴⁹ Todas as buscas feitas no Google e no YouTube, tanto as primeiras quanto as mais recentes, foram executadas com os critérios padrões das duas redes. Isso significa que os resultados são ordenados por relevância, sem nenhuma limitação de data, contagem de visualizações, especificação de língua ou quaisquer outros critérios pré-definidos por mim, mas apenas os critérios do próprio algoritmo – o que certamente inclui minha localização e minhas buscas prévias, além de priorizar resultados com mais visualizações na minha localidade.

1, a seguir, descrevo os materiais integrantes da pesquisa, fornecendo links de acesso ao material toda vez que possível⁵⁰.

⁵⁰ O último acesso aos links se deu em março de 2021.

Quadro 1 – Material empírico selecionado

Nº	Formato	Título	Data de publicação	Gênero
1	Vídeo	O homem e a caixa do nada	31/08/2012	Pregação evangélica
2	Texto escrito	Diferenças de gênero Entrevista	16/10/2012	Entrevista
3	Texto escrito	Diferenças cerebrais entre homens e mulheres justificam habilidades e comportamentos distintos?	07/01/2014	Texto jornalístico
4	Vídeo	A diferença do cérebro do homem e da mulher	15/10/2014	Pregação evangélica
5	Vídeo	#HomensEMulheresDT Bate-papo noite 7.8.15 “Casamento não é disputa”	13/08/2015	Bate-papo
6	Texto escrito	Não existe cérebro masculino ou feminino	01/12/2015	Texto jornalístico
7	Texto escrito	Não há diferenças entre o cérebro masculino e o feminino, diz estudo	01/12/2015	Texto jornalístico
8	Vídeo	Congresso Mulheres DT 2016 04/08/2016 - Quinta-feira (Noite) – bate-papo	25/02/2021	Bate-papo
9	Vídeo	Diferenças entre homem e mulher – Padre Chrystian Shankar	16/11/2016	Pregação católica
10	Texto escrito	Neurologista explica diferenças entre cérebros masculinos e femininos	12/12/2016	Texto jornalístico
11	Vídeo	Pais e Filhos - 04/08/2017 (noite) Completo Congresso Homens e Mulheres Diante do Trono 2017	04/08/2017	Bate-papo
12	Vídeo	Congresso Homens e Mulheres Diante do Trono - noite 27/07/18	27/07/2018	Bate-papo
13	Texto escrito	Existem diferenças entre o cérebro masculino e feminino?	26/07/2019	Texto em blog sobre a mente

14	Texto escrito	Diferenças sobre o cérebro feminino e masculino confirmadas pela ciência	06/03/2020	Texto em blog sobre saúde
-----------	---------------	--	------------	---------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As ferramentas metodológicas desta pesquisa incluem observação e anotação em caderno de campo e transcrição de áudio para análise. O emprego da ferramenta do caderno de campo se deu desde o início da exploração do campo de pesquisa; as transcrições, por sua vez, dizem respeito apenas aos trechos considerados mais ilustrativos para a análise.

Em Bucholtz (2000, p. 1463), podemos reconhecer que toda transcrição implica fazer escolhas que vão indiciar a maneira como os enunciados devem ser interpretados e que “a transcrição de um texto sempre envolve a inscrição de um contexto”⁵¹. Assim, não é necessário empenhar esforços vãos em “despolitizar” ou “neutralizar” a transcrição, mas sim buscar tratá-la com responsabilidade, sempre conscientes de que transcrever é um ato com efeitos políticos, muitas vezes antecipados (BUCHOLTZ, 2000).

Com as convenções de transcrição adotadas neste trabalho, busco oferecer uma representação escrita que faça jus ao que foi oralmente enunciado, tendo em vista que os gêneros dos vídeos selecionados para observação (pregação e bate-papo) estão assentados na oralidade. Adoto, então, a tarefa de fazer uma transcrição caminhando para o que Bucholtz (2000) chama de transcrição desnaturalizada.

A autora lembra que esse tipo de transcrição tem o efeito negativo de exotizar as falas transcritas e que o detalhamento excessivo nos aspectos orais pode afetar a avaliação que a leitora do texto transcrito faz das interlocutoras. Desse modo, alguns detalhes da oralidade da língua, bem como aspectos fonéticos, são substituídos por uma adequação à escrita padrão, na medida que o objetivo da pesquisa não seja prejudicado.

Antes de chegarmos ao Quadro 2, abaixo, onde são apresentadas as convenções de transcrições, a partir de Jefferson (2004) e Bucholtz (2000), para depois seguirmos ao próximo capítulo, é necessário mencionar mais uma questão que afeta a transposição do que acontece nos vídeos para a realidade das transcrições deste trabalho. Em alguns momentos dos Congressos Diante do Trono, há a presença de convidadas estadunidenses, que contam com interpretação, tanto nos bate-papos quanto nas pregações. Nas transcrições, foram preservados os enunciados proferidos em língua inglesa, e descartadas as interpretações feitas para o português brasileiro. Assim, em algumas transcrições há trechos em português e em inglês.

⁵¹ “The transcription of a text always involves the inscription of a context”.

Quadro 2 - Convenções de transcrição

.	entonação descendente
?	entonação ascendente
:	alongamento de som
,	entonação contínua
@	risada
h	exalação (riso leve, suspiro); cada letra marca um pulso
#	tosse
X	fala inaudível
-	interrupção abrupta da fala
=	turnos contínuos
[]	fala sobreposta
< >	fala acelerada
><	fala desacelerada
° °	volume mais baixo
PALAVRA	volume alto ou grito
(n.n)	medida de silêncio em segundos e décimo de segundos
(.)	silêncio de menos de 2 décimos de segundo
(())	dúvida na transcrição
()	comentário de quem transcreve

Fonte: Adaptado a partir de Bucholtz (2000) e Jefferson (2004).

Nos próximos capítulos, a partir da análise dos vídeos e textos selecionados, busco responder a pergunta de pesquisa colocada na Introdução: como o novo biologismo é recontextualizado em eventos cristãos e em materiais de popularização da ciência, e de que forma atuam as ideologias linguísticas nas recontextualizações?

Lidando com o material empírico, percebi que o enfoque desses textos e eventos eram relacionamento (entre marido e mulher) e habilidades cerebrais relacionadas à profissão e/ou ao desempenho escolar. Assim, abordo, no Capítulo 3, o que o novo biologismo tem a dizer sobre relacionamento conjugal (heterossexual), e no Capítulo 4 volto-me às considerações sobre habilidades cerebrais.

Capítulo 3 – Novo biologismo e relacionamento conjugal (ou por que as mulheres falam demais e os homens não fervem leite)

Os materiais constituintes deste capítulo da análise da história natural dos discursos do novo biologismo são vídeos de eventos cristãos cujo tópico são os conflitos conjugais causados pelas diferenças entre o cérebro da mulher e o cérebro do homem. Nesses vídeos, o cérebro é enquadrado como agente das discussões e dos problemas no relacionamento, seguindo o fluxo da tendência cerebralista (AZIZE, 2010), que imbuí os acontecimentos do dia a dia dos relacionamentos conjugais de explicações chamadas de neurocientíficas. Embora o discurso neurocientífico seja um denominador comum, a profundidade da adesão à neurociência nesses eventos é oscilante, como indicia o engajamento diferencial no repertório científico.

Logo, se se diz que a esposa fala muito e quer sempre discutir a relação, ao passo que o marido é de poucas palavras e não gosta de falar sobre sentimentos, recorre-se a uma neurociência que determina, por exemplo, o tamanho da área dedicada à fala nos cérebros femininos e masculinos. Nesses eventos, as ideologias da diferença linguística sexual, abordadas por Cameron (2007, 2012, 2014), passam por mais tantas reexecuções, construindo mais uma camada na sedimentação dessas ideologias linguísticas como um emblema cultural (SILVERSTEIN; URBAN, 1996) das sociedades judaico-cristãs.

O primeiro material em discussão é um [vídeo](#) do pastor Cláudio Duarte, com quase dois milhões de visualizações em dezembro de 2020. Esse vídeo, bem como aqueles que vão ser analisados posteriormente, opera numa multimodalidade característica desse formato textual, envolvendo as imagens captadas pelas câmeras, o áudio colhido pelos microfones, a sincronização entre a fala de Duarte e a reação do público, e, ainda, o recorte de um evento maior do que o trecho desse vídeo. Ao que tudo indica, o vídeo se trata de um trecho de uma pregação para casais que visa ensinar marido e mulher a superarem as diferenças e desentendimentos entre o casal. A postagem data do ano de 2012, mas não é possível precisar se a pregação realmente aconteceu nesse ano ou anteriormente, visto que essa informação não consta nem no próprio vídeo nem na descrição da postagem.

No vídeo, Duarte explica sobre diferenças na morfologia cerebral do homem e da mulher, e as consequências dessas diferenças para a comunicação entre o casal (heterossexual, evidentemente). A diferenciação entre homens e mulheres feitas pelo pastor toma forma por meio de uma metáfora de caixas.

Sem fazer alusão a qualquer estudo, o pastor afirma que a cabeça dos homens é feita de caixas, cada uma contendo um tema (haveria a caixa do casamento, a das crianças, a do

dinheiro, a do trabalho etc.). Segundo ele, a estrutura cerebral compartimentada faz com que os homens sejam capazes de conversar somente sobre um assunto de cada vez.

Excerto 1

C.: E eu aprendi que são **duas cabeças diferentes**, cabeça do homem e cabeça de mulher. Deixa eu falar primeiro pra vocês irmã. Como funciona a cabeça de um homem? (.) Como é a cabeça de homem? **Cabeça de homem (.) é cheia de caixa. Montão de caixinha, toda compartimentada em caixas. Cada caixa contém um assunto.** Repita comigo irmã, um assunto.

P.: Um assunto.

C.: De novo.

P.: Um assunto.

C.: Isso significa que **o homem fala >uma coisa de cada vez<**.

P.: X

C.: Entendeu? **Quando uma mulher diz pra um homem assim ó (.) EU TENHO <TANTA COISA pra te falar>, desanimou o cara.**

P.: @@@

C.: Nunca fale isso.

P.: hhh

C.: Ele pensa, quantas caixas vou ter que abrir?

P.: @@@

C.: **QUER FALAR COM UM HOMEM <DIGA, EU TENHO UMA COISA PRA TE FALAR E É MUITO:?[S-**

P.: **(([°Sério°]))**

C.: Já era. Ele fala pode falar, agora, não quero saber agora.

C. = Cláudio Duarte. P. = Plateia.

Depois de falar sobre o homem, Duarte passa a explicar sobre a cabeça da mulher. Ao contrário dos homens, a cabeça feminina não seria compartimentada, não teria caixas isolando cada assunto. Segundo o pastor, o que nós, mulheres, temos é uma cabeça composta por um emaranhado de fios desencapados. Todos os assuntos estariam conectados, e por isso, de acordo com Duarte, falamos de várias coisas ao mesmo tempo.

Excerto 2

C.: Com o homem é uma coisa de CADA?

P.: Vez.

C.: É assim que o homem funciona. As mulheres ficam frustra>da::s<. Porque o homem é assim. Uma coisa, uma:. **Mas cabeça de mulher não tem (.) caixa. Cabeça de mulher (.) é um emaranhado de fio.**

P.: @@@

C.: Tudo desencapado.

P.: @@@

C.: Alta corrente contínua. **Pra mulher tudo tem a ver. Tudo está interligado.** Zzzzz. Tudo. **Ela fala de dinheiro, sexo, filho, igreja, tudo ao mesmo tempo,** e o homem fica assim, que caixa que ela tá gente? PELO AMOR DE DEUS.

P.: @@@

C.: Aí ele fica calado. ELA OLHA PRA ELE E DIZ, TU NÃO VAI FALAR NADA? EU NÃO SEI, NÃO SEI QUE CAIXA.

P.: @@@@ (palmas)

C.: Se eu soubesse a caixa eu falava. **Então como é que eu vou falar se você tá falando tudo ao mesmo tempo?** Na hora que eu descobrir a caixa eu abro. E elas ficam ferozes porque o homem fica quieto. Não basta ter um pouquinho de sabedoria irmã?

C. = Cláudio Duarte. P. = Plateia.

Algumas ideologias linguísticas de falas diferentes bastante difundidas se fazem presentes nos enunciados de Duarte. No Excerto 1, quando o tópico é cabeça masculina, as ideologias linguísticas sobre fala masculina instituem que os homens falam pouco e que eles falam com objetividade. A objetividade linguística dos homens é creditada à estrutura de caixas da cabeça masculina: se é possível “abrir” somente uma caixa de cada vez, também é possível falar apenas sobre um assunto de cada vez.

As ideologias linguísticas sobre fala feminina também são consonantes ao que é dito sobre a cabeça das mulheres, e são exatos opostos das ideologias sobre fala masculina – da mesma forma que a bagunça de fios das mulheres é contrária à organização em caixas dos homens. No

Excerto 2, as mulheres falam muito e sem objetividade. A solução dada pelo pastor para evitar conflitos entre o casal motivados pela diferença de comportamento linguístico é que as mulheres mudem sua forma de falar com os maridos, que elas falem menos e com mais objetividade, e que tenham um pouco mais de “sabedoria”, colocando limites na própria natureza (divinamente formada) de falar além do desejado para poderem conviver em harmonia com o silêncio natural dos homens. Duarte cria uma disparidade entre as práticas linguísticas das mulheres e o comportamento linguístico feminino adequado e pretendido, estabelecendo que as mulheres cristãs devem ter orgulho de seu silêncio, do mesmo modo que deviam fazer as mulheres da ascensão da burguesia europeia (CAMERON, 2012).

Excerto 3

<p>C.: A mulher, ele chega em casa a mulher tá de cara feia. Aí o que que ele faz? Abre a caixa do hoje.</p> <p>P.: @@@.</p> <p>C.: Que que eu fiz hoje?</p> <p>P.: @@@@</p> <p>C.: Não fiz nada hoje.</p> <p>P.: @@@@</p> <p>C.: Por que que ela tá assim?</p> <p>P.: @@@</p> <p>C.: Não foi hoje filho.</p> <p>P.: @@</p> <p>C.: Foi há quinze anos [atrás e o fio encostou. Zzzzz. Ela lembrou. Se ela lembrou tu já era cara.</p> <p>P.: [@@]</p>

C. = Cláudio Duarte. P. = Plateia.

Outra característica do cérebro feminino que ocasiona desentendimentos conjugais é, de acordo com Duarte, a memória mais bem desenvolvida das mulheres em relação à dos homens. No exemplo dado pelo pastor (Excerto 3), uma discussão se inicia quando o homem, que acaba de chegar em casa (do trabalho, talvez?), encontra a mulher, que estava em casa (ela não trabalha, talvez?), remoendo um erro do marido cometido quinze anos antes. Essa lembrança foi provocada pela ação despropositada de um “fio” que simplesmente “encostou”, e o marido se torna alvo desse cérebro sem sentido; ele “já era”.

O discurso de que as mulheres são voláteis e mentalmente “instáveis” encontrou, por algumas décadas, justificativa na invenção dos hormônios sexuais (FAUSTO-STERLING, 1992, 2000). Agora, todavia, a famigerada instabilidade feminina foi movida para as estruturas cerebrais, atualizando as alterações de estado de humor (e mente) das mulheres conforme os princípios da onda cerebralista. “Os hormônios não mais definem apenas as gônadas (e as gônadas, o homem – ou a mulher). Agora eles podem até mesmo definir o cérebro, e o cérebro então consegue definir o homem ou a mulher”⁵² (FAUSTO-STERLING, 1992, p. 224).

⁵² No longer do hormones simply define the gonad (and the gonad the man - or woman). Now they can even define the brain, and the brain then gets to define the man or woman”.

Excerto 4

C.: E eu aprendi uma coisa dessa mente feminina. **Uma mulher pode fazer diversas coisas ao mesmo tempo. Multifuncional.** É ou não é verdade? Elas têm uma >habilidade mermão<. Terrível. **Ela atende o telefone, fazendo a maquiagem, mexendo a [panela], olhando as [crianças], escutando a televisão.**

P.: [@@@] [@@]

C.: Ao mesmo tempo, tu acredita? Elas fazem isso. **Um homem, põe o leite pra ferver. [(Pausa de 10 segundos para representar o homem vigiando o leite ferver)]**

P.: [@@@@@]

c.: Entorno:u. Entor- u- **uma função só (.) pro homem pode ser demais.**

C. = Cláudio Duarte. P. = Plateia.

A suposta habilidade das mulheres em fazer várias coisas ao mesmo tempo, além de falar sobre diversos assuntos, também se faz presente na pregação. Para exemplificar como a mulher consegue se empenhar em várias atividades simultâneas, Duarte cita ações da esfera privada – cuidado com afazeres domésticos e filhos – e práticas que envolvem uma atenção à linguagem: falar ao telefone, maquiarse, cozinhar, tomar conta das crianças e assistir à televisão. O homem, por sua vez, tem dificuldade em realizar até mesmo uma atividade, e isso é exemplificado com outro exemplo de uma função doméstica. O sucesso plurifuncional das mulheres e o fracasso unifuncional dos homens ficam restritos à vida doméstica e privada. O novo biologismo promovido por Duarte atualiza, e sedimenta, a conhecida doutrina de esferas separadas (GAL, 2002), que associa às mulheres os traços da vida privada e aos homens, os traços da esfera pública.

O novo biologismo mobilizado no vídeo do pastor Cláudio Duarte usa uma representação alegórica para explicar como homens e mulheres são diferentes. Não há uso de termos específicos dos estudos de neurociência, nem menções a artigos ou pesquisas. Aqui, ouvimos sobre caixas, sobre fios, sobre como e porque homens e mulheres agem de formas distintas, em uma explicação divertida centrada em oferecer exemplos do dia a dia dos casais. Os recursos metafóricos formadores do repertório desse pastor são cômicos e envolventes. A plateia aprecia os esforços do pastor e parece se identificar com o é dito; há muitas risadas e muita cooperação quando Duarte solicita a participação do público.

Quem assiste a um vídeo de Cláudio Duarte pela primeira vez se surpreende (e até mesmo se assusta) com a comicidade do pastor. Mas esse é seu estilo; em várias outras pregações, breve e despreziosamente assistidas, o pastor brinca, faz piadas e gracejos. A aprovação ao estilo de pregar do pastor não vem somente da plateia. Muitas fiéis nos

comentários do YouTube também se divertem com Duarte; na verdade, eu mesma me vi rindo algumas vezes.

Aliás, foi exatamente passando os meus olhos pelos comentários abaixo do vídeo de Duarte que eu tomei conhecimento de que essa pregação é muito idêntica à distinção entre cérebro feminino e masculino feita pelo pastor estadunidense Mark Gungor. O [vídeo](#) de Gungor tem, até dezembro de 2020, aproximadamente 8.060.000 visualizações, e foi postado em 28 de fevereiro de 2011, mas demais recortes da mesma pregação foram postados anteriormente, em 2010 e 2009, indicando que a diferenciação feita por Gungor precede aquela de Duarte

A versão brasileira é igual à estadunidense em muitos aspectos, a começar pela própria metáfora de caixas e fios. As piadas, a despeito de algumas estarem posicionadas em etapas diferentes da explicação, também são bastante equivalentes. De fato, as performances dos dois pastores se equiparam até mesmo na jocosidade da pregação, e o público é igualmente receptivo. Gungor, porém, menciona brevemente um estudo da Universidade da Pensilvânia que, supostamente, descobriu que os homens podem pensar em absolutamente nada e continuarem respirando. O pastor não chega a especificar quem são as autoras desse estudo, em que periódico e ano ele foi publicado, nem quaisquer outras informações.

Ademais de recontextualizar o novo biologismo do discurso científico para o público cristão (evangélico), o vídeo de Duarte é um dos pontos de parada de um texto importado que tem viajado desde o final da década de 2000 a partir dos Estados Unidos. As caixas que o pastor Cláudio Duarte introduz no contexto brasileiro popularizaram no Brasil a ideia de diferença cerebral entre os sexos, e tornam conhecido o próprio pastor, dado que muitos dos vídeos sequentes à pregação sobre caixas têm milhões de visualizações a mais do que os vídeos anteriores.

Se o pastor Cláudio Duarte promove a diferenciação entre os cérebros sob uma lente leiga, superficial e engraçada, o pastor Lamartine Posella o faz de uma forma que, de início, parece ser bem mais científica, usando recursos técnicos para explicar sobre anatomia e fisiologia cerebral, citando algumas “descobertas” da neurociência, e ilustrando as explicações com um modelo de cérebro. Essa [pregação](#) é a última parte de uma série de mensagens ministradas por Posella intitulada “O maravilhoso cérebro e uma mente renovada”. Cada uma das pregações dessa série trata da intersecção entre cérebro, fé, deus e comportamento, numa incorporação da tendência cerebralista aos ensinamentos sobre vida cristã. A propósito, Posella

é um estudioso da neurociência e seu objetivo é “passar as informações para o público leigo de forma mais prática”, conforme a biografia disponível no site do pastor⁵³.

Excerto 5

L.: Em outras palavras, parte dos atributos de deus, ele deu pro homem. Deus não é homem. (.) E deus não é mulher. Deus é deus. **E ele tem atributos que ele compartilhou com a mulher. Outros atributos ele compartilhou com o homem. (.) Por que que então é importante que uma criança (.) cresça num lar onde ele tem um pai e uma mãe? Porque dois pais nunca poderão compartilhar com o filho (.) a natureza de deus. Porque são dois homens ou duas mulheres. É exatamente nas diferenças que são compatíveis (.) complementares que deus compartilha a sua imagem.**

L. = Lamartine Posella.

Na introdução da mensagem sobre diferenças, Posella designa que as características distintas entre mulheres e homens são, de fato, qualidades que fazem parte de deus. Essas características são complementares, e, colocadas lado a lado no contexto familiar, permitem que as crianças entendam a natureza de deus. A complementaridade dos gêneros como manifestação da figura de deus é requisito para a boa formação cristã, bem como serve de motivação para a manutenção da heterossexualidade.

Excerto 6

L.: Hoje (.) como eu prometi, eu vou terminar a série sobre o cérebro e eu quero lhes falar sobre a diferença que há (.) no cérebro do homem e da mulher. (.) Aliás são muitas diferenças. Do ponto de vista físico aparente, o cérebro do homem é um pouco maior que o da mulher. Insignificante a diferença. **Mas há centenas de estruturas dentro do cérebro responsáveis por áreas diferentes que tanto homem quanto mulher têm, mas agem de maneiras diferentes. Por quê? Por causa de tamanho de proporção, dos hormônios que sobre essas estruturas ãh passam né e: e interagem.** Portanto deus fez propositadamente (.) homem e mulher diferentes. Quantos aqui já são casados? Vocês já perceberam como vocês são diferentes das suas esposas? Ou dos seus maridos? Sim ou não?

P.: Sim

L.: Hoje vocês vão entender por que dessas diferenças. Que são diferenças em muitos aspectos. Mas em todas essas diferenças deus desejou partilhar da sua imagem e fazer da família o lugar onde crianças nascessem e crescessem recebendo a plenitude dessas características que deus partilhou pra com os seres humanos. Amém? Então nós vamos começar falando que existem

⁵³ <http://www.lamartineposella.com.br/site/page/>. Último acesso em 29 de dezembro de 2020.

estruturas de inteligência do cérebro- no cérebro que são diferentes no homem e na mulher. Por exemplo. **O cérebro humano, ele tem dois tipos de massa, a massa cinzenta e a massa branca. Na verdade a massa cinzenta ela é rosa, mas depois de ser exposto ao ar, e principalmente quando é vai pro formol ela fica cinza. E a massa branca na verdade é amarela por causa da mielina, e depois ela fica esbranquiçada. Mas é importante que você saiba o seguinte, o homem tem mais massa cinzenta que a mulher. A mulher tem mais massa branca que o homem. Depois você vai entender como a diferença dessa estrutura do cérebro faz com que a mulher organize os seus pensamentos diferente dos homens. Amém?**

L. = Lamartine Posella. P = Plateia.

Ao abordar a anatomia do cérebro para a plateia de fiéis, no Excerto 6, Posella não se limita a fazer descrições com alegorias divertidas. Ele o faz com o repertório mais próximo do paradigma da neurociência e ainda explica, como quem conta uma curiosidade, sobre as verdadeiras cores da massa cinzenta e da massa branca. Como já dito, essa é a última de uma série de pregações sobre o cérebro, e muitos termos específicos da neurociência já podem ter sido introduzidos anteriormente, de modo que não se trata mais de um público totalmente leigo no assunto. Esse contexto permite que as diferenças no cérebro sejam desenvolvidas num contexto religioso de repertório científico.

Se os gêneros são complementares e as diferenças de gênero também são complementares, se ambas as categorias de qualidades, as ditas femininas e as ditas masculinas, são parte da constituição de deus, então não existe, ou não deveria existir, uma ordenação hierárquica entre as características, nem uma hierarquia entre os cérebros e seus gêneros. Entretanto, na última frase do Excerto 6, os atributos femininos e masculinos são organizados hierarquicamente – **Depois você vai entender como a diferença dessa estrutura do cérebro faz com que a mulher organize os seus pensamentos diferente dos homens**. Posella poderia completar com algo como “e o homem organize os seus pensamentos diferentes das mulheres” ou outras palavras nessa linha, mas ele não o faz. Então, existe uma hierarquia, um padrão – o modo masculino de pensar – e um desvio do padrão – o pensamento feminino.

Excerto 7

L.: A grosso modo, eu quero dizer pra você que o cérebro do homem funciona mais ou menos como um supercomputador. Quando você tem um computador o computador ele age abrindo compartimentos e fechando compartimentos. E o homem é mais ou menos assim, o homem pensa (.) de maneira setorizada. O

homem tá discutindo um tema ele quer destrinchar aquele tema. E ele termina um tema pra começar um outro tema. Agora você que é casado, **cê já pensou percebeu como a tua mulher fala de cinco coisas ao mesmo tempo?** Sim ou não?

P.: Sim

L.: Por quê? **Porque o cérebro da mulher é mais ou menos como a internet** @

P.: hh

L.: **Ela é capaz de fazer de pensar em cinco coisas diferentes ao mesmo tempo. O homem não é capaz de fazer isso. O homem pira quando a mulher começa a fazer isso,** ele fala mais pera lá eu tô falando de um negócio cê já vem falar de outro? Então diga o homem é um supercomputador.

P.: °O homem é um supercomputador°.

L.: A mulher é a internet.

P.: °A mulher é a internet°.

L.: Deixa eu dizer uma coisa pra você, de que adianta ter um supercomputador com uma internet lenta?

P.: @@@

L.: De quê adianta você ter uma internet de 30 h 30 megas 30 megas que fala?

P.: 100 megas.

L.: 100? Hoje já tem de 100 né? 100 megas com um computadorzinho mequetrefe. **O ideal é que você tenha uma internet rápida com um computador que tenha um processador veloz potente.** Sim ou não?

P.: °Sim°.

L.: **Em outras palavras homem e mulher foram criados por deus para se completarem.**

L. = Lamartine Posella. P = Plateia.

Ainda que a distinção que Posella faz seja construída com amplo repertório neurocientífico, ele não emprega somente recursos científicos, mas também mobiliza o recurso da diferenciação metafórica, atribuindo aos homens a tarefa de ser um supercomputador (um supercomputador particularmente estranho, que executa apenas uma função de cada vez) e às mulheres a de ser uma internet rápida, para que a complementaridade dos gêneros seja preservada. O público do pastor já está acostumado com o repertório típico da neurociência, mas não a ponto de alegorias divertidas e ilustrativas serem completamente desnecessárias. Como adequações contextuais são necessárias a cada novo recentramento de textos (BAUMAN; BRIGGS, 1990), os recursos científicos (profissionais) e os recursos metafóricos (amadores) são incluídos no repertório de Posella – e assim a aquiescência da plateia ao novo biologismo, via humor ou simplesmente pela confiança na evidência apresentada, é desencadeada.

Excerto 8

L.: (Indicando no modelo de cérebro as partes descritas, com a ajuda da esposa) Aqui é a frente do seu cérebro, mais ou menos aqui essa área da testa aqui. Essa é área chamada de córtex neofrontal ou neocórtex. Essa área de trás é o córtex occipital. Pode voltar pra frente querida. A parte frontal do cérebro da mulher é 36% maior que a do homem. (.) Esta área da frente. Em compensação a área de trás do cérebro do homem é 38% maior que a da mulher. Mas o q- obrigado querida, pode deixar aí que vou continuar. O que que isto significa? Esta área da frente, (.) que a mulher tem mais protuberante, (.) é a área onde está o foco. Vocês que são mulheres, vocês ficam irritadas quando seus maridos não conseguem fazer duas coisas ao mesmo tempo né? Sim ou não? Ele tá assistindo televisão, cê faz uma pergunta pra ele, ele fala ãh?

P.: hh

L.: Sim ou não?

P.: °Sim°.

L.: **A mulher em compensação ela faz: dez coisas ao mesmo tempo e numa boa, porque esta é área do (.) cérebro em que o foco é exigido. E segundo os os cientistas, eles dizem que na verdade a mulher no início da vida, ela teve que desenvolver essa área, por quê? Porque ela ficava dentro da caverna cuidado do- da sua prole dos seus filhos. E muitas vezes a iluminação que tinha lá era muito (.) pequena. Era um fogo que tinha que iluminar uma caverna inteira. Ela tinha que olhar pra ver se tinha algum bicho chegando, (.) ver o que os seus filhos estavam fazendo. Então ela teve que desenvolver o foco, e como tudo no cérebro se desenvolve, a mulher ao longo dos muitos desenvolveu um cérebro mais focado. Isso é indubitável. Os homens não conseguem fazer duas coisas ao mesmo tempo bem-feito.**

L. = Lamartine Posella. P = Plateia.

A comparação com computador e internet têm a função de sedimentar as informações já apresentadas por Posella, que logo volta a descrições mais precisas das diferenças, apresentando a anatomia cerebral que justificaria o funcionamento específico quanto ao gênero. Usar de repertórios científicos mais distribuídos entre a plateia de fiéis é parte da mensagem de Posella, mas ele vai além e mobiliza até mesmo o que não se imaginaria ver numa pregação evangélica: uma tese evolucionista. O pastor busca lá no tempo das cavernas o primórdio da chamada multifuncionalidade das mulheres, e encontra o desenvolvimento evolutivo da capacidade de foco, descoberta que ele atribui a “cientistas” cujos nomes e publicações não são oferecidos. Alguém até poderia dizer que ele está apenas divulgando o que a ciência supostamente diz sobre isso, no entanto, ele afirma “**Isso é indubitável**”.

Excerto 9

L.: In- além disto esta área é a área >responsável< (2.8) >pela fala<=
 P.: @@@[@@
 L.: [@@
 L.: (6.9) **Você acha que é por acaso (.) q- que a sua mulher fala muito mais do que você? (.) Não é um acaso, a mulher >precisa< falar mais do que o homem.** Isso não é um defeito, ela na verdade ela tem essa área desenvolvida, os sentimentos, e as emoções, e os pensamentos (.) são processados na mulher através da fala. E o homem, essa área é bem mais curtinha @.

L. = Lamartine Posella. P = Plateia.

O comportamento linguístico atribuído às mulheres deriva, conforme Posella, do tamanho da área frontal do cérebro feminino. Segundo o pastor, as mulheres falam “muito mais” do que os homens porque temos o neocórtex maior e usamos a fala para processar pensamentos e emoções. Posella enuncia esse “dado” ao público com uma pausa dramática, articulando mais lentamente as palavras, como quem preparou esse momento para ser o clímax de pregação. Mas a revelação do pastor sobre as mulheres falarem mais do que os homens é apenas uma ideologia linguística sobre fala feminina excessivamente tradicional e disseminada. A novidade fica por conta das evidências “científicas” agregadas à explicação. No enquadre da diferença linguística sexual feito por Posella, e comum a outros discursos do novo biologismo (CAMERON, 2014), o comportamento linguístico feminino e o masculino são meros reflexos da arquitetura biológica mais profunda.

Excerto 10

L.: **Mas agora eu quero falar pra vocês dessa (.) estrutura chamada de (.) gyrus cingulado anterior.** Deixa eu ver seu consigo aqui ((7.1)) (Posella manipula o modelo de cérebro parar abri-lo) °É pra cá né?° (Apontando para a câmera) É mais ou menos essa região aqui ó (indicando no modelo). É uma estrutura que é um círculo, por isso gyrus. Cingul- cingulado anterior. **Essa estrutura está diretamente ligada à modulação, (.) falar bem devagarzinho que é pra vocês pensarem, >das nuances emocionais<, >variações emocionais<.** Adivinha (.) quem tem h essa estrutura maior?
 P.: X
 L.: Homens ou mulheres?
 P.: Mulheres.

L. = Lamartine Posella. P = Plateia.

Variações de humor consideradas tipicamente femininas são frequentemente imputadas às cargas hormonais que atuam no ciclo menstrual (FAUSTO-STERLING, 1992, 2000).

Posella, todavia, liga essas variações a uma região específica do cérebro, construindo com mais recursos científicos o que o pastor Cláudio Duarte faz com recursos metafóricos. Mais uma vez, uma nomenclatura técnica e provavelmente até então desconhecida por muitas das pessoas da plateia é empregada como parte do repertório da pregação, fabricando as afirmações do pastor como uma verdade científica digna de credibilidade.

Excerto 11

L.: POR QUE QUE deus (.) criou o homem para ser o líder? Porque o homem (.), ele não tem >tanta< suscetibilidade às emoções. Ele enfrenta melhor as lutas e os baques da vida do que a mulher. Eu conheço mu:itos casos de mulheres que tiveram que liderar os c- as suas casas. E eu digo pra você, todas as mulheres que a vida (.) acabou (.) por determinar ou impor este peso são mulheres cansadas emocionalmente. Porque deus não fez a mulher pra carregar o piano, deus fez o homem pra carregar o piano. **Então as mulheres precisam aprender a deixar os seus homens (.) liderar suas casas.**

L. = Lamartine Posella.

Caminhando para o fim da mensagem, o pastor explica como os casais podem resolver eventuais problemas que surjam de todos os embates provocados pelas diferenças. Ele procede à leitura de um texto do livro de Efésios, na Bíblia cristã, que fala sobre a organização dos papéis da mulher e do homem no casamento. De acordo com o trecho lido, as mulheres devem ser submissas aos maridos, que devem liderar a casa. As diferenciações feitas por Posella, com recursos do repertório científico, como a terminologia adequada, os exemplos empregados, a ilustração das explicações através de um molde de cérebro, culminam no texto bíblico que prescreve a submissão feminina. A chave para solucionar os conflitos entre o casal é que cada parte ocupe o papel que lhe cabe – alguns mandando, outras obedecendo.

Os pressupostos do novo biologismo circulantes na mensagem de Posella, além de origem dos conflitos no relacionamento conjugal, sustentam “cientificamente” a imposição bíblica da submissão feminina e da liderança masculina. A instabilidade dos papéis sociais nos lares cristãos, traçada pela recontextualização, reconhecida ou não, de discursos feministas, suscita uma solução, oferecida pela incorporação de repertórios científicos em meio religioso. Chamar tal e tal texto da Bíblia que postula sobre submissão feminina parece não ser mais suficiente para convencer essas mulheres, elas precisam ser persuadidas com táticas que vão além da fé ou do sentimento de obrigação em seguir papéis bíblicos de gênero. O novo biologismo é essa nova estratégia de convencimento: Posella constrói toda uma explicação sobre cérebro não somente nessa última mensagem, mas também das outras da série “O

maravilhoso cérebro e uma mente renovada”, e a moral da história é que as mulheres devem ser submissas e que os homens devem ser os líderes.

Ao passo que a pregação de Posella é repleta de ajuda “científica” para criar as diferenças, a [pregação](#) do padre Chrystian Shankar não faz uso dos mesmos recursos. O padre trabalha com muitos exemplos para demonstrar vinte diferenças que ele encontra entre homens e mulheres, algumas dessas diferenças elencadas são cerebrais, mas não é mencionado, nem ao menos vagamente, estudo A ou B, e nem se fala em ciência ou neurociência.

A categorias de diferenças encontradas pelo padre são opositivas, como: visão espacial/visão periférica, razão/emoção, objetividade/não objetividade, foco em trabalho/foco em relacionamento, não detalhamento/detalhamento. Não surpreendentemente, o padre enquadra os homens no primeiro elemento e as mulheres no segundo, atualizando uma distribuição tradicional de comportamentos e valores generificados e dualistas, como mostra Fausto-Sterling (2001) e Gal (2002).

Apesar de o vídeo de Shankar ter sido sugerido quando acessei o vídeo de Posella, e ainda que eles sejam muito parecidos nas diferenças entre gêneros produzidas, existe uma descontinuidade na exploração da neurociência e no uso do repertório científico. Shankar manipula as diferenças como um fato aceito, como uma coisa que existe e ponto final, de maneira que não é necessário chamar à mensagem tal e tal estudo como estratégia de convencimento. Talvez tenha sido por isso que as buscas realizadas no YouTube resultavam em pregações evangélicas, mas não em pregações católicas. O apelo ao conhecimento secular e a mobilização de recursos da ciência para ratificar um design supostamente feito por deus é uma ferramenta de entextualização mais comum aos discursos cristãos evangélicos do que aos católicos.

Excerto 12

C.: Eu vou passar pra você, de maneira (.) >leve e descontraída<, pode ter outras, (.) eu consegui ver apenas VINTE diferenças básicas entre homem e mulher. Padre, tem mais? I:xi. Mas vamos trabalhar vinte, porque essas vinte são as principais. **Quando você escutar eu falar (.) homem, mulher, isso é que nós chamamos na curva (.) da normalidade.** Exemplo. Antes de começar. Eu vou falar sobre a fala. Aí eu vou dizer assim, **geralmente homem fala pouco, é caladão. Mulher fala (.) muito. Isso é uma normalidade. A maioria das mulheres falam muito. A maioria dos homens falam pouco. Isso não significa que não existe homem que fale muito, e que não exista mulher QUE (.) seja calada. Mas a grande faixa (.) da população que é mulher, ela tem um comportamento assim. Uma faixa grande dos homens tem um comportamento**

assim. Eu não posso entrar aqui em casuística. Ah minha vó não é assim, meu pai não é assim, eu não sou assim. Cê pode não ser assim, mas a grande maioria do povo (.) é.

C. = Chrystian Shankar.

Shankar admite que as segregações feitas na pregação não contemplam todas as pessoas, que algumas poucas não se encontram na curva da normalidade. Isso é importante porque, desde os vídeos anteriores, essa é a primeira vez que é admitido que nem todo mundo tem um comportamento equivalente ao estereótipo pretendido. Tal inovação pode ser um efeito dos recursos amadores presentes no repertório que o padre usa na pregação, sem pretensões de prover um aval científico para a diferença que se deseja fabricar e manter.

O que não é inovador na mensagem do padre são suas perspectivas sobre como homens e mulheres falam. Segundo ele, o normal é que homens falem pouco e mulheres falem muito. As ideologias linguísticas se desdobram mais adiante em comunicação direta e não detalhada para os homens e comunicação indireta e detalhada para as mulheres.

Excerto 13

C.: Quinta diferença. É:: O homem tem uma trilha >unilateral<. A mulher (.) tem uma trilha >multilateral<. Que que isso? O homem faz bem UMA coisa de cada vez. A mulher, ela parece um polvo. Eu já vi mulher (.) fazendo almoço, assistindo televisão, ouvindo o rádio, balançando o nenê, falando no celular. Pede pro marido fazer isso.

P.: hh

C.: Aí como mulher sabe que o marido faz uma coisa só, ela fala assim, bem, tá chuveando eu vou ali pegar roupa. Fica de olho no leite pra mim, eu pus pra ferver. Eu não sei se você já viu mulher. Mulher põe o leite pra ferver, ela vai cuidar de criança, vai limpar banheiro, ela chega (.) o leite tá quase fervendo. O homem fica assim ó, [(oito segundos demonstrando o homem vigiando o leite)]

P.: [@@@]

C.: E o negócio não ferve. Aí passa um tempo ferve, ele grita, Ô BEM. Que que é? Derramou h=

P.: =@@@

C. = Chrystian Shankar. P. = Plateia.

A capacidade das mulheres de executarem várias atividades ao mesmo tempo e a incapacidade dos homens em fazer o mesmo também existem no vídeo de Shankar. O mais interessante, contudo, é a óbvia reinterpretação da performance de Cláudio Duarte de um homem colocando o leite para ferver. Durante pouco mais de quatro anos, o vídeo de um pastor

evangélico circulou, viajou entre diferentes contextos de tal maneira que um padre católico pode incluí-lo em suas próprias pregações. Os textos, de acordo com Bauman e Briggs (1990), carregam consigo elementos da história de uso do discurso, e as considerações de Duarte sobre as diferenças entre mulheres e homens é certamente um elemento importante, profusamente recontextualizado, do discurso do novo biologismo cristão.

No início de um [bate-papo](#) do Congresso Homens e Mulheres Diante do Trono de 2016, a pastora e cantora Ana Paula Valadão e a pastora Helena Tannure concordam que as mulheres não focam em apenas um assunto quando conversam. Novamente, a cabeça das mulheres é comparada a um emaranhado de fios. A mesma metáfora usada por Cláudio Duarte, que por sua vez entextualizava a metáfora de Mark Gungor, para explicar sobre a cabeça das mulheres é acionada por Valadão e Tannure, e a tradicional ideologia linguística de que mulheres falam muito e sem objetividade se faz presente em mais uma recontextualização do novo biologismo em um evento cristão.

Excerto 14

AP.: Helena, vamos contar alguns dos seus: (.) accomplishments, das suas conquistas. A Helena é casada há::

H.: 26 anos=

AP.: =26 anos. Com o mesmo marido né? [Ua:u.]

H.: [Graças a deus.]

P.: @@@@

AP.: João Lúcio Tannure. É casada com o João. Mãe de >quatro<=

H.: =Mãe de quatro. Se deus quiser vó de dez.

AP.: AMÉM @@. Eu também falo pros meus meninos, ó não para por aí não, só dois que a mamãe parou, por favor.=

H.: =Amém.

AP.: Se eu pudesse teria mais. Quem sabe vem um já prontinho, igual vieram pra Dani, assim >também<. [Do >coração né<

H.: [Uai, tem essas coisas também né Ana. Olha isso=

AP.: =Pode vir uns prontinhos. Se a gente não consegue na [barriga], consegue no coração.

H.: [Verdade]. No coração=

AP.: =Gente, já fechei parênteses né. Mulher (.) >divaga, divaga< né. Um fio conecta no outro, né assim?=
H.: =Sim=
AP.: =Um assunto conecta no outro,=
H.: =É, muitos fios embolados.=

AP.: =<Muitos fios>. Então tá.

AP. = Ana Paula Valadão. H. = Helena Tannure. P. = Plateia.

Até este ponto, os materiais analisados recontextualizam as mesmas ideologias da diferença linguística sexual, ou seja, mulheres falam muito e sem objetividade, ao passo que os homens falam pouco e apenas aquilo que é absolutamente necessário. As ideologias linguísticas do novo biologismo dos enunciados de Duarte, Posella, Shankar, Valadão e Tannure são construídas pelos processos de diferenciação linguística, que relacionam elementos linguísticos a outros fenômenos sociais, apresentados por Irvine e Gal (2000). Lembro que as autoras tratam de três processos distintos – apagamento, iconização e recursividade fractal –, ainda que estreitamente relacionados. Os dois primeiros se fazem bastante presentes nas falas das lideranças cristãs, enquanto a recursividade fractal é característica do material empírico analisado no próximo capítulo.

No processo de iconização, um determinado traço linguístico que se toma como pertencente a um grupo de pessoas é transformado no ícone desse grupo, a qualidade, alegadamente inerente, pela qual o grupo é conhecido (IRVINE; GAL, 2000). A noção de comportamentos linguísticos tipicamente femininos e masculinos é formada pela iconização, na medida em que traços como “falar muito” caracteriza o grupo “mulheres” e “falar pouco” caracteriza o grupo “homens”.

O apagamento simplifica a complexidade e diversidade das práticas linguísticas (e das pessoas que se engajam nessas práticas) através da exclusão de aspectos linguísticos que não se encaixam na visão homogeneizante sobre os grupos de falantes (IRVINE; GAL, 2000). O comportamento discrepante, como as mulheres que falam pouco e os homens que falam demais, não configura dentre as imagens sociolinguísticas sobre mulheres e homens, e por isso é ignorado – ou, quando eventualmente reconhecido, é colocado de fora da “curva da normalidade”, como diz o padre Chrystian Shankar.

Entretanto, o processo de apagamento nem sempre se desdobra em tentativas de erradicar a peça cuja existência não combina com a iconização sociolinguística. “É provável que somente quando o elemento ‘estranho’ é visto como integrante de uma ameaçadora imagem alternativa, o processo semiótico envolvido no apagamento possa se traduzir em um tipo de ação prática para remover a ameaça”⁵⁴ (IRVINE; GAL, 2000, p. 39).

Com as reconfigurações sociais e políticas decorrentes da luta feminista, as diferenças sexuais criadas a partir do surgimento do modelo sexo duplo (LAQUEUR, 1990) passaram a

⁵⁴ “It is probably only when the ‘problematic’ element is seen as fitting some alternative, threatening picture that the semiotic process involved in erasure might translate into some kind of practical action to remove the threat”.

ser questionadas em mais de uma frente – se não estava em xeque a própria diferença, muitas vezes sua relevância era desafiada (SCOTT, 1994). Estando ameaçada a estabilidade das diferenças, inclusive as diferenças linguístico-sexuais, a estratégia de controle surge com o novo biologismo, que presenteia com conforto racional e científico quem deseja que as diferenças entre homens e mulheres existam e sejam preservadas (CAMERON, 2014), e efetivamente apaga as práticas linguísticas que não se ajustam à imagem homogeneizante estimada, bem como projeta o esquecimento das mulheres e homens não pertencentes a tal imagem.

Num bate-papo de 2018, em que estão presentes Ana Paula Valadão, Gustavo Bessa, a psicóloga Daniela Bessa, o pastor Sérgio Ricardo e a pastora e coach Dinamércia Moreira, as diferenças entre homens e mulheres são, brevemente, atribuídas à personalidade de cada indivíduo, ao contrário da forma com que diferenças foram abordadas em outros materiais. Daniela Bessa, em certa medida rejeitando os processos de apagamento e iconização geradores da ideologia linguística de falas diferentes, chama atenção para o fato de que as diferenças são individuais e mudam de pessoa para pessoa, e não de um gênero ou sexo ao outro.

Excerto 15

D.: **Essa própria questão, por exemplo. Tem gente que fala assim, mulher gosta das coisas nos mínimos detalhes. Eu sou mulher e eu sou super objetiva=**

AP.: **=Então [não é a questão do masculino e feminino necessariamente.**

D.: **[Então- >não é a questão<. É a questão do jeito da pessoa.**
Então se você começa a me contar um caso, a: **>ontem, aconteceu [ass-<**

AP.: **[Ou,**
>quando eu nasci<::] hhh

D.: **[Pra- pra- eu sou super [objetiva, então tem a ver, com voc-, quando você conhece o outro, você sabe como falar com o outro.**

D. = Daniela Bessa. AP. = Ana Paula Valadão.

Pela primeira vez, em todos os vídeos analisados, reconhece-se que as características linguísticas tradicionalmente chamadas de femininas ou masculinas não são inevitavelmente decorrentes de estruturas formadas em virtude dos cromossomos sexuais, não têm “necessariamente” a ver com ser mulher ou ser homem. Daniela Bessa sugere que evitar problemas nas famílias e relacionamentos envolve compreender a individualidade de cada integrante, e não de cada gênero. A fala da psicóloga vai de encontro aos conselhos de Duarte, Posella e Shankar, que dizem ser necessário conhecer as ditas diferenças sexuais para evitar conflitos no casamento.

O novo biologismo recontextualizado nos eventos cristãos analisados neste capítulo enquadra os conflitos e desentendimentos entre os casais de fiéis como uma consequência de diferenças entre o cérebro das mulheres e o cérebro dos homens. Assim, com muita ou pouca adesão ao repertório neurocientífico, anatomia e fisiologia cerebrais são exploradas nas mensagens e pregações para que os casais entendam de onde surgem os problemas que enfrentam no dia a dia dos relacionamentos.

No primeiro material analisado, o vídeo do pastor Cláudio Duarte, recursos cômicos altamente metafóricos são manejados para tratar das diferenças. As caixas e fios de Duarte, na verdade elas mesmas um recentramento importado da explicação metafórica presente nas pregações do pastor estadunidense Mark Gungor, são um texto largamente reverberado no contexto cristão católico e protestante, especificamente nas pregações para casais. Isso pode ser visto na interação entre as pastoras Ana Paula Valadão e Helena Tannure e na mensagem do padre Chrystian Shankar, cujo repertório das diferenças cerebrais também é bastante cômico e leigo.

Lamartine Posella é certamente o líder cristão que mais se serve de um repertório científico especializado, sem deixar, contudo, de fazer as adequações pertinentes para a recontextualização do novo biologismo, integrando recursos não científicos à pregação. Mas, quer seja o repertório das pregações repleto de cientificidade, quer seja ele amador, recorrentes diferenças e oposições cerebrais são chamadas para formar os homens e as mulheres, como: as mulheres são qualificadas como multifuncionais e afortunadas nas tarefas domésticas, enquanto os homens só conseguem focar em uma atividade de cada vez; as mulheres têm muita instabilidade emocional, e os homens são menos suscetíveis às emoções.

Também são recorrentes nos vídeos as ideologias de diferença linguístico-sexual, motivadas pelos processos de apagamento e iconização de diferenciação linguística. Sobre a fala masculina, é dito que os homens não são cerebralmente preparados para dar grande importância à linguagem, razão pela qual eles falam pouco e com muita objetividade. Já em relação às mulheres, colocadas na outra ponta da ideologia da diferença linguística sexual, os pregadores e pregadoras afirmam que a linguagem é central para a vivência feminina em virtude da estrutura cerebral, de forma que falamos muito e sem objetividade.

No próximo capítulo, prossigo com a análise das ideologias linguísticas e da história natural dos discursos do novo biologismo, mas com a preocupação de identificar quais são as adequações contextuais do recentramento do novo biologismo em textos de popularização do conhecimento científico.

Capítulo 4 – Novo biologismo e habilidades cerebrais (ou por que as meninas não pilotam avião)

Os materiais analisados neste capítulo recontextualizam o novo biologismo no tema das habilidades cerebrais. São textos variados, publicados em sites jornalísticos e em blogs, e vídeos de eventos cristãos que abordam a questão da diferença cerebral entre os sexos com mais enfoque nas habilidades cerebrais, e em seus efeitos em diferentes níveis da vida de mulheres e homens, e menos ênfase nos relacionamentos conjugais, como faziam os materiais analisados no capítulo anterior.

O primeiro desses textos é uma [entrevista](#) de José Salomão Schwartzman, médico e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, atuante na área de neurologia da infância e da adolescência, concedida ao médico Drauzio Varella para o seu site. Essa entrevista foi um dos primeiros materiais que selecionei para a pesquisa, ainda no momento da exploração etnográfica do campo, como conto no Capítulo 2.

No texto introdutório que antecede a entrevista (creditado a Maria Helena Varella Bruna, redatora e revisora do site), há um apanhado muito breve da historicidade da desigualdade de gênero. Além de dois parágrafos comentando sobre o que Laqueur (1990) chamou de modelo de sexo único, inclusive com as evidências da Grécia Antiga e da Revolução Francesa evocadas pelo autor, há uma breve menção a teóricas do pensamento feminista, Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Germaine Greer – no texto, Friedan e Greer são grafados como Friedman e Gree.

Figura 2 – Entrevista de Schwartzman (trecho 1)

Na Grécia antiga, a diferença de gênero era explicada pela quantidade de calor atribuída, originalmente, a um único sexo biológico que reagiria de maneira mais perfeita, exteriorizando o aparelho reprodutivo no corpo de um homem, ou menos perfeita, deixando-o dentro do abdômen das mulheres. Essa idéia de inferioridade feminina atravessou os séculos, e nossos antepassados achavam que elas jamais conseguiriam atingir o nível de inteligência característico do sexo masculino.

Durante a Revolução Francesa, cujo lema era igualdade, liberdade e fraternidade, as mulheres lutaram ao lado dos homens e sua participação foi de fundamental importância para a conquista dos objetivos revolucionários. Vencida essa fase, porém, elas retomaram o lugar que ocupavam na sociedade, pois continuaram a ser consideradas incapazes para assumir responsabilidades cívicas e políticas.

Depois da Segunda Guerra Mundial, no século 20, vozes se levantaram contra o preconceito que a sociedade patriarcal e machista impunha às mulheres. Nos livros “O Segundo Sexo”, “A Mística Feminina” e “A Mulher Eunuco”, as autoras Simone de Beauvoir, Betty Friedman e Germaine Gree, respectivamente, combateram a marginalização feminina e defenderam a igualdade entre os sexos.

Hoje, sabemos que felizmente há diferenças biológicas entre homens e mulheres, que aparecem logo nos primeiros anos de vida e levam cada um dos sexos a desenvolver determinadas aptidões. Muito se tem discutido se a menina gosta de bonecas e os meninos de jogar bola porque a educação e as atividades a que são expostos incentivam essa preferência. Embora seja uma questão polêmica, estudos mais recentes revelam que essas diferenças começaram a ser estabelecidas pela ação dos hormônios sexuais ainda dentro do útero materno. Não é só por fatores puramente culturais que a menina prefere as bonecas e os meninos, a bola e os carrinhos. Uma força biológica dentro deles orienta essas escolhas.

Fonte: Captura de tela feita pela autora em 12 de julho de 2020.

Nesses trechos, a autora da introdução oferece às leitoras do site um resumo das explicações sócio-históricas para a desigualdade entre os gêneros. No quarto parágrafo (Figura 2), vemos que há, “felizmente”, diferenças biológicas entre homens e mulheres que explicam diferenças de comportamento e aptidões. Talvez o advérbio “felizmente” torne feliz a própria existência das diferenças, ou talvez ele torne feliz uma explicação das consequências das diferenças, amenizando o desconforto gerado pela desigualdade, ou tranquilizando, como propõe Cameron (2014), quem se inquieta com a reivindicação de igualdade. Assim, as explicações sócio-históricas dos parágrafos anteriores não são desprezadas, mas são colocadas em segundo plano diante da “força biológica” orientadora das diferenças.

Uma dessas forças é a ação dos hormônios chamados de femininos, estrógeno e progesterona, e do hormônio conhecido por “masculino”, a testosterona, que atuam sobretudo nas diferenças entre as habilidades verbais, ideia vastamente presente nos discursos do novo biologismo. Schwartzman menciona (Figura 3) que a habilidade verbal feminina fica ainda melhor quando as mulheres estão no meio do ciclo menstrual, embora ele reconheça que as pesquisas sobre o tema chegam a resultados conflitantes. Contudo, logo após admitir a falta de consenso, Schwartzman diz que conhecer a relação entre o ciclo menstrual e a habilidade verbal tem uma “aplicação prática inquestionável” na vida das mulheres. Mesmo um resultado reconhecidamente inconclusivo se torna indubitável e aplicável à realidade.

Figura 3 – Entrevista de Schwartzman (trecho 2)

Drauzio – Quais são as implicações práticas desse conhecimento sobre a ação dos hormônios no cérebro?

José Salomão Schwartzman – Se pensarmos que os hormônios sexuais podem determinar que a pessoa terá melhor inteligência espacial ou, então, melhor habilidade verbal, a pergunta é se eles interferem no desempenho das mulheres que passam por enormes diferenças hormonais todos os meses. Parece que sim. Embora a conclusão não seja consensual, porque há resultados conflitantes, vários trabalhos mostram que a mulher chega ao ápice da habilidade verbal no meio do ciclo menstrual, ou seja, no período de maior produção de estrógeno, e que a atividade espacial é melhor quando o nível desse hormônio cai e ela passa a produzir mais progesterona.

Saber disso tem uma aplicação prática inquestionável na vida das mulheres. Digo para minhas alunas que não marquem a defesa de tese para o período em que o nível de estrógeno está em queda, nem a prova de direção quando ele está muito alto.

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

A influência dos hormônios sobre as habilidades verbais também é vista na escolha da profissão, segundo Schwartzman. A habilidade verbal superior condiciona que as mulheres sejam preteridas para profissões que não exigem muita interação verbal e que demandam outros atributos, como a inteligência espacial – área em que as mulheres são prejudicadas, na visão de Schwartzman. É assim que o médico justifica a pouca quantidade de mulheres pilotos de avião.

Contudo, na argumentação do médico entrevistado, a coexistência de fatores culturais e sociais que influenciam o comportamento não é completamente negada. Schwartzman admite que tais fatores se combinam a aspectos biológicos para moldar as diferenças comportamentais que surgem ainda na gestação e são potencializadas ao longo da vida.

Figura 4 – Entrevista de Schwartzman (trecho 3)

Drauzio - Existe certa lógica nisso. Na primeira fase do ciclo menstrual, o nível de estrógeno sobe para preparar a mulher para o sexo e aumentar a habilidade verbal é uma forma de capacitá-la melhor para a atividade sexual. Na segunda fase, produção maior de progesterona prepara a mulher para a gravidez e aí não faz diferença ter habilidade verbal exuberante.

José Salomão Schwartzman - É verdade. E, à medida que surgem evidências das características de cada gênero, vemos que elas têm muito a ver com a escolha da profissão. Por que existem tão poucos pilotos comerciais do sexo feminino? Acredito que, em parte, porque o mundo é mesmo machista, mas também porque pesa o fato de a inteligência espacial ser de extrema importância para alguém pilotar um jato comercial.

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

Ao segregar as profissões e atividades adequadas para cada sexo de acordo com o grau de excelência nas habilidades verbais, Schwartzman emprega a recursividade fractal, outro processo de diferenciação linguística discutido por Irvine e Gal (2000). Com a recursividade fractal, a dicotomização presente em uma certa oposição é projetada em outros níveis de oposição. Assim, a dicotomia fala masculina/fala feminina ecoa em profissão masculina/profissão feminina, sendo o primeiro integrante das duplas relacionado a pouca habilidade verbal e o segundo, a muita habilidade verbal.

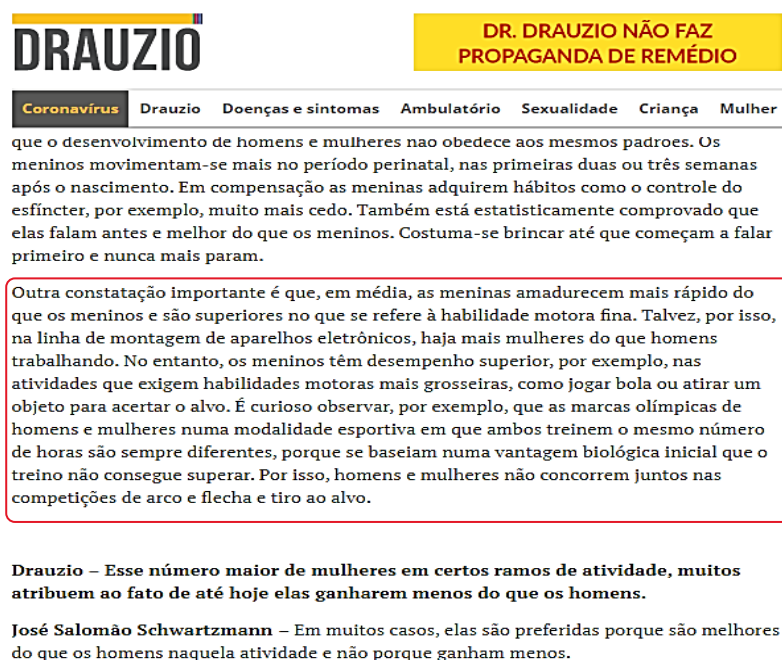
Assim como o psicólogo clínico Baron-Cohen (2003) discrimina as profissões adequadas para mulheres e as adequadas para homens de acordo com a morfologia do cérebro específica a cada sexo, como mencionado no Capítulo 1 (seção 1.2 – Sobre ideologias linguísticas), Schwartzman também justifica o fato de haver profissões tradicionalmente masculinas e outras tradicionalmente femininas com fatores biológicos.

Além das habilidades verbais, a propensão biológica para a interação social também influenciaria a aptidão para certas profissões e atividades. Enquanto as meninas seriam cerebralmente formadas para serem excelentes em empatia social e brincadeiras em grupo, os meninos, que têm “cérebro sistemático”, lidariam melhor com equipamentos eletrônicos e atividades individuais. Ainda, existiria uma correspondência entre a maturação cerebral e as habilidades motoras. Segundo Schwartzman, o cérebro das meninas tem mais maturidade que o cérebro dos meninos, e isso implica no melhor desenvolvimento das meninas nas habilidades

motoras finas e dos meninos nas habilidades motoras grosseiras. Por isso, há mais mulheres na montagem de aparelhos eletrônicos e mais homens jogando bola, como vemos na [Figura 5](#).

Quando sugerido por Varella que a presença de mulheres em certos ramos seja relacionada à diferença salarial, Schwartzman rejeita a introdução da ação desse fator sociocultural em contextos onde é desejado que somente questões biológicas interfiram.

Figura 5 – Entrevista de Schwartzman (trecho 4)



DRAUZIO

DR. DRAUZIO NÃO FAZ PROPAGANDA DE REMÉDIO

Coronavírus Drauzio Doenças e sintomas Ambulatório Sexualidade Criança Mulher

que o desenvolvimento de homens e mulheres não obedece aos mesmos padrões. Os meninos movimentam-se mais no período perinatal, nas primeiras duas ou três semanas após o nascimento. Em compensação as meninas adquirem hábitos como o controle do esfíncter, por exemplo, muito mais cedo. Também está estatisticamente comprovado que elas falam antes e melhor do que os meninos. Costuma-se brincar até que começam a falar primeiro e nunca mais param.

Outra constatação importante é que, em média, as meninas amadurecem mais rápido do que os meninos e são superiores no que se refere à habilidade motora fina. Talvez, por isso, na linha de montagem de aparelhos eletrônicos, haja mais mulheres do que homens trabalhando. No entanto, os meninos têm desempenho superior, por exemplo, nas atividades que exigem habilidades motoras mais grosseiras, como jogar bola ou atirar um objeto para acertar o alvo. É curioso observar, por exemplo, que as marcas olímpicas de homens e mulheres numa modalidade esportiva em que ambos treinem o mesmo número de horas são sempre diferentes, porque se baseiam numa vantagem biológica inicial que o treino não consegue superar. Por isso, homens e mulheres não concorrem juntos nas competições de arco e flecha e tiro ao alvo.

Drauzio – Esse número maior de mulheres em certos ramos de atividade, muitos atribuem ao fato de até hoje elas ganharem menos do que os homens.

José Salomão Schwartzmann – Em muitos casos, elas são preferidas porque são melhores do que os homens naquela atividade e não porque ganham menos.

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

No entanto, Schwartzman admite, em certa medida, a existência de elementos não biológicos influenciando o comportamento, e também admite que existem situações de discriminação e desigualdade de gênero. Em suas palavras: “é óbvio que os aspectos culturais e sociais existem, mas não se pode negar o papel biológico presente nesse processo”. Ainda assim, machismos “eventuais” são ancorados nos fatores biológicos, ou seja, estruturas sexistas encontram uma justificativa, uma espécie de fundo de verdade, na biologia.

O entrevistado afirma que é estatisticamente comprovado que as meninas começam a falar antes que os meninos, assim como a superioridade da habilidade verbal feminina. Porém, a “piada” sexista que vem logo após essa declaração não diz respeito ao momento de aquisição da linguagem e nem à qualidade do uso linguístico, mas se refere à quantidade. É uma tentativa de humor que retoma uma ideologia linguística sobre fala feminina muito propagada, a ideologia de que as mulheres falam demais. Apesar de alegar ter dois aspectos sobre fala feminina cientificamente comprovados, Schwartzman escolhe lançar mão de um estereótipo popular e deixar a validação científica de lado. A recontextualização do novo biologismo neste

material de popularização científica envolve a explícita convivência entre dados assumidamente científicos e tradições sexistas, acionando recursos cômicos e pouco científicos no repertório manipulado na entrevista, até então de aparência bastante científica,

As razões para as diferenças de habilidades estão, para Schwartzman, na morfologia cerebral, que é sexo dependente. As mulheres supostamente utilizam os dois hemisférios do cérebro para a linguagem, ao passo que os homens utilizam apenas o esquerdo, reservando o direito para a inteligência espacial. O médico fala que ocupar os dois hemisférios para falar traz vantagens e desvantagens, e podemos supor, como leitoras, que ocupar apenas um hemisfério também traga vantagens e desvantagens para os homens. Contudo, neste momento da entrevista, apenas os pontos positivos e negativos para as mulheres são mencionados; não chegamos a saber como os homens seriam negativamente afetados por usar apenas o lado esquerdo do cérebro para falar.

Figura 6 – Entrevista de Schwartzman (trecho 5)



DRAUZIO **NÃO COMPRE**

Coronavírus Drauzio Doenças e sintomas Ambulatório Sexualidade Criança Mulher

Drauzio – Que implicação isso tem?

José Salomão Schwartzman – A implicação é que o cérebro da mulher é menos especializado do que o do homem no seguinte sentido: funções superiores, como a linguagem e a inteligência espacial, têm evidente preferência por um hemisfério ou por outro no cérebro do homem. Por exemplo, no hemisfério esquerdo do cérebro masculino estão localizadas as estruturas responsáveis pela linguagem e, no hemisfério direito, as responsáveis pela inteligência espacial.

Já a mulher utiliza os dois hemisférios para falar. Isso traz algumas vantagens e algumas desvantagens. Se ela ocupar uma região do hemisfério direito com a fala, provavelmente terá sacrificado parte da área reservada para a inteligência espacial.

E mais: sob o ponto de vista médico, mulheres que tiveram acidente vascular cerebral ou traumatismo craniano estão mais sujeitas do que os homens a apresentar um distúrbio de linguagem. No entanto, recuperam-se melhor.

Diante dessas evidências, é inadmissível que estudos e estatísticas não levem em consideração o sexo das pessoas que participam da amostra, porque a história natural das doenças é diferente nos homens e nas mulheres. Predominantemente, os laboratórios utilizam ratos machos para testar medicamentos. Hoje, porém, existe a hipótese de que nem toda a substância que é eficaz para o macho funciona da mesma forma na fêmea.

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

Na última etapa da entrevista, Varella e Schwartzman se voltam às origens das diferenças entre o cérebro feminino e o masculino. Os dois concordam que as características cerebrais preservadas atualmente advêm de uma seleção natural vigente desde o tempo das cavernas. Tanto a inteligência espacial mais apurada do homem quanto as melhores habilidades de interação social e de linguagem das mulheres são explicadas na recuperação das necessidades da vida nas cavernas, semelhante à explicação dada pelo pastor Lamartine Posella.

Sair para caçar, a atividade do homem, dependia fortemente de uma boa inteligência espacial; e cuidar da prole e guardar a caverna, atividade da mulher, exigia maior atenção aos sinais do ambiente e uma atividade linguística mais elaborada. Aqui, Schwartzman afirma que as mulheres que sobreviviam eram aquelas que conseguiam “fazer várias coisas ao mesmo tempo”. O entrevistado fornece uma justificativa biológica, e, por isso, alegadamente científica, para a ideia de que as mulheres são aptas a acumularem funções.

Para Schwartzman, fora do contexto da seleção natural o funcionamento cerebral distinto fica sem explicação. Ou seja, todas as diferenças descritas na entrevista têm origem na seleção natural, inclusive as diferenças de linguagem. Na ideologia linguística de origem da linguagem evocada na entrevista, defendida por Schwartzman, as diferenças entre fala feminina e masculina nascem da própria evolução da espécie humana e do processo de seleção natural.

Tanto nas perguntas quanto nas respostas da entrevista, são feitas várias alusões a estudos, experimentos de laboratório e evidências descobertas. Mas essas alusões não são feitas detalhadamente – não temos o nome dos autores e autoras desses trabalhos, nem o título, nem o ano de publicação, nem qualquer outra informação que possa auxiliar a pessoa que lê a entrevista a encontrar os estudos que servem de respaldo para o que ambos, entrevistado e entrevistador, defendem como fatos já devidamente comprovados pela ciência. Dessa maneira, não é possível checar se tais trabalhos realmente existem ou se eles de fato apresentam esses resultados, ou, ainda, se os resultados são tratados como conclusivos ou inconclusivos nos próprios trabalhos.

Cameron (2007) lembra que muitos estudos que objetivam encontrar diferenças entre as habilidades das mulheres e as habilidades dos homens e cujos resultados convergem aos objetivos têm melhores chances de serem publicados do que os estudos cujos resultados indicam que a diferença hipotética não pode ser comprovada. “Se descobertas que confirmam diferenças entre homens e mulheres são mais frequentemente publicadas do que as descobertas que não confirmam tais diferenças, a literatura de pesquisa resultante vai sistematicamente distorcer a imagem”⁵⁵ (CAMERON, 2007, p. 17).

Joel Rennó Jr., médico psiquiatra e professor e pesquisador em saúde mental da mulher da Universidade de São Paulo, é muito mais cauteloso do que Schwartzman em relação à neurociência e seus efeitos sobre as diferenciações de gênero. No texto publicado pelo site do jornal O Estado de S. Paulo, Rennó Jr. elenca sete diferenças entre o cérebro masculino e o feminino que já foram descobertas por neurocientistas. Todavia, assim como o médico da

⁵⁵ “If findings that confirm male-female differences get published more often than findings that disconfirm those differences, the resulting research literature will systematically distort the picture”.

entrevista, este também não menciona a autoria dessas pesquisas neurocientíficas ou outras informações que torne possível encontrá-las. Nos itens 5, 6 e 7, o médico aconselha às leitoras a terem cuidado com a interpretação das diferenças de habilidades verbais, matemáticas e emocionais.

Figura 7 – Texto de Rennó Jr. (trecho 1)

Por que essa diferença entre o cérebro do homem e da mulher?

Sabemos que grande parte dessas diferenças decorre da exposição diferenciada do cérebro feminino ao hormônio estrogênio, já no intraútero, na gestação. O cérebro feminino vai se moldando e se desenvolvendo de uma forma distinta ao masculino já no intraútero.

Imagens da ressonância magnética funcional realizadas por neurocientistas apontam, entre inúmeras outras diferenças (poderíamos citar dezenas delas encontradas na última década):

1. O cérebro das mulheres é aproximadamente 10% menor que o dos homens, porém, possui maior número de conexões entre as células nervosas. O corpo caloso que faz a comunicação entre os hemisférios cerebrais direito e esquerdo costuma ser mais desenvolvido nas mulheres. Isso leva a uma melhor integração de diferentes estímulos entre os dois lados do cérebro feminino. Geralmente, as mulheres fazem várias tarefas simultâneas como cozinhar, ler, cuidar da casa e dos filhos de forma mais eficiente que os homens.
2. O cérebro esquerdo é bem mais desenvolvido entre as mulheres;
3. O cérebro direito mais desenvolvido entre os homens – contrariamente ao que pensa o grande público – sabe-se ser o hemisfério esquerdo denominado “científico”, analítico, racional, verbal, temporal, enquanto o hemisfério direito é dito “artístico”, sintético, emocional, não verbal e espacial, isso sob a influência direta dos hormônios sexuais (testosterona e outros).
4. A mulher está mais sujeita a sentir depressão do que o homem e, quanto a isso, existe uma relação direta com a baixa produção da substância química cerebral, a serotonina, no cérebro feminino. As oscilações dos níveis de estrogênio em períodos críticos do ciclo reprodutivo feminino como o pré-menstrual, o pós-parto e a perimenopausa (período que se inicia cerca de 5 anos antes da menopausa e vai até um ano após) são “gatilhos” para a depressão feminina mais frequente, cerca de duas vezes.
5. O cérebro masculino é voltado para a compreensão, enquanto o feminino é programado para a empatia (cuidado com a interpretação).
6. As imagens mostraram que o lobo parietal inferior, área envolvida em atividades matemáticas, é maior no cérebro deles. Portanto, os homens costumam ser melhores em tarefas matemáticas, enquanto as mulheres se saem melhor em atividades verbais (cuidado com a interpretação!).
7. As mulheres são mais emotivas e expressam com mais facilidade seus sentimentos do que os homens, porque o sistema límbico delas é mais desenvolvido do que o deles (cuidado com a interpretação!).

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

Rennó Jr. reconhece que os estudos de neurodiferenciação têm servido de instrumentos para corroborar preconceitos contra a mulher, pois sociedade e ciência estão reduzindo o comportamento humano à biologia, e ignorando as imbricações entre biologia, cultura e ambiente. Para o psiquiatra, as diferenças exploradas em contextos de humor (como alguns dos eventos cristãos analisados) são uma manifestação de preconceito.

Figura 8 – Texto de Rennó Jr. (trecho 2)

Interpretação entre diferenças de gênero deve evitar reducionismo perigoso

Os neurocientistas e a sociedade têm que ter muito cuidado ao fazerem as interpretações de tais diferenças, sem reducionismos perigosos. Pode haver uma distorção ao fazer reforços de preconceitos existentes contra a mulher, justificando certas habilidades diferenciadas como um sinônimo de inferioridade.

Lembro-me do discurso infeliz de um antigo reitor da *Universidade de Harvard, nos EUA*, destacando que as mulheres não seriam tão eficientes e brilhantes no campo das Ciências Exatas. Isso não faz tanto tempo assim, é relativamente recente. No passado, até foram publicados artigos sobre tais diferenças em revistas científicas consagradas como *Science and Nature*, amplificando e reforçando a suposta inferioridade feminina. Por coincidência, muitos dos cientistas da época eram homens.

Nunca podemos também deixar de levar em consideração o ambiente e a cultura em que o homem e a mulher estão inseridos. Na minha prática clínica, conheço homens sensíveis, afetuosos, que se saem melhor em atividades verbais do que matemáticas ou lógicas. Por outro lado, conheço mulheres que são pesquisadoras brilhantes, exímias matemáticas e com afeto raso e pouco contato verbal.

Biologia e genética não determinam tudo sobre comportamento e habilidades humanas

A biologia e a genética, embora relevantes, não são os únicos determinantes do comportamento e habilidades humanas. Por isso, pessoalmente, eu detesto piadas ou jocosidades a respeito de tais diferenças porque, no fundo, há uma expressão (até inconsciente) de nossos preconceitos e projeções. Isso, é claro, pode ser oriundo tanto dos homens quanto das mulheres. Já ouvi mulheres afirmando “acho aquele cara esquisito, sensível e romântico, pouco decidido e muito delicado”.

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

Numa sessão de bate-papo do Congresso Diante do Trono de 2015, cujo tópico são as habilidades de cada gênero manifestadas ainda na infância, estão presentes a anfitriã, Ana Paula Valadão, e as convidadas Ilma Cunha (pastora e psicóloga), Rosane Borba (pastora) e Devi Titus (pastora), acompanhada da intérprete Lu Alone. Valadão inicia o bate-papo contando sobre a influência do movimento feminista na organização das lojas de brinquedos nos Estados Unidos. Segundo ela, a franquia *Toys R Us* desafiou uma imposição do feminismo e criou um espaço dedicado só para as meninas e outro só para os meninos, o que provocou um aumento no número de vendas e o crescimento da empresa. Neste momento, ela pergunta para Cunha se o sucesso que veio da separação dos brinquedos em brinquedos para meninas e brinquedos para meninos é uma evidência de que as distinções causadas pelo gênero podem ser notadas bem cedo nas habilidades das crianças.

Excerto 16

AP. : Eu me lembro de uma loja nos Estados Unidos, que: na década de sessenta, por causa do movimento feminista, ela: teve que mudar a forma como ela é colocava os produtos à venda. E (.) isso acabou se tornando é uma regra e todas as lojas por (.) décadas, duas décadas, se mantiveram assim, com os produtos misturados, carrinho junto com boneca, e etc. Até que na década de oitenta, a nova loja que surgiu e que foi um bum nos Estados Unidos,

Toys R Us, ela (.) parece um supermercado de brinquedos, ela desafiou essa regra. E ela criou dentro da loja o mundo das meninas e o mundo dos meninos. E ali havia só bonecas, castelinho, e: pônei, e: todo tipo de: maquiagem, roupas de fantasia, de princesa. E no mundo dos meninos, carrinho, lutinha, tudo bem voltado, é os videogames pra eles, tudo bem voltado para o universo masculino. E houve também um BUM NAS VENDAS. Eles experimentaram assim um sucesso gigantesco né, e até hoje eles são a maior rede de lojas de brinquedos, eu posso dizer, no mundo. **Então, isso vem reforçar Dra. Ilma, que: existe sim intrínseco no ser humano essa diferença de gênero? E o que nós é podemos fazer pra incentivar, já que numa cultura em que tá sendo bombardeada com a homossexualidade, o que nós podemos fazer pra incentivar o sexo que deus deu aos nossos filhos?**

I.: Os modelos familiares já vão ajudando a criança a compreender (.) o papel do papai, o papel da mamãe. Então quando (.) vai se brincar de boneca, a menina é a mamãe né. E ela: escolhe alguém pra fazer o papel do papai. Então ela já vai sendo preparada pra isso.

AP = Ana Paula Valadão. I = Ilma Cunha.

Dois pontos importantes se destacam na pergunta de Valadão. O primeiro envolve um certo incentivo ao sexo biológico. Para ela (assim como para Cunha, conforme sua resposta), diferenças sexuais (além daquelas do sistema reprodutor) são intrínsecas ao ser humano, mas por si elas não são suficientes. É necessário o emprego de tecnologias sociais de gênero para que o sexo não seja afetado, isto é, maculado, por influências externas, de forma que pais e mães precisam “**incentivar**” nas crianças as características sexuais dadas pelo deus cristão. O outro ponto se refere à sobreposição entre gênero, sexo e sexualidade nas supostas consequências da falta de manutenção do sexo com que a criança nasceu. Não estimular as brincadeiras e os brinquedos “adequados” a cada sexo/gênero pode afetar a sexualidade das crianças, tornando-as homossexuais.

Ainda falando sobre os brinquedos certos para as crianças, Valadão pergunta a Devi Titus sua opinião sobre o tema. Titus fornece uma perspectiva diferente da defendida por Valadão e Cunha. Na opinião da participante estadunidense, as tecnologias sociais de gênero não influenciam questões que ela entende como naturais, e nem os brinquedos escolhidos pelas crianças nem as brincadeiras em que elas se envolvem afetam a sexualidade.

A perspectiva de Titus é mais biologicista do que a adotada por Valadão e Cunha, ainda que inicialmente pareça menos radicalmente conservadora. Para as últimas, como vimos há pouco, é importante ter atenção às tecnologias sociais de gênero empregadas na educação das

crianças. Para Titus, a natureza não pode ser influenciada. As estruturas sexuais (biológicas) têm primazia sobre interferências socioculturais como brinquedos e brincadeiras.

Excerto 17

AP.: E Devi, como que você acha que (.) hoje né, esse:, essa diferença da mulher e do homem. Nós como: pais primeiro **precisamos incentivar, mesmo com os brinquedos** (.) né. Lá nos Estados Unidos, vocês têm enfrentado esse desafio há mais tempo do que nós aqui no Brasil. Você acha que nós deveríamos assim (.) na sua sabedoria, indicar os brinquedos certos pro menino, os brinquedos certos pra menina?

D.: This is a very complicated issue right now. There are many many facets to this issue. I'll address your question regarding toys first. I have one brother. Of course my brother had one sister. So I had dolls (.) and he had guns. I played war with his guns. And I could climb a tree faster than every boy in our neighborhood. But that did not make me a boy. And my brother could play with my dolls with me, and it didn't make him a girl. So: many families are so different. I think we train our children in their gender >appreciation<. By speaking into their life. **Personally, I don't think it matters too much about this (balança uma bola de pelúcia colorida que estava no colo). My granddaughter doesn't know if this is a girl or a boy toy. It's soft and colorful. And she will wanna hold it and sleep with it.** [...] So: I think it's really important for us (.) to teach our children modesty, respect for their bodies. **Boys know they're a boy (.) because of what is between their legs.**

P.: @@@@

D.: **Not because of what toy he plays with. Girls know we are girls because of what is NOT between our legs.**

AP. = Ana Paula Valadão. D = Devi Titus.

O tema de aptidões naturais e educação das crianças volta a ser pauta de um [bate-papo](#) no congresso de 2017. Novamente, Ana Paula Valadão coordena a conversa, mas agora acompanhada do marido, o pastor Gustavo Bessa. Estão presentes também a pastora Ana Lúcia Câmara, o casal Jânio Sousa, psicólogo, e Érica Sousa, conselheira familiar e comportamental, a conselheira de relacionamentos e família Trina Lozano e a intérprete Lu Alone. De início, Jânio e Érica Sousa são perguntados por Bessa e Valadão a respeito das diferenças entre meninos e meninas.

Jânio Sousa confirma que as diferenças entre homens e mulheres são vistas até mesmo na estrutura cerebral, e ele afirma que é preciso ter atenção a elas quando se trata da criação de meninos e meninas. Mais uma vez, o conhecimento sobre as diferenças é apresentado como

necessário para melhorar a convivência familiar e resolver conflitos. De marido e mulher, desde o vídeo do pastor Cláudio Duarte e nas demais pregações cristãs, chegamos à criação de meninas e meninos.

Depois, J. Sousa passa a explicar sobre a estrutura cerebral masculina. Novamente, atribui-se ao cérebro masculino mais habilidade de foco e menos habilidade de lidar com várias coisas de uma vez.

Excerto 18

G.: Mas eu queria começar aqui com o Jânio e com a com a Érica. (.) **Existe diferença na criação de, e educação de meninos e meninas?**

J.: Boa noite gente. **É: existe sim Gustavo né. Eu falo que são dois seres.** >Principalmente< na adolescência, não sei quem tem filho na adolescência aqui, na etapa, levanta a mão quem tá com filho na adolescência. Parece que é outro ser que surgiu, não é. Pois é mas é mesmo. Então tem sim. **A própria estrutura nossa mental né, ela é preparada, o homem é mais >focado<, [ele é mais-**

G.: [XXX
tem misericórdia de nós senhor, tem misericórdia.

J.: [@@@] **Há livros que falam que os homens vieram de Marte né e as mulheres de Vênus ou vice-versa né. Então há diferença sim. Por isso que é tão importante que nós é procuremos estudar e entender essas diferenças para que a nossa competência em ajudar os nossos filhos possa ser exercida de maneira efetiva, senão vai ficar a gente andando em [círculo querendo um tanto de cois-**

G.: [mas quais seriam
essa diferenças? Eu acho que já poderíamos ir pro prático.=

J.: =Sim. Vamos pro prático. **O homem, a estrutura mental dele a gente brinca que se fosse olhar o cérebro é como se fosse um sequenciador, é: ele é um processador sequencial. É que quer dizer isso? Ele pensa focado. Toda estrutura mental dele, ele precisa de um ponto de foco e ele consegue capturar o entorno, mas se você colocar muita informação nesse processador (.) complica.**

G.: Ô Érica, não funciona não Érica? Me diz aí.

E.: hh é bem legal. **O Jânio fala que: a cabeça do homem é como se fosse é:, na minha época era Mirabel né. Wafer. Se vai tirando aqueles pedacinhos por compartimento. Então funciona (.) namorar, vou namorar. Trabalhar, vou trabalhar. E a mulher não, a mulher é um prato de miojo. Então não sabe onde que começa, onde que termina. Porque a gente é (.) 360 né. A gente enxerga muito e é deus que fez essas diferenças mesmo. [E sabendo disso-**

AP.:	[Mas tem como a gente aplicar isso pros filhos?]
É.:	=Sim, sabendo disso, né, a gente tem que ser mais paciente com os [meninos né], com a educação dos meninos. Porque os meninos, eles demoram um pouco mais, e as meninas, elas pegam mais rápido,=
Ap.:	[A:::] =São mais aceleradas [hhh]
E.:	[Exatamente.]

G. = Gustavo Bessa. J. = Jânio Sousa. E. = Érica Sousa. AP. = Ana Paula Valadão.

Érica Sousa é chamada para complementar a fala de Jânio, e usa uma metáfora do marido para ilustrar as diferenças: as mulheres são como um “prato de miojo” e os homens como “wafer”. De caixas, passamos a computadores, e agora, à comida. Mais uma vez, uma metáfora se faz necessária na explicação das diferenças para um público presumidamente pouco versado no assunto.

É interessante que as ideologias linguísticas circulantes pelos eventos cristãos constituam tanto as explicações carregadas de recursos da ciência quanto às diferenciações feitas com grande auxílio de recursos alegóricos. O nível do repertório científico empregado para explicar as diferenças cerebrais é heterogêneo, e muita ou pouca exploração de metáforas se fazem necessárias na explicação. A depender das condições de recontextualização do novo biologismo, conforme visto na pregação de Posella, um texto pode ser composto de repertório majoritariamente científico ao mesmo tempo em que pode manipular recursos metafóricos – e até mesmo o contrário disso, como esse último bate-papo. As ideologias linguísticas, entretanto, estão sempre presentes.

Elas são manejadas nas recontextualizações do novo biologismo como elemento que garante a coerência entre os discursos, conectando alegorias ilustrativas e repertórios de cientificidade variada. As ideologias linguísticas de falas diferentes, dotadas de interesses morais e políticos (IRVINE, 1989) e altamente disseminadas (CAMERON, 2014), são a força geradora das argumentações do novo biologismo e, concomitantemente, sua finalidade, na medida em que todos os recursos são acionados para que as diferenças dicotômicas entre mulheres e homens sejam mantidas, enfatizadas e atualizadas, posto que, segundo Bucholtz (2003), as ideologias linguísticas delimitam as possibilidades de entextualização.

É Érica Sousa, ainda, quem oferece na interação a origem das diferenças, a criação divina. No bate-papo, não se menciona evolução da espécie nem seleção natural, também não se ouve sobre um tempo das cavernas, como acontece na entrevista de Schwartzman e na pregação de Posella. A formação distintiva, e opositiva, dos cérebros não é atribuída a esses fatores. Agora, a gênese das diferenças é creditada a deus.

Excerto 19

J.: Com um complemento, sabe Gustavo. É: a gente:, (.) eu falava assim com uma- de uma forma muito tranquila. Durante muito tempo parece que a gente >na igreja< a gente ficava só olhando pra cima, querendo que deus fizesse todos os milagres, nós paramos de estudar um pouco, (.) e aprofundarmos na ciência que deus nos deu. E agora com o advento do mapeamento cerebral, evoluído como está, com a neurociência nos ajudando, com ressonância magnética, com tudo, tá mais é fácil entender como é que esse cérebro funciona. Então, <pra que você> tenha uma ideia, isso que a Érica falou, é: nós temos uma parte do nosso cérebro que fica aqui de baixo da testa, chamado lobo frontal, pra vocês verem a importância disso. O lobo frontal é aquele:, aquela parte do nosso cérebro responsável pela nossa formação de juízo crítico. Ele está pronto, >maduro<. Olha que coisa que eu vou contar pra vocês agora ein, papais acordem pra isso. Nas meninas, ele está pronto, maduro pra exercer com competência um juízo crítico, lá pelos 23 anos. (.) Nos meninos, lá pelos 25. (.) Então dá pra entender por que (.) essa >diferença<, há estudiosos que defendem que talvez meninos devessem estar um pouquinho atrás na escola. E aí cês vão entender por que que a menina quando chega na adolescência, ela começa a olhar pros mais velhos né, e a gente fica com uma raiva, lembra disso? A turminha só queria olhar pros mais velhos, é porque esse amadurecimento, esse preparo, ele é mais suscetível de acontecer por causa da estrutura do homem e da mulher, então está programado, está aqui, é deus que fez assim. Nós >precisamos< entender isso.

J. = Jânio Sousa.

J. Sousa retoma a palavra para reforçar que deus fez homens e mulheres com essas diferenças. Além disso, ele chama a plateia, e a própria instituição igreja, a conhecer mais sobre os avanços da neurociência dos sexos. Ele estimula os pais e mães presentes a estudarem mais o assunto para compreender as diferenças entre os meninos e as meninas.

Com a fala de Jânio, recursos mais científicos são introduzidos na interação. Ainda que brevemente, ouvimos sobre lobo frontal e técnicas de exame que mapeiam o funcionamento cerebral. Os termos técnicos não são excessivamente usados, pelo contrário, a menção a eles é bastante breve e acompanhada de uma explicação, sendo a própria metáfora de miojo e wafer um recurso alegoricamente explicativo. Ainda assim, o público, bem como as outras pessoas integrantes do bate-papo, não são vistas como amadoras a ponto de se excluir completamente o repertório dos estudos neurocientíficos.

As edições de 2018 e 2019 do congresso não exploram tanto as diferenças entre homens e mulheres como as edições anteriores, mas abordam grandemente questões sobre o

funcionamento cerebral, agora com menos foco nas oposições sexuais, nos conflitos entre o casal e nas diferenças entre meninos e meninas, e com mais ênfase no comportamento e conhecimento pessoal, na tendência cerebralista observada por Azize (2010). Por isso, há muitas convidadas e convidados, para os bate-papos, palestras ou pregações, com formação superior em Psicologia ou em cursos de coaching.

Todos os textos analisados até este ponto, em maior ou menor grau, lidam com a diferença cerebral específica de gênero com bastante faturalidade. Mesmo o texto de Rennó Jr., o qual adverte contra as tendências misóginas da neurodiferenciação, traz sete diferenças já supostamente comprovadas. O próximo [texto](#), do El País, é o primeiro do corpus a desafiar o fluxos das diferenças cerebrais.

Miguel Ángel Criado relata um estudo, feito por pesquisadoras e pesquisadores israelenses, alemães e suíços, cujo resultado diz não ser possível classificar um cérebro em feminino ou masculino, a partir da análise de 1.400 imagens de ressonância. Dessa vez, o famoso “estudos comprovam que...” tem autoria – Daphna Joel *et al.* –, tem informações sobre a metodologia empregada, tem declarações da primeira autora, tem até mesmo [link](#) de acesso. Contudo, Criado ainda recorre à lógica dualista para fazer sentido dos atributos do cérebro, com algumas características femininas e outras masculinas.

Figura 9 – Texto de Criado (trecho 1)

The image is a screenshot of a webpage from EL PAÍS. At the top left is the EL PAÍS logo. To the right is the word 'Materia' in red. The main content is under the heading 'Female brains' and 'Male brains', which are followed by two columns of brain scan images. To the right of the images is a text block. A red box highlights a specific paragraph in the text. Below the images is a small caption in Spanish. At the bottom of the screenshot, there is a line of text: 'diferenças entre homens e mulheres em outras partes da sua anatomia, em especial os genitais, por que não haveria no cérebro? E, se existe no que é físico, ou seja, no cérebro, também deve existir no que é essencial, a mente.'

Female brains **Male brains**

Materia

Um estudo com centenas de imagens de cérebros de homens e mulheres não encontrou provas de que exista um cérebro masculino e outro feminino. Embora haja algumas diferenças anatômicas em determinadas áreas em função do sexo, estas não permitem dividir os humanos em duas categorias. Na verdade, o cérebro de cada um é um mosaico com elementos tanto femininos quanto masculinos.

Ideias como a da inteligência emocional e *best-sellers* recentes como *O Cérebro Feminino* ou, no século passado, a saga *Os Homens São de Marte, as Mulheres São de Vênus*, alimentaram a tese do [dimorfismo sexual do cérebro](#). Se há

O volume das diferentes regiões cerebrais (em verde, maior; em amarelo, menor) de 42 pessoas mostra como os cérebros masculinos e femininos se sobrepõem. ZOHAR BERMAN E DAPHNA JOEL

diferenças entre homens e mulheres em outras partes da sua anatomia, em especial os genitais, por que não haveria no cérebro? E, se existe no que é físico, ou seja, no cérebro, também deve existir no que é essencial, a mente.

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

Criado enquadra o interesse generalizado na diferenciação cerebral como um resultado de livros *best-sellers* que exploram a diferença, como também observou Cameron (2007, 2014). Ele não menciona que a neurodiferenciação é fortemente explorada em contextos bem mais

acadêmicos e validados, sob o rótulo de cientificidade, e, assim, o estudo de Joel *et al.* parece ser a única pesquisa recente sobre o tema que usa de tecnologias metodológicas contemporâneas. Além disso, ao dizer que a ciência das neurodiferenciações “partia da ideologia”, o estudo de Joel⁵⁶ parece ser livre delas, ganhando ares de neutralidade. Curiosamente, Criado inverte as engrenagens do enquadre do novo biologismo como empreendimento científico neutro, que mostra bravamente a verdade mesmo quando não é “politicamente correto” (CAMERON, 2007), e recontextualiza o discurso da dicotomia masculina/feminina do cérebro como o esforço ideológico que ele é.

Figura 10 – Texto de Criado (trecho 2)

Não há nenhuma região que revele uma clara distinção entre uma forma masculina e uma forma feminina Daphna Joel, Universidade de Tel Aviv

As teorias sobre a diferenciação sexual no cérebro ganharam força em meados do século passado. Mas, como comenta o pesquisador Xurxo Mariño, da [Neurocom](#) e da Universidade de Coruña, “esses trabalhos se centraram na sexualidade, em especial no estudo da emergência da homossexualidade”.

”

Alguns se empenharam em encontrar anomalias anatômicas que a explicassem, e encontraram algumas, como o menor tamanho de uma estrutura cerebral chamada estria terminal nas mulheres e também nos homens transexuais. Mas boa parte daquela ciência partia da ideologia.

Os estudos na época se baseavam em questionários, não em observações diretas do cérebro e suas diferenças anatômicas. Isso é algo que só a moderna tecnologia de imagens neurológicas está permitindo. Ainda assim, recorda Mariño, “já em 1948 houve quem falasse mais de um contínuo cerebral do que de categorias dicotômicas”. Foi o biólogo Alfred Kinsey quem, com [sua escala sobre a orientação sexual](#), antecipou-se ao estudo atual.

Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

O mesmo estudo também protagoniza um [texto](#) do site da revista *Veja*. No texto, cuja autoria é identificada apenas como “a redação”, o artigo de Joel *et al.* é qualificado como “o primeiro estudo a buscar diferenças de gênero no cérebro humano”. Quem disse isso para a equipe de redação? Não sei. Talvez ele tenha de fato sido o primeiro a analisar as imagens de ressonância de 1.400 cérebros de homens e mulheres de diversas idades, ou talvez tenha sido o primeiro a fazer as medições de massa branca e massa cinzenta de tantas pessoas. Porém, certamente não é o primeiro estudo que intenciona examinar essas diferenças no cérebro.

A matéria da *Veja* é bastante otimista quanto aos impactos da publicação do artigo, almejando que a comparação entre os cérebros se torne dispensável. Em partes, o desejo da redação se realizou, mas não pelo artigo divulgado, que não foi mencionado em outros materiais. Se bem a neurodiferença continua sendo especulada em textos de blogs e em

⁵⁶ Daphna Joel certamente não concordaria que sua pesquisa é ideologicamente neutra, sendo ela uma das integrantes da rede de pesquisadoras neurofeministas NeuroGenderings.

divulgação de notícias, possíveis aspectos femininos e masculinos são tratados com mais cautela, e fatores culturais são constantemente mais considerados.

[Escrevendo para o Correio Braziliense](#), o neurologista e professor da Unicamp Ricardo Teixeira diz existir diferenças químicas, anatômicas e funcionais entre os cérebros dos homens e das mulheres, mas reconhece que existe “forte relação” com a cultura. Dentre as diferenças que circulam no texto de Teixeira está a disparidade na orientação especial, nas habilidades linguísticas, na memória e no controle emocional. Mantendo um pouco da tradição do novo biologismo, os estudos que comprovariam essas diferenças não são, mais uma vez, especificados.

Ainda que o médico aborde as especificidades do cérebro de cada sexo, e que um e outro sejam, teoricamente, diferentes na mesma medida, é o cérebro feminino que tem suas “peculiaridades”. O cérebro masculino se mantém como padrão regulador daquilo que é efetivamente divergente.

Figura 11 – Texto de Teixeira (trecho 1)

CORREIO BRAZILIENSE

Por Ricardo Teixeira*

Quando se fala em comportamento e talentos femininos, a maior parte de suas peculiaridades guarda forte relação com fatores culturais, mas uma pequena parcela tem a ver com fatores biológicos mesmo. De fato, existem diferenças de gênero na anatomia, função e química cerebrais que podem fazer diferença no entendimento da maior ou menor prevalência de alguns transtornos neuropsiquiátricos entre as mulheres. Vale lembrar que no cérebro as coisas funcionam em via dupla, já que o comportamento também tem o poder de influenciar essa herança biológica.

Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

O site *A mente é maravilhosa* também tem um [texto](#) que apresenta diferenças no cérebro “confirmadas pela ciência”. Aqui, elas são cinco, e para uma delas tem-se o sobrenome do autor ou autora, e para outra é cedido sobrenome e ano de publicação.

A publicação no site, porém, dedica muito mais linhas para explicar sobre os mitos em relação à diferença, afirmando que as distinções são exageradas para gerar mais interesse a partir das manchetes, manipulando a curiosidade já existente no nosso contexto cerebralista. Um dos exageros é o mito da (falta de) funcionalidade dos homens, indispensável nas pregações sobre relacionamento. No texto, essa avaliação do comportamento masculino é “simplista e sem aval científico”.

Figura 12 – Texto no site *A mente é maravilhosa* (trecho 1)

Mitos sobre as diferenças entre o cérebro feminino e masculino

As diferenças entre os sexos sempre foram um tema polêmico e, ao mesmo tempo, interessante para muitos leitores. Por isso **algumas afirmações confirmadas por estudos científicos são exageradas** com o único objetivo de oferecer grandes manchetes. É importante conhecer a fonte primária de informação e colocar todos os dados em perspectiva para não alimentar **mitos** populares como os seguintes:

- **O funcionamento do cérebro feminino é mais equilibrado e global.** O famoso autor do best-seller "Homens são de Marte, mulheres são de Vênus", John Gray, escreve no livro *"Why Mars and Venus collide"* ("Por que Marte e Vênus se chocam", ainda sem tradução para o Brasil) que os homens utilizam apenas um hemisfério cerebral na hora de realizar tarefas, ao passo que as mulheres utilizam ambos. Dessa maneira, justifica o mito tão conhecido e que rende tantas brincadeiras: os homens conseguem realizar apenas uma tarefa por vez. Por trás dessa afirmação, está escondida uma conclusão simplista e sem aval científico sobre um fato, aliás, questionável.
- **Os neurônios espelho das mulheres são "hiperativos".** Supõe-se que as mulheres têm mais empatia e processam melhor as emoções pelo fato de possuírem uma maior atividade desse tipo de neurônio. Mas esse fato não foi demonstrado cientificamente. Sim, é verdade que muitos estudos afirmam que a habilidade de processamento de emoções é superior nas mulheres. Mas não foi possível determinar que a razão fisiológica desse fato seja a maior atividade dos **neurônios espelho**.

Fonte: Captura de tela feita pela autora.

O texto também enfatiza a heterogeneidade das personalidades. Muitas diferenças atribuídas ao sexo podem ser tão somente diferenças de indivíduo para indivíduo, e a cultura exerce grande influência sobre os comportamentos.

De uma forma geral, os textos do novo biologismo da popularização da ciência cede muito mais espaço para as influências culturais do que os textos do novo biologismo dos eventos cristãos. Com notável exceção da entrevista de José Schwartzman e do texto analisado a seguir (Figura 14), fatores biológicos e culturais atuam na construção dos traços femininos e masculinos do cérebro.

Figura 13 – Texto no site *A mente é maravilhosa* (trecho 2)

As diferenças entre indivíduos não podem ser reduzidas ao sexo

O comportamento humano é muito variado e imprevisível. Apesar dos nossos esforços para encontrar respostas para tais diferenças, é preciso admitir que a heterogeneidade é uma das características inerentes ao ser humano. Apesar das tentativas de atribuir as diferenças no comportamento de ambos os sexos às diferenças no cérebro, isso é algo difícil de se demonstrar.

A realidade é que as diferenças entre os sexos não são tão marcadas quanto entre os indivíduos no geral e, provavelmente, **grande parte dessas diferenças se devem à influência cultural**. Difundir crenças, como a de que as mulheres são piores em matemática, por exemplo, pode ter efeito sobre as expectativas ou a avaliação que podemos fazer das nossas próprias capacidades.

Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

O destaque aos fatores culturais nos textos de popularização de descobertas científicas é deixado de lado no [texto](#) de Fernando Gomes, neurocirurgião e professor livre-docente pela USP, além de convidado de vários programas de televisão para responder dúvidas de saúde. As diferenciações do médico são as já conhecidas, vistas nos outros materiais: mais habilidade

linguística e multifuncionalidade para as mulheres, mais habilidade lógica e racionalidade para os homens, entre outras especificidades. Ainda mantendo a tradição, Gomes não se refere a nenhum artigo, pesquisa ou estudo para comprovar suas afirmações. Na realidade, a referência das informações é um livro dele mesmo, *O cérebro ninja*.

Figura 14 – Texto de Gomes (trecho 1)

Longe do sexismo, apenas fisicamente falando, o cérebro do homem é um pouco mais pesado do que o da mulher em razão do próprio peso corporal diferenciado. Mas, o padrão de conexão entre os neurônios dentro do cérebro é diferente entre os dois gêneros.

Os homens têm mais conexões dentro de cada hemisfério cerebral e menos conexões entre os dois lados do cerebelo – estrutura responsável principalmente pela coordenação motora. Já nas mulheres o padrão é o inverso. Isso explica porque homens e mulheres têm a mesma inteligência em potencial, mas habilidades diferentes. Os homens se sobressaem em atividades mecânicas, lógica, localização espacial matemática e motricidade robusta. Enquanto as mulheres se destacam na coordenação motora fina, na linguagem, na encenação, na realização de tarefas simultâneas e na sensibilidade para perceber sentimentos e intenções.

Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

As habilidades cerebrais distintas entre mulheres e homens, e entre meninas e meninos, são o assunto principal do novo biologismo estudado neste capítulo. Da entrevista de Schwartzman ao texto de Fernando Gomes, passando pelos eventos do Congresso Diante do Trono, discute-se sobre a multifuncionalidade feminina, a excelente inteligência espacial dos homens, a capacidade empática das mulheres, a exímia habilidade matemática masculina e as famosas habilidades verbais femininas.

Afora as habilidades recontextualizadas serem coerentes nesses textos, elas também operam no continuum dos dualismos dos textos cristãos analisados no Capítulo 3. Isto é, as habilidades femininas são as qualidades associadas a valores da vida privada, como emoção, amor e submissão. As habilidades masculinas, por sua vez, são relacionadas a atributos da vida pública, como racionalidade, objetividade e liderança (GAL, 2002). Mesmo nos materiais que desafiam a estabilidade conferida ao novo biologismo, como o texto que Miguel Criado escreve para divulgar a pesquisa de Daphna Joel *et al.*, o cérebro é pensado como um espaço onde valores femininos e masculinos são distribuídos.

É instável, porém, o papel do dualismo natureza/cultura na construção das habilidades. Em algumas recontextualizações do novo biologismo, as habilidades masculinas e femininas são determinadas por agentes biológicos e naturais, a exemplo da entrevista de José Schwartzman, da fala da pastora Devi Titus no Congresso Diante do Trono, e do texto de Gomes. Já em outros

recentramentos, agentes culturais são chamados para ajudar a formar as habilidades distintas, como acontece no texto de Ricardo Teixeira e do site *A mente é maravilhosa*.

Embora os materiais analisados neste capítulo tenham bastante repertório científico, uma vez que a maior parte deles são textos que visam popularizar os achados da neurociência, outros recursos são acionados, como o uso de metáforas e piadas sexistas. Aglutinando esses dois dispositivos de construção do novo biologismo, as ideologias linguísticas sobre fala feminina e fala masculina promovem a harmonia do discurso, na medida em que a ação certos recursos nas recontextualizações é restringida pelas ideologias linguísticas envolvidas nas práticas discursivas (BUCHOLTZ, 2003).

Conclusões

E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? Teria o sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou histórias diferentes? Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? (BUTLER, 2019 [1990], p. 27)

Essas linhas escritas por Butler compõem o célebre *Problemas de gênero*. Esse capítulo em específico, o primeiro, foi lido por mim no início de 2018, três anos antes de finalizar esta dissertação. Desde então, nunca reli as páginas desse capítulo, apenas passei os olhos uma ou outra vez para checar algum trecho que queria citar.

Não foi assim que aconteceu dessa vez. Eu não pretendia citar esse trecho; queria lembrar o que Butler fala na seção anterior, sobre o sujeito do feminismo. Empolguei na leitura e cheguei à página 27. Não lembro o que achei dessas palavras quando as li em 2018, mas certamente não as considerei muito importantes: não estão grifadas ou indicadas com aqueles marcadores adesivos, e nem estiquei uma seta para fazer algum comentário.

Mas agora, três anos depois, essas linhas me dizem muito mais. Nesse meio tempo, li Anne Fausto-Sterling, Thomas Laqueur, Adriana Piscitelli, Joan Scott, Susan Gal, Judith Irvine, Branca Fabrício, Richard Bauman, Charles Briggs, Jan Blommaert, Joana Plaza Pinto, Michael Silverstein, Greg Urban, Deborah Cameron, e tantas outras mulheres e alguns homens cujos textos recontextualizados e acumulados nas minhas experiências de vida e de leitura constroem este texto que procuro encerrar. Assisti a horas e mais horas de pregações cristãs e li e reli sobre como mulheres e homens diferem em tudo o que importa e não importa. Depois de tudo isso, encontro nas perguntas recontextualizadas de Butler alguns dos questionamentos que me moveram a pensar esta pesquisa, e agora posso oferecer algumas respostas.

Se o sexo é natural, anatômico, cromossômico ou hormonal? Bom, apesar de já ter sido todas essas alternativas, como Fausto-Sterling mostra em *Dualismos em duelo* (2001), comentando os testes de sexo do Comitê Olímpico Internacional, desde o início dos anos 2000, o sexo se tornou cerebral, movimento que Deborah Cameron chama de novo biologismo.

O novo biologismo é uma versão atualizada da diferença sexual que incorpora os argumentos do momento cerebralista em que vivemos (AZIZE, 2010), uma celebração do cérebro e da neurociência, uma curiosidade generalizada no que ela tem a dizer sobre nós e

nossas ações, nossos pensamentos, sentimentos. Por isso, a diferença sexual foi transferida para o cérebro, para que a neurociência possa explicá-la.

Se fatos ostensivamente naturais do sexo são produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Certamente. Afinal, a ideia de que homens e mulheres são total e profundamente distintas é um de nossos emblemas culturais (SILVERSTEIN; URBAN, 1996) desde a estabilização do modelo de sexo duplo, por volta do século XIX, quando cientistas e naturalistas passaram a justificar as relações sociais, políticas e econômicas entre os sexos com base no que se entendia sobre a anatomia do corpo feminino e do corpo masculino (LAQUEUR, 1990). Para manter seu funcionamento dentro cultura, o discurso emblemático da diferença sexual passa por reintegrações periódicas em contextos que são, ao mesmo tempo, projetivamente semelhantes aos contextos prévios de circulação desse discurso, e suficientemente diferentes para que as readaptações sejam necessárias. O novo biologismo é esse contexto de reintegração.

Ainda que sempre sob a alcunha de novidade, haja vista as tecnologias de imagem e laboratório utilizadas nas pesquisas, o novo biologismo é tão somente a atualização e sedimentação dos valores femininos e masculinos, privados e públicos (GAL, 2002). Como estratégias de recontextualização da diferença, estão os recursos científicos, os recursos metafóricos elucidativos, distribuídos diferencialmente nos repertórios dos textos, e o fio conector entre eles, as ideologias linguísticas.

A ideologia da diferença linguística sexual, uma ideologia determinista que surge da visão especular entre linguagem e sociedade e que se desdobra nas ideologias sobre fala feminina e sobre fala masculina, regula o uso desses recursos nos discursos do novo biologismo. As ideologias linguísticas, tentativas de racionalizar o uso linguístico (KROSKRITY, 2004), integram tanto as racionalizações alegóricas e cômicas de “fios” e “caixas”, “miojo” e “wafer” quanto às racionalizações supostamente científicas de habilidades verbais e estrutura cerebral. Visto que o novo biologismo é um empenho em manter a distinção sexual, as ideologias linguísticas atuam no discurso sedimentando a distinção com valores linguísticos masculinos e femininos, e sendo elas mesmas o produto desses valores.

Através dos processos de diferenciação linguística iconização, apagamento e recursividade fractal são criados o grupo linguístico das mulheres e o grupo linguístico dos homens. Nós, as mulheres, falamos “tudo ao mesmo tempo”, começamos “a falar primeiro e nunca mais param[os]”. E é por isso que as profissões ideais para nós são aquelas em que as habilidades verbais são mais importantes. O que quer que seja dito sobre a fala das mulheres é distribuído opostamente à fala dos homens; se a fala das mulheres não é objetiva, a dos homens

é; se as mulheres falam muito, os homens falam pouco, e assim segue. Porque no novo biologismo, homens e mulheres não são apenas diferentes, são opostos, são até mesmo de planetas diferentes.

Findado o novo biologismo, para onde vai a diferença sexual (outrora anatômica, cromossômica e hormonal)? Quando o cerebralismo e o novo biologismo não servirem mais de contexto de readaptação da diferença sexual, em 30, 50 ou 100 anos, que discurso científico vai produzir ostensivamente o sexo? Penso agora nessas perguntas, sem qualquer intenção de conjecturar respostas ou soluções *à la* futurologia, mas a pergunta que originou esta pesquisa e que de fato me propus responder foi: como o novo biologismo é recontextualizado em eventos cristãos e em materiais de popularização da ciência, e de que forma funcionam as ideologias linguísticas nas recontextualizações?

Com meu neocórtex talvez pequeno demais para uma mulher e minha linguagem em demasiado objetiva para ser autenticamente feminina (o que quer que isso seja), espero ter conseguido oferecer para mim mesma e para as leitoras deste texto as respostas que eu procurava.

Referências

- ANDRUS, Jennifer. *Entextualizing domestic violence: language ideology and violence against women in the Anglo-american hearsay principle*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- AZIZE, Rogerio. *A nova ordem cerebral: a concepção de pessoa na difusão neurocientífica*. 2010. 281 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- BANSAL, Schweta et al. Big data for infectious disease surveillance and modeling. *The Journal of Infectious Diseases*, v. 214, n. 4, p. 375-379, 2016.
- BARON-COHEN, Simon. *The essential difference: man, women, and the extreme male brain*. Londres: Allen Lane, 2003.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poetics and performance as critical perspectives on language. *Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 59–88, 1990.
- BLOMMAERT, Jan. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Situar a lingua[gem]*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 91–115.
- BLOMMAERT, Jan. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, Daniel; FERREIRA, Dina; ALENCAR, Claudiana (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 67–76.
- BLOMMAERT, Jan. O discurso político em sociedades pós-digitais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 1, p. 390-403, 2020.
- BLOMMAERT, Jan; BACKUS, Ad. Repertoires revisited: ‘Knowing language’ in superdiversity. *Working Papers in Urban Language & Literacies*, n. 67, p. 1-26, 2011.
- BORBA, Rodrigo; LOPES, Adriana. Escrituras de gênero e políticas de différence: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. *Linguagem & Ensino*, v. 21, n. esp., p. 241–285, 2018.
- boyd, danah; CRAWFORD, Kate. Critical questions for big data. *Information, Communication and Society*, v. 15, n. 5, p. 662–679, 2012.
- BRIZENDINE, Louann. *The female brain*. Londres: Bantam Press, 2007.
- BROOKER, Phillip et al. Have we even solved the first ‘big data challenge?’: practical issues concerning data collection and visual representation for social media analytics. In: SNEE, Helene et al. (Orgs.). *Digital methods for Social Science: an interdisciplinary guide to research innovation*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 34-50
- BUCHOLTZ, Mary. The politics of transcription. *Journal of Pragmatics*, v. 32, p. 1439-1465, 2000.

BUCHOLTZ, Mary. Theories of discourse as theories of gender: discourse analysis in language and gender studies. In: HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam (Orgs.). *The Handbook of Language and Gender*. Malden: Blackwell, 2003. p. 43–68.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 17. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2019.

BUZATO, Marcelo. Dadificação, visualização e leitura de mundo: quem fala por nós quando os números falam por si? *Linguagem em Foco*, v. 10, n. 1, p. 83-92, 2018.

CAMERON, Deborah. Demythologizing Sociolinguistics: why language does not reflect society. In: COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam (Orgs.). *Sociolinguistics: a reader*. Nova York: Macmillan Education, 1997.

CAMERON, Deborah. Gender, language and the new biologism. *Constellations*, v. 17, n. 4, p. 526–539, 2010.

CAMERON, Deborah. Gender and language ideologies. In: EHRLICH, Susan; MEYERHOFF, Miriam; HOLMES, Janet (Orgs.). *The Handbook of Language, Gender, and Sexuality*. 2. ed. Malden: Wiley, 2014. p. 279–296.

CAMERON, Deborah. Sex/Gender, language and the New Biologism. *Applied Linguistics*, v. 31, n. 2, p. 173–192, 2009.

CAMERON, Deborah. The gender respect gap. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa (Org.). *Innovations and Challenges: women, language and sexism*. Londres: Routledge, 2020, p. 19-33.

CAMERON, Deborah. *The myth of Mars and Venus: do men and women really speak different languages?* Oxford: Oxford University Press, 2007.

CAMERON, Deborah. *Verbal hygiene*. 2. ed. Oxon: Routledge, 2012.

CARR, Jo; PAUWELS, Anne. *Boys and foreign language learning*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2006.

DENSON, Thomas et al. Aggression in women: behavior, brain and hormones. *Frontiers in behavioral neuroscience*, v. 12, n. 81, 2018.

DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1988.

EADES, Diana. Erasing context in the Courtroom construal of consent. In: EHRLICH, Susan; EADES, Diana; AINSWORTH, Janet (Orgs.). *Discursive constructions of consent in the legal process*. Nova York: Oxford University Press, 2016. p. 71-90.

EHRLICH, Susan. Post-penetration rape: coercion or freely given consent? In: EHRLICH, Susan; EADES, Diana; AINSWORTH, Janet (Orgs.). *Discursive constructions of consent in the legal process*. Nova York: Oxford University Press, 2016. p. 47–70.

EHRlich, Susan. Text trajectories, legal discourse and gendered inequalities. *Applied Linguistics Review*, v. 3, n. 1, p. 47-73, 2012.

EICHTHAL, Gustave d'; ISMAIL, Urbain. *Letters sur la race noire et la race blanche*. Paris: Paulin, 1839.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, n. 17-18, p. 9-79, 2001.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Myths of gender: biological theories about men and women*. 2 ed. Nova York: BasicBooks, 1992.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Sex/Gender: biology in a social world*. Nova York: Routledge, 2012.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the body: Gender Politics and the construction of sexuality*. New York: Basic Books, 2000.

FINE, Cordelia. *Homens não são de Marte, mulheres não são de Vênus: como a nossa mente, a sociedade e o neurosexismo criam a diferença entre os sexos*. São Paulo: Cultrix, 2012.

FLORES, Paulo. O que a Cambridge Analytica, que ajudou a eleger Trump, quer fazer no Brasil. *Nexo*. 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/12/08/O-que-a-Cambridge-Analytica-que-ajudou-a-eleger-Trump-quer-fazer-no-Brasil>. Acesso em 29 jan. 2020.

GAL, Susan. A Semiotics of the Public/Private Distinction. *differences*, v. 13, n. 1, p. 77-95, 2002.

GALENO. *On the usefulness of the parts of the body*. Ithaca: Cornell University Press, 1968.

GRAY, John. *Men are from Mars, women are from Venus*. Nova York: HarperCollins, 1992.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. *Alfa*, v. 61, n. 1, p. 11-33, 2017.

HALL, Kira; BORBA, Rodrigo; HIRAMOTO, Mia. Language and Gender. In: STANLAW, James. M. (Org.). *The International Encyclopedia of Linguistic Anthropology*. Hoboken, Nova Jersey: Wiley, no prelo. Disponível em https://www.academia.edu/42976747/Language_and_Gender. Acesso em 07 dezembro 2020.

HINE, Christine. *Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday*. Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. Londres: SAGE, 2000.

HYDE, Janet. The gender similarities hypothesis. *American Psychologist*, v. 60, n. 6, p. 581-592, 2005.

IRVINE, Judith. The family romance of colonial linguistics: gender and family in nineteenth-

century representations of African languages. In: GAL, Susan; WOOLARD, Kathryn. (Orgs.). *Languages and Publics: the making of authority*. Nova York: Routledge, 2001. p. 13-29.

IRVINE, Judith T. When talk isn't cheap: language and political economy. *American Ethnologist*, v. 16, n. 2, p. 248–267, 1989.

IRVINE, Judith T.; GAL, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, Paul (Org.). *Regimes of Language: ideologies, politics and identities*. Santa Fe: School of American Research Press, 2000. p. 35–84.

JEFFERSON, Gail. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, Gene H. (Org.). *Conversation Analysis: studies from the first generation*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 13-31.

KEANE, Webb; SILVERSTEIN, Michael. Curated conversation: “Materiality: it’s the stuff!” In: CAVANAUGH, Jillian; SHANKAR, Shalini. (Orgs.). *Language and Materiality: ethnographic and theoretical explanations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 29-40.

KOUL, Arnesh. Understanding YouTubes’s algorithm in 2019. *Social*. 2019. Disponível em <http://social.colostate.edu/2019/04/02/youtube-algorithm/#:~:text=YouTube's%20algorithm%20serves%20to%20render,among%20hundreds%20of%20data%20points>. Acesso em 02 jul. 2020.

KROSKRITY, Paul. Language ideologies. In: DURANTI, Alessandro (Org.). *A Companion to Linguistic Anthropology*. Malden: Blackwell, 2004. p. 496–517.

KULICK, Don. Speaking as a woman: structure and gender in domestic arguments in a New Guinea village. *Cultural Anthropology*, v. 8, n. 4, p. 510–541, 1993.

LAKOFF, Robin. *Language and Woman’s Place*. Nova York: Harper and Now, 1975.

LAQUEUR, Thomas. *Making Sex: body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, EUA: Harvard University Press, 1990.

MELO, Glenda de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de um elogio que fere. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 54, n. 1, p. 1-26, 2015.

MERTZ, Elizabeth. Recontextualization as socialization: text and pragmatics in the law school classroom. In: SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg (Orgs.). *Natural Histories of Discourse*. Chicago: Chicago University Press, 1996. p. 229–249.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRÍCIO, Branca Falabella. Viagem textual pelo sul global : ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 18, n. 3, p. 769–784, 2018.

MOORE, David; JOHNSON, Scott. Mental rotation in human infants: a sex difference. *Psychological Science*, v. 19, n. 11, p. 1063–1066, 2008.

MOREAU, Jacques-Louis. *Histoire Naturelle de la femme*. Paris, 1803.

MUTSAERS, Paul. Should big data determine who gets pulled over? *Diggit Magazine*. Disponível em <https://www.diggitmagazine.com/column/should-big-data-determine-who-gets-pulled-over>. Acesso em 29 jan. 2020.

NUCCI, Marina. Crítica feminista à ciência: das “feminista biólogas” ao caso das “neurofeministas”. *Estudos Feministas*, v. 26, n. 1, e41089, 2018.

NUCCI, Marina. Neurocientistas feministas e o debate sobre o “sexo cerebral”: um estudo sobre ciência e sexo/gênero. *Em construção*, n. 4, p. 37-49, 2019.

PHILADELPHOFF-PUREN, Nina. The mark of refusal: sexual violence and the politics of recontextualization. *Feminist Theory*, v. 5, n. 3, p. 243–256, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. *Tempo social*, v. 2, n. 2, p. 7-33, 1990.

PINTO, Joana Plaza. *A linguagem nas fronteiras do corpo em movimento: permeabilidade linguística da carne*. 2020. 121 f. Tese (Titular) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2020.

PINTO, Joana Plaza. Atos de autoria: assinaturas, rasuras, rupturas. *Investigações*, v. 22, n. 1, p. 103-110, 2009.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*, v. 23, n. 1, p. 1–26, 2007.

PINTO, Joana Plaza. Estranhar a “mulher”: algumas questões teórico-políticas do sujeito do feminismo. *Anais do VIII Encontro nacional de linguagem verbal e não-verbal e II Simpósio internacional de análise crítica do discurso*, v. único, p. 1–9, 2008.

PINTO, Joana Plaza. Linguagem, feminismo e efeitos de corpo. In: SILVA, Daniel; FERREIRA, Dina; ALENCAR, Claudiana; (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 207–230.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a categoria mulher? In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002. p. 1–25.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.

RUBIN, Gayle. The Traffic in women: notes on the political economy of sex. In: REITER, Rayna (Org.). *Toward an anthropology of women*. Nova York: Monthly Review Press, 1975. p. 157–210.

SANTOS, Vinícius. *Big data, meio e linguagem: novas tecnologias e práticas linguísticas*. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2016.

SAX, Leonard. *Why gender matters: what parents and teachers need to know about the*

emerging of sex differences. Nova York: Broadway Books, 2006.

SCHULMAN, Alix Kates. Sex and power: sexual bases of radical feminism. *Signs*, v. 5, n. 4, p. 590-604, 1980.

SCHWARTZMAN, José Salomão. *Diferenças de gênero | Entrevista | Drauzio Varella - Drauzio Varella*. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/diferencas-de-genero-entrevista/>. Acesso em 15 set. 2019.

SCOTT, Joan. Deconstructing equality-versus-difference: Or, the uses of poststructuralist theory for feminism. In: SEIDMAN, Steven (Org.). *The postmodern turn: new perspectives on social theory*. Nova York: Cambridge University Press, 1994. p. 282-298.

VALLADA, Amanda Diniz. Digitalização e a luta pela linguagem. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 2, p. 1158-1170, 2020a.

VALLADA, Amanda Diniz. Estilização de gênero e ideologias linguísticas: conexões teóricas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 62, p. 1-13, e020003, 2020b.

VALLADA, Amanda Diniz; PINTO, Joana Plaza. Cinco décadas de linguística feminista: índices de consolidação do campo. *Estudos Feministas*, v. 29, n. 1, 2021.

VARIS, Piia. Digital ethnography. *Tilburg Papers in Cultural Studies*, n. 104, 2014.

VARIS, Piia; HOU, Mingyi. Digital approaches in linguistic ethnography. In: TUSTING, Karin (Org.). *The Routledge Handbook of Linguistic Ethnography*. Abingdon: Routledge, 2020. p. 229–240.

ZIMMERMAN, Don; WEST, Cadence. Sex roles, interruptions, and silences in conversations. In: THORNE, Barrie; HENLEY, Nancy (Orgs.). *Language and sex: difference and dominance*. Rowley: Newbury House, 1975. p. 105–129.